

SARA CATARINA DELGADO SILVA

PROVA FINAL DE LICENCIATURA EM ARQUITECTURA

ORIENTADOR: PROFESSOR DOUTOR ARQUITECTO PAULO PROVIDÊNCIA

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E

TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

JANEIRO DE 2009

**ESTÂNCIA DE FÉRIAS DAS PENHAS
DOURADAS**

À minha família, pelo constante incentivo,

Ao Pedro, pelo apoio inesgotável,

Ao Dr. João Tomás, cuja ajuda foi fundamental na realização desta prova,

A todos os proprietários das casas das Penhas Douradas aqui analisadas, pela disponibilidade e pelo contributo dos seus conhecimentos,

Aos Serviços Florestais, Câmara Municipal e Arquivo de Manteigas,

Ao meu orientador, o Arquitecto Paulo Providência,

e a todos aqueles que contribuíram directa ou indirectamente para a realização deste trabalho,

Os meus sinceros Agradecimentos.

METODOLOGIA

Esta dissertação tem como principal objectivo o estudo do colectivo de chalés que constituem a estância de férias das Penhas Douradas - Estação Climatérica de Altitude.

A abordagem a este tema faz-se através da divisão estrutural do trabalho em duas partes principais, sendo a primeira parte de carácter introdutivo, fornecendo uma análise aos precedentes que conduziram ao desenvolvimento da estância das Penhas Douradas, caracterizada na segunda parte.

O estudo do conjunto de chalés existentes nesta estância baseia-se não só na informação recolhida bibliograficamente, mas principalmente na investigação directa das referidas construções e sua caracterização envolvente, e nas informações fornecidas em entrevistas efectuadas aos respectivos proprietários.

ÍNDICE

1 – DA VILEGIATURA À CLIMATOTERAPIA: O DESENVOLVIMENTO DAS ESTÂNCIAS CLIMATÉRICAS ...11

- 1.1 - Introdução_12
- 1.2 - A Montanha e o Homem_15
- 1.3 - Um Novo Conceito de Vilegiatura: Influências e Transferências no Processo de Transformação_27
- 1.4 - Da Climatologia à Climatoterapia_33
- 1.5 - As Estâncias Climatéricas_39
- 1.6 - O Chalé Suíço_57
- 1.7 - Arquitectura / Clima / Tuberculose_63

2 – O DESENVOLVIMENTO DA CLIMATOTERAPIA EM PORTUGAL: O “DESCOBRIMENTO” DA SERRA DA ESTRELA79

- 2.1 - Introdução_81
- 2.2 - A Vilegiatura e o Desenvolvimento da Climatoterapia_83
- 2.3 - A Serra da Estrela_93
- 2.4 - A Apropriação da Serra da Estrela com Estância Climatérica de Cura em Altitude_97
- 2.5 - Observatório do *Poio Negro* – Sanatório de Manteigas_109
- 2.5.1 - Observatório Meteorológico do *Poio Negro* e

Estação Telégrafo-postal_119

2.5.2 - *Casa da Fraga_121*

2.5.3 - *Casa da Encosta_123*

2.5.4 - *Vila Alzira_127*

2.5.5 - *Casa das Águias_133*

2.5.6 - *Casa Moinho de Vento_137*

2.5.7 - *Casa do Guarda do Alto da Serra ou Casa da Floresta_143*

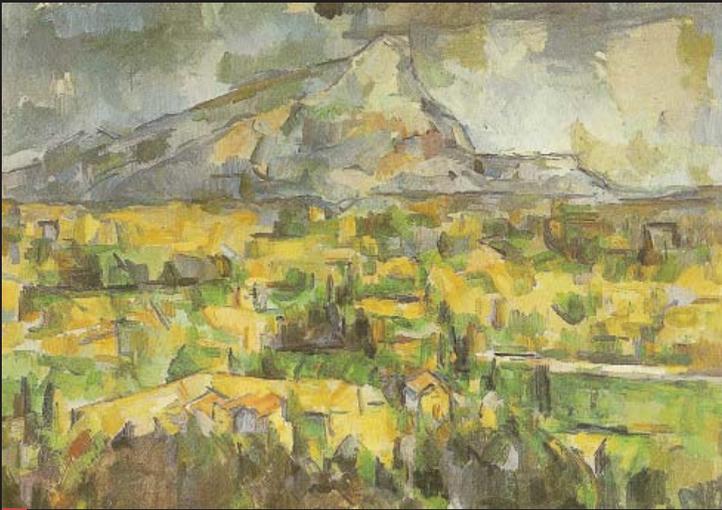
2.5.8 - *Casa do Seixo_147*

2.5.9 - *Hotel-Pensão Montanha_151*

2.6 - Casa Tradicional / Casa Industrial – Interior / Exterior_155

3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS169

BIBLIOGRAFIA172



1 PAUL CÉZANNE, A MONTANHA DE SAINTE-VICTOIRE, 1904-06.

“No seio das Montanhas, longe do tumultuar das paixões humanas, no silêncio solene e profundo, que só a música da Natureza interrompe, o homem sente a impressão de que deixou a Terra a caminho do Céu e se aproximou de Deus.”¹

I

**DA VILEGIATURA À CLIMATOTERAPIA: O
DESENVOLVIMENTO DAS ESTÂNCIAS CLIMATÉRICAS**

1.1 - INTRODUÇÃO

As montanhas têm representado para o homem, ao longo dos tempos, um lugar puro e sagrado. As suas características afiguram-se como regeneradoras do corpo e da mente, permitindo o retorno ao essencial dos sentidos pelas suas paisagens, umas vezes bucólicas, outras vezes severas e grandiosas, onde a arquitectura surge de forma singela, por vezes pitoresca, adaptando-se às exigências topográficas e climáticas locais².

Num mundo onde se encontra tudo em permanente mutação, configurando ciclos de constante instabilidade, a montanha insurge-se como um marco eterno, estático e imutável.

O termo *paisagem* é descrito no Dicionário Universal da Língua Portuguesa da seguinte forma: “*extensão de território que se abrange num só lance de vista; género de pintura ou literatura cujo fim é a representação ou a descrição de cenas campestres; quadro que representa essas cenas; aspecto, vista*”³. Por sua vez, ao termo *panorama* é atribuída a seguinte designação: “*grande quadro cilíndrico, iluminado do alto, disposto de modo que representa à vista a perspectiva de um aglomerado urbano ou de uma pai-*

sagem; vista; grande extensão que se avista de uma elevação”⁴. Ambos os termos possuem vínculos com a montanha e todo o seu cenário de forma associativa, acompanhando a sua terminologia e caracterizando-a na sua totalidade. A natureza, ou a sua noção, pode considerar-se um “produto” cultural que experimenta permutas e mudanças em relação directa com a organização dos saberes das distintas culturas. Esse “produto” torna-se determinante no momento em que é necessário classificar os limites técnicos e imaginários da paisagem como espaço projectual. Desde tempo imemorial que a filosofia, a ciência e as artes plásticas procuram reformular as relações do homem com a natureza, modificando os padrões com os quais este a entende e a vê⁵. A mecânica da observação da natureza começa, então, com a subida a um ponto ou atalaia privilegiados, intensificando-se sempre mediante o isolamento e a ascensão⁶.

Tanto a religião como a ciência têm, ao longo dos tempos, experimentado uma aproximação às montanhas explorando-as até aos seus limites, não obstante os perigos, adversidades e fadigas a elas subjacentes, procurando delas extrair os mais profundos mistérios e implantando nelas os seus santuários, sejam eles decontemplanção religiosa, como os templos,

mosteiros e abadias, de investigação científica, como os Observatórios, ou de carácter terapêutico, como as estâncias de saúde⁷.

Também no mundo da literatura vários autores têm celebrado numerosas montanhas em variadas lendas, poesias, narrativas, etc., onde figuram nomes de heróis e nomes de mártires que marcaram a história dos lugares⁸.

Este capítulo pretende uma aproximação ao paradigma da Montanha, a evolução do percurso do homem na conquista dos seus cumes, o desenvolvimento do seu interesse por ela, a sua abordagem e descobertas resultantes da mesma. A forma como a Revolução Industrial e os caminhos-de-ferro marcaram o modo de vida das populações a partir de meados do século XIX, contribuindo para o desenvolvimento de novas formas de vilegiatura, as preocupações higienistas com a saúde pública e com as epidemias predominantes, bem como as descobertas das ciências médicas daí resultantes que conduziram à investigação de factores de amenização ou erradicação do problema, são também pontos essenciais à contextualização do tema em estudo. O clima torna-se a base de toda a evolução programática, sobretudo no que respeita às regiões de grande altitude em montanha. Todo este

conjunto de factores constituiu o ponto de partida para o início de um movimento determinante para o universo da medicina, do turismo e da arquitectura.



2



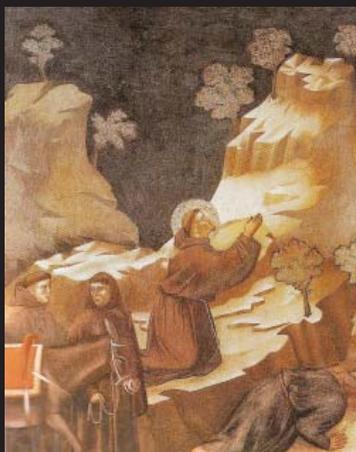
4



5



7



3



6



8

FIGURA 2: Castelo de *Peyrepertude* no Languedoc, França.

FIGURA 3: Giotto, *História de São Francisco - O Milagre da Fonte*, 1297-300, Basílica de São Francisco de Assis, Itália.

FIGURA 4: Mosteiro de Santa Catarina no Monte Sinai, Egípto.

FIGURA 5: Mosteiro de Varlaam nos Meteors, Grécia.

FIGURA 6: Mosteiro de Roussanou nos Meteors, Grécia.

FIGURA 7: Mosteiro *Simonos Petra* no Monte Atos, Grécia.

FIGURA 8: Desenho do Monte Atos por Le Corbusier.

1.2 - A MONTANHA E O HOMEM

*“A altitude impõe limites a certas culturas e à própria vida humana, o vigor do relevo e a violência da erosão interditam, para muitas áreas montanhosas, qualquer utilização do solo.”*⁹

As altitudes sempre se afiguraram como locais pouco atraentes para a constituição de povoações devido às condições de vida pouco favorecidas que ofereciam. As suas características climáticas específicas associadas ao seu isolamento face às regiões das planícies, dificuldades na deslocação e comunicação com as cercanias, escassez de alimentos e possível existência de animais selvagens, eram alguns dos obstáculos inerentes ao ambiente da montanha¹⁰.

As primeiras construções a surgir nos cumes das montanhas estão relacionadas com a possibilidade de domínio e defesa de um território, tendo adquirido o seu desenvolvimento através da arquitectura militar¹¹. Também vários santuários, como mosteiros e abadias na época medieval surgiram isoladamente em vales e planaltos de grande altitude, numa tentativa de “aproximação do homem aos céus”, mas também na expectativa de vencer o carácter monstruoso da montanha “exorcizando-a” e “subjugando-a” aos

poderes antropomórficos da Igreja¹². Era, no entanto, já uma prática comum desde há vários séculos atribuir às montanhas um sentido divino, como por exemplo ao Monte Sinai ou ao Monte Olimpo, ambos considerados “*habitações de Deuses*”¹³. Assim, eremitas e ascetas procuram refúgio nas alturas para nelas construir os seus lugares de culto, como os mosteiros ortodoxos erguidos nas alturas inacessíveis dos rochedos dos Meteoros ou nas encostas do monte Atos, ambos na Grécia, e fundando ordens, como a Ordem dos Beneditinos no cume do Montecassino e a Ordem Franciscana no monte Verna¹⁴.

A descoberta da existência de vários pontos nos Alpes que permitiam a sua travessia, as chamadas “passagens”, levou os romanos à construção de estradas e à edificação de cidades nas extremidades destas passagens, como por exemplo, Aosta e Martigny, no lado sul e norte, respectivamente, do vale do Gran San Bernardo, e, através dos Alpes, a iniciar a sua conquista do mundo. No entanto, séculos mais tarde, estas passagens romanas seriam usadas pelos bárbaros no sentido inverso, o que originou inúmeras invasões que colocaram um término na Antiguidade e deram início à Idade Média¹⁵.

“Um único motivo pode convencer um europeu

da Idade Média a empreender uma viagem: a peregrinação a um lugar sagrado da Cristandade. E um único motivo faz com que ele se aventure por uma montanha: o de não ter itinerário alternativo para alcançar a sua meta.”¹⁶

As viagens empreendidas na época medieval estavam sujeitas a vários perigos e atribulações, nomeadamente no âmbito dos assaltos. No entanto, no imaginário colectivo, as montanhas representavam ainda um outro cenário de terror com raízes nas crenças populares de que existiam criaturas sobrenaturais a habitar as suas encostas. O fundador da Ordem Cisterciense, São Bernardo, foi um dos muitos santos chamados para irem aos Alpes matar os dragões que desciam pelas encostas sobre as povoações impedindo os peregrinos de aceder aos locais de culto. Estas crenças enraizaram-se nas populações durante muito tempo na história¹⁷.

A primeira abordagem directa à montanha, pela simples razão de que “ela existe”, teve como impulsionador o poeta italiano Petrarca, fundador do Humanismo, com a sua ascensão aos 1912 metros do Monte Ventoux, em Provença, em 1336. O Humanismo, corrente de pensamento inspirada na

cultura clássica greco-romana, “devolve a natureza ao homem”, ou seja, centra-se na observação, estudo e investigação do mundo físico¹⁸. A influência de Petrarca e do Humanismo sobre o Renascimento introduziu uma nova percepção da natureza. No entanto, a motivação que o impeliu ao encontro físico com a montanha só encontrou seguidores muito mais tarde.

Em meados do século XVIII a Europa alcançou um clima de paz e estabilidade económicas inéditas, levando a uma sensação de segurança generalizada¹⁹. A Revolução Industrial na Inglaterra suscitou uma série de processos, como a revolução dos transportes²⁰, que, cerca do segundo quartel do século XIX, promoveram a viagem como prática recreativa associada ao lazer.

*“O caminho-de-ferro e o steamer permitem a industrialização do lazer e facilitam a sua democratização.”*²¹

O aparecimento do caminho-de-ferro proporcionou uma importante transformação social, revolucionando decisivamente o uso do tempo livre, estando na origem da ideia de que *“as férias, enquanto instituição social, implicavam partir para uma longa viagem. A viagem tornou-se parte integrante – talvez mesmo a própria essência – das férias.”*²² Também o barco a

vapor teve um papel bastante influente na viagem e na vilegiatura. A sociedade ocidental envolve-se assim numa nova interpretação do lazer, associando-o ao conhecimento de novas culturas, ao estabelecimento de contacto com outras nações, à visita de monumentos, encontro com diferentes paisagens, etc., tornando a folga o arquétipo da peregrinação.

Antes do aparecimento do caminho-de-ferro a viagem era apenas um privilégio das classes abastadas, que se refugiavam nas suas residências particulares sazonais, mas também lentas, penosas e perigosas, já que as estradas muitas vezes estavam repletas de saltadores. A influência do comboio no turismo foi bastante notória, contribuindo largamente para o desenvolvimento de vários lugares de vilegiatura ao tornar a viagem acessível às massas. Estes locais cresciam em redor de gares e espalhavam-se pelo território em vários aglomerados urbanos de casas, hotéis e pensões, alinhados em costas e frentes marítimas, ou no interior em povoações campestres²³.

*“Com a ferrovia, a estabilidade cambial e os pressupostos do Grand Tour inglês, no século XIX, a alta sociedade viaja regularmente.”*²⁴

Com o nascimento do primeiro itinerário turístico da história, o Grand Tour, cuja travessia dos Alpes

foi o momento chave, a alta montanha e as suas características intimidantes suscitaram a curiosidade da sociedade da época, que a viam como um lugar de sublime horror e encanto. Em 1761, na obra “La Nouvelle Heloise”, Jean-Jacques Rousseau, um filósofo suíço do iluminismo francês e precursor do romantismo, retrata a sociedade alpina como um paradigma de virtude humana e de liberdade.

No entanto, foi a conquista do Monte Branco, o mais alto dos montes da Europa Ocidental com 4 807 metros de altitude, que determinou o nascimento do alpinismo²⁵.

*“Diante de nós estendia-se, grandiosa, em tôda a sua magnificência, sob o céu azul, a cordilheira do Monte Branco com as suas neves eternas, com as suas encostas alcantiladas, com os seus enormes píncaros, separados por dez grandes geleiras, entre os quais se elevava soberbo, quási a prumo sôbre o vale, o herói da cordilheira, coberto com o seu alvíssimo capacete de neve.”*²⁶

Este monte era anteriormente conhecido pelo emblemático nome de Monte Maldito, sendo apenas baptizado com o actual nome de Monte Branco em 1742 por cartógrafos do Iluminismo, aquando da sua execução do primeiro mapa do vale de Chamonix²⁷.



FIGURA 9: Monumento representante das duas primeiras ascensões ao Monte Branco.

Figura 10: Vista Frontal do mesmo monumento, com Horace-Bénédict de Saussure e Jacques Balmat.

“O Génio da Montanha, não querendo que o homem manchasse com os seus pés as alvas cãs que lhe cobrem a cabeça, espalhou pelas encostas numerosos e variados obstáculos, que retivessem o audaz que pretendesse fazê-lo.”²⁸

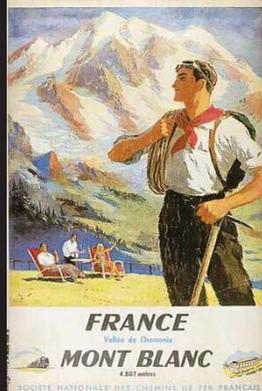
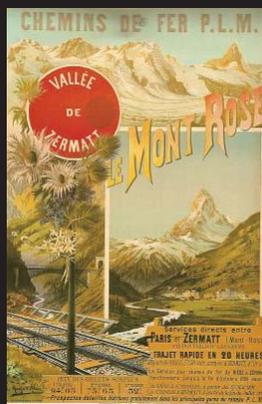
As duas primeiras ascensões ao vértice desta montanha encontram-se representadas na Praça do Priorado em Chamonix, França, através de um monumento com duas estátuas de bronze. Uma das figuras representa Horace-Bénédict de Saussure, professor na Academia de Genebra e o maior dos fundadores da Geologia, que se tornou célebre pelas suas viagens de estudo aos Alpes às quais consagrou uma obra monumental, notável tanto pelos resultados científicos que encerra como pela eloquência com que nela descreve as belezas da grande cordilheira. A outra figura representa Jacques Balmat, um montanhês de Chamonix, que subiu ao cume da montanha pela primeira vez em 1786 juntamente com o médico Michel Paccard, feito que captou a atenção de Saussure que o seguiu um ano depois, em 1787²⁹.

“O Monte Branco e o Jungfrau ficaram na moda com o retorno da admiração por Shakespeare, pela arquitectura gótica, pela escola romântica de arte e literatura e com todo o espírito moderno que ainda

não estamos em condições de criticar.”³⁰

O cenário montanhoso assume desta forma características associativas de tom moral, místico, literário e mesmo religioso, reflectindo-se em inúmeras obras de expressão proveniente de todos os pólos artísticos.

O alpinismo, técnica de escalar montanhas, tem origem na ciência iluminista e na sua necessidade de medir, estudar, observar e experimentar³¹. Saussure, bem como outros sábios depois dele, subiram ao cume do Monte Branco para ali realizar observações científicas. Assim, durante várias décadas após a conquista deste maciço, destaca-se a actividade de geólogos, naturalistas, médicos, topógrafos, etc., pois os fenómenos meteorológicos que ocorrem nos lugares altos e isolados estão menos envolvidos em perturbações locais, prejudiciais ao seu estudo, do que os que ocorrem nos lugares baixos. No seio da atmosfera terrestre, dão-se também fenómenos cuja intensidade varia com a altitude do lugar onde se produzem, e para os estudar é necessário fazer observações em pontos situados a diferentes altitudes. No entanto, estas observações eram feitas apressadamente com pequenos aparelhos por homens já fatigados pela es-



11



12



13

FIGURA 11: Cartazes de publicidade ao alpinismo e à vilegiatura em Montanha, bem como aos novos caminhos ferroviários correspondentes.

FIGURA 12: Primeiro Observatório Meteorológico construído no Monte Branco, a 450m abaixo do cume.

FIGURA 13: Observatório construído entre 1892-1897 no cume do Monte Branco. Alguns anos após a sua inauguração, a frágil estrutura sustentada sobre vários metros de neve não resistiu e acabou por precipitar-se sobre o abismo.

calada. Tornou-se premente o estabelecimento de um sistema regular de trabalhos, situado no vértice ou próximo dele, efectuados com instrumentos automáticos apropriados e fixos, que fizessem o seu registo de forma contínua e repetida ao longo de diferentes horas de dias sucessivos, nos diferentes meses e estações do ano.

Surgem assim os primeiros Observatórios de montanha, equipamentos de grande préstimo no estudo de muitas questões da física terrestre e da física celeste, nomeadamente o estudo das variações, consoante a altitude, da densidade do ar e da pressão atmosférica, da temperatura, do grau de humidade, da tensão do vapor, da tensão eléctrica, da quantidade de ozono, do magnetismo terrestre, da velocidade do vento e também de diversas questões relativas à vida animal e vegetal³². Os locais mais altos e isolados são os mais indicados para a realização de estudos. O vértice do Monte Branco, pela sua altitude e isolamento, que resulta do facto de se elevar a cerca de 1000 metros acima dos cumes vizinhos, bem como pela secura da sua atmosfera, é o ponto da Europa que melhor satisfaz as condições ideais para realizar observações meteorológicas³³. Segundo o arquitecto Iñaki Ábalos, um Observatório não é uma torre de vigia ou atalaia

que permite uma experiência ou percepção imediatas, mas um lugar no qual, através da tecnologia e de distintas técnicas se consegue estabelecer um diálogo com a natureza, onde a experiência da percepção se traduz em conhecimento³⁴.

“A característica que mais ressalta numa montanha é o efeito psicológico que provoca sobre quem a observa.”³⁵

Entre todos os sábios que se interessaram pelo estudo do Monte Branco destaca-se também o arquitecto e teórico racionalista Eugène-Emmanuel Viollet-le-Duc, que por volta do terceiro quartel do século XIX, defendeu, numa série de debates polémicos acerca da questão do desenho na Ecole des Beaux-Arts, que um programa pedagógico apenas aumentava e desenvolvia a inteligência do aluno ao reconhecer que o modelo ideal era a natureza. Considerava que assim o estudante/desenhador adoptava a posição crítica de um observador, para o qual a natureza “gritaria” os segredos da sua ordem lógica³⁶.

Foi durante este período que Viollet-le-Duc começou as suas expedições até ao Monte Branco, começando os seus estudos das origens estruturais das montanhas. Durante essas expedições tornou célebre a “câmara lúcida”, instrumento que proporcionou uma



Figura 14: Conjunto de desenhos de Viollet-le-Duc, integrantes no tratado geológico "Le Massif du Mont-Blanc, étude sur sa construction géodésique et géologique, sur ses transformations et sur l'état ancien et moderne de ses glaciers", feitos através de uma "câmara lúcida", 1876.

elevada e expressiva ligação entre o seu pensamento arquitectónico e os seus estudos geológicos neste maciço. O arquitecto defendia que este dispositivo conferia credibilidade científica aos desenhos arquitectónicos feitos no local, tornando-lhe possível a visualização de distantes montanhas a uma grande escala e “agarrar” a silhueta dos seus pináculos disfarçados pelo branco reflector da neve. Viollet-le-Duc estudou e analisou exaustivamente o Monte Branco, registando as suas conclusões num tratado geológico, “Le Massif du Mont-Blanc, étude sur sa construction géodésique et géologique, sur ses transformations et sur l’état ancien et moderne de ses glaciers” (Paris, 1876)³⁷. Foi também autor de alguns artigos para um anuário de alpinismo intitulado “Annuaire du Club alpin français”, de cujo Clube foi um dos fundadores³⁸, onde além de expor bastantes conhecimentos relacionados com questões climáticas e geológicas, manifestava o seu grande interesse pela respectiva modalidade.

O aparecimento de vários guias turísticos na transição do século XVIII para o século XIX, como o famoso “Murray’s Handbook”, vem fixar e classificar os sítios, o que constituiu um aspecto fulcral para a evolução do turismo³⁹. Considerava-se que a preparação do itinerário deveria ser a primeira preocupação

do turista atribuindo-se ao guia o papel de agente essencial de intervenção na orientação. A conquista do Matterhorn, ou Monte Cervino, por Edward Whymper em 1865, até então considerado “invencível”, lançou uma nova visão sobre o alpinismo, constituindo-se como uma atitude provocatória face ao carácter imponente inerente a essas elevações, o utópico desafio proposto pela natureza, dando início a uma demanda que tem como princípio máximo a obtenção do primeiro lugar na conquista dos cumes⁴⁰. O alpinismo, doutrina afecta aos Alpes, como prática desportiva, constituiu a derradeira etapa na aproximação do homem à montanha⁴¹.

A criação do primeiro clube de alpinismo em Londres, o “Alpine Club”, reflecte o nível de entusiasmo que se fazia já sentir pela Europa relativamente à ascensão às grandes altitudes. Outros seguiram entretanto o exemplo britânico, como a França com o “Club Alpin” e a Itália com o “Club Alpino di Torino”.

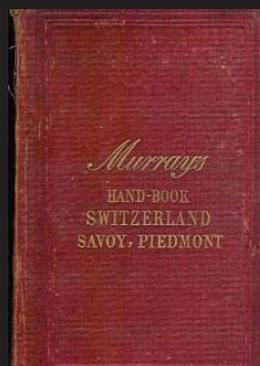
John Tyndall, um físico irlandês considerado não só um cientista brilhante mas também um alpinista excepcional, é um dos últimos representantes desta geração de homens poliédricos que para além de estudarem as montanhas também as escalam, realizando várias excursões aos Alpes⁴². Foi responsável



15



16



19

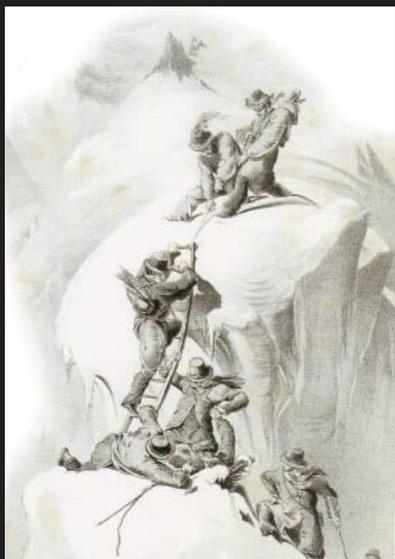
FIGURA 15: Desenho de Gustave Doré, um artista Francês, que ilustra a primeira ascensão ao Matterhorn em 1865.

FIGURA 16: *Acidente logo após a primeira ascensão ao Matterhorn*, de Gustave Doré.

FIGURA 17: *Acidente no Matterhorn*, de Edward Whymper.

FIGURA 18: Ilustração da primeira ascensão do Chimborazo em 1880, de Edward Whymper.

FIGURA 19: Guia Murray para a Suíça, de 1874. John Murray iniciou a sua série *Handbook for Travellers* em 1836, tornando-se um dos pioneiros no universo dos grandes guias turísticos, com cerca de 400 títulos publicados.



17



18

pela descoberta em 1871 do fenómeno do regelo, que explica a marcha dos glaciares, bem como a difusão da luz pelas suspensões coloidais. Este cientista descobriu ainda muitas das condições em que se desenvolvem os micróbios, contribuindo largamente para a evolução da medicina experimental⁴³.

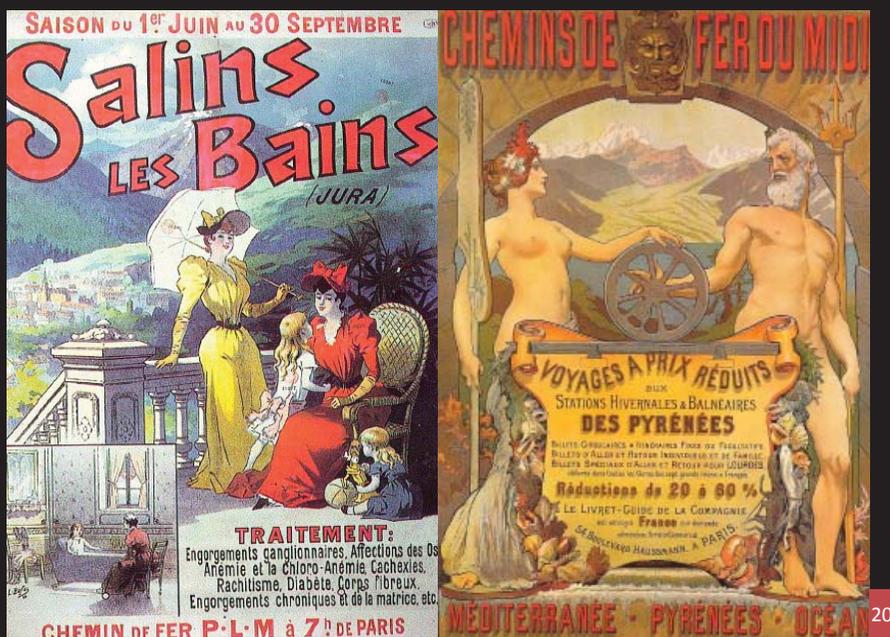


FIGURA 20: Cartazes de publicidade de a estâncias de cura, termais, de inverno e balneares, com destaque para o transporte, por caminhos de ferro.

1.3 - UM NOVO CONCEITO DE VILEGIATURA: INFLUÊNCIAS E TRANSFERÊNCIAS NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO

Por meados do século XIX começa a surgir entre as classes mais abastadas a noção de viagem associada ao restabelecimento do corpo. A ideia de que o clima e a saúde estavam directamente relacionados começa a enraizar-se no seio das sociedades ocidentais e a ser bastante propagandeada pelas classes médicas que apoiavam a vilegiatura como uma actividade higiénica⁴⁴.

As estâncias balneares começaram a afirmar-se como locais de grande salubridade, onde o ar e a atmosfera, sobretudo nas estâncias situadas junto ao mar e rodeadas por abruptas falésias, eram considerados pelos médicos da época como reconstituintes. O ar do mar era considerado altamente purificador, possuindo propriedades capazes de estimular e limpar o sangue e consequentemente todo o organismo. Estes locais possuíam cenários de natureza privilegiada onde o sacrifício médico da cura era transformado no prazer da vilegiatura⁴⁵.

A tuberculose, ou tísica antiga, bem como outras doenças crónicas dos órgãos respiratórios foram

praticamente as únicas enfermidades a receber tratamento pelo clima⁴⁶. Até finais do século XVIII, o doente tuberculoso permanecia em ambiente doméstico, sem qualquer tipo de regime higiénico disciplinador que o orientasse. O aumento da incidência desta doença estava relacionado com a crescente decadência da higiene citadina, desencadeada pelo fenómeno do êxodo rural que veio provocar, entre outros problemas, a crise da habitação⁴⁷. A sensação de perigo e ameaça à sobrevivência foram factores bastante desestabilizadores da sociedade, nomeadamente entre as classes superiores conservadoras⁴⁸. A forte publicidade de que foram alvo as novas medicações da moda, cujas prescrições se baseavam na “mudança de ares” para climas apropriados ao estado de saúde ou doença em questão, a par com o enriquecimento da dieta alimentar, o “exercício higiénico”, o repouso e a distração, despoletou a adesão das massas⁴⁹. *“Pensava-se que uma mudança de ares podia ajudar, e mesmo curar, o tuberculoso. (...) Os médicos aconselhavam uma deslocação para sítios altos e secos – a montanha, o deserto.”*⁵⁰

A noção de que as propriedades do ar tinham um efeito benéfico na saúde dos doentes tuberculosos conduziu à formação de colónias, e até mesmo

idades “cosmopolitas”, muitas delas com autonomia económica⁵¹. Os dirigentes da indústria turística reconheciam que era bastante lucrativo transformar pequenas aldeias e povoações, cujos critérios respeitantes ao clima correspondessem aos estabelecidos pelas classes médicas como ideais para tratamentos de cura, em importantes pólos de atracção da alta burguesia e da aristocracia internacional⁵². Assim, estâncias anteriormente reservadas a uma pequena elite eram agora invadidas por multidões, atraídas pelas novas promessas de tratamento e cura⁵³. Surge uma nova forma de arquitectura e urbanismo assentes na obsessão higienista do restabelecimento do corpo através do suporte físico envolvente.

O prestígio crescente das montanhas torna-se concretizado com a criação das primeiras estâncias de montanha. As várias declarações dos higienistas, que então proclamavam o alto contributo dos climas alpinos para o tratamento da tuberculose pulmonar, muito contribuíram para o desenvolvimento deste fenómeno, alcançando as massas através de jornais, revistas e guias turísticos, num dos quais chegou mesmo a ser publicado um artigo onde se propunha *“enviar todos os doentes para onde o grau de fluidez e subtilidade do ar fossem os mais apropriados ao seu estado*

*físico, sendo possível afirmar com segurança esta relação.”*⁵⁴ A medicina alia-se deste modo a todos os tipos de comunicação social, num acto de sensibilização para a saúde pública, contribuindo largamente para o desenvolvimento turístico e conseqüentemente económico de várias regiões em finais do século⁵⁵.

Este grupo de médicos e higienistas, empenhados na propaganda da climatoterapia em meio alpino, defendiam que o desafio efectuado pelos doentes tuberculosos ao período de aclimação, quando confrontados com o clima de altitude, lhes impunha uma “ginástica respiratória” provocada pela necessidade do organismo em absorver um maior volume de oxigénio, conduzindo-o à permeabilidade dos pulmões. Esta “ginástica respiratória” era considerada fundamental no processo de cura, sendo no entanto restrita ao universo tratável e curável de tuberculosos⁵⁶.

“(…) sabia-se há muito que em certas montanhas a tísica não aparecia. Por exemplo, em dadas altitudes dos Andes, dos Alpes, da Styria e da Silesia – não há tísicos. Conhecido isto, nada mais natural do que experimentar se tísicos mandados para essas regiões lucrariam com a nova residência. Experimentou-se e viu-se que sim, que muitos d’elles lucravam bastante. Uns curavam-se de todo; outros melhoravam immen-

samente; alguns, menos felizes, só obtinham um estacionamento da doença; outros, os mais desgraçados, nada ganhavam.”⁵⁷

Considerava-se que quanto menos povoado o local fosse, mais eficaz seria o tratamento ali efectuado e que quanto maior fosse a rarefacção do ar e escassa a humidade atmosférica menor probabilidade haveria de propagação de micróbios e parasitas.

Ao longo do século XIX, antigas povoações de montanha, bem localizadas em vias de passagem, que viviam da actividade pastoril, começaram a desenvolver-se como centros de actividade cuja função era o apoio aos novos preceitos do turismo, como o termalismo, a climatoterapia, o alpinismo, a vilegiatura mundana, entre outros. A pureza, frescura, densidade, elasticidade e outras qualidades do ar associadas a estes locais revelavam-se como reconstituintes da saúde e do corpo, habituado ao ar contaminado, poluído, estagnado, fétido, etc., dos ambientes citadinos da época. Valorizava-se, deste modo, um modo de vida simples, desprovido de artifícios, e as necessidades elementares portadoras de saúde, como a prática de uma boa dieta alimentar e o “exercício higiénico”⁵⁸.

*“Onde entram sol e ar não entra o médico.”*⁵⁹

Esta nova forma de colonização tornou-se re-

corrente, configurando espaços reconhecidos pelas suas características higiénicas e pela capacidade de constituírem uma mais-valia para a saúde dos seus habitantes e visitantes.

A indústria turística encontra nos novos sistemas ferroviários o apoio necessário para a mobilização do colectivo de viajantes que procura, para além do tratamento para as suas enfermidades, o encontro com o ambiente romântico personificado na montanha⁶⁰. Esta fusão entre a cura e a descontração assume-se como uma nova forma de vilegiatura, onde *“deslumbramento, sentimento religioso, gosto pela solidão desencadeiam a exaltação de reagir «contra» o quotidiano e a sua precipitação. Um Universo simbólico altera as imagens do escoar do tempo.”*⁶¹

O útil surge aliado ao belo, as paisagens estendem-se até onde o olhar alcança, criando uma ambiência onde prevalece o romantismo que anima a vilegiatura e adorna a cura. Os habitantes da montanha eram a essência de uma região onde esse cenário romântico e bucólico proporcionava o pitoresco necessário à vida de uma sociedade cujo quotidiano se encontrava dominado pelos avanços da nova era industrial⁶². A natureza proporcionava um “regresso às origens”.

*“A maquinaria é moralmente condenada como tentação de facilidade. (...) Contra os ritmos apressados da vida industrial e urbana, os naturistas defendem os tempos de um «antigamente» sem lugar nem data.”*⁶³

Assim, a natureza orientava o processo de cura, não só fisicamente, através dos benefícios proporcionados pelas suas condições climáticas, geográficas, etc., mas também empiricamente, através do seu simbolismo e qualidade visual.

A arquitetura alia-se desta forma à medicina e ao turismo, perfazendo uma triangulação que se encontra suportada por um espaço natural muito específico, a montanha, adaptando-se às condições topográficas e climáticas dominantes, mas sempre condicionada pela obsessão higienista.

Um dos pioneiros da cura em altitude foi o Dr. George Boddington, um médico do Warwickshire que publicou em 1840 um tratado sobre os benefícios da associação entre o ar frio e seco e o exercício físico, mas foi um médico alemão, o Dr. Hermann Brehmer, o mentor deste “movimento”⁶⁴, após a fundação em 1854 de uma estância climática para tuberculosos na Alta Silésia nos Alpes alemães, o Sanatório Gobersdorf, a 650 metros de altitude⁶⁵. Brehmer considerava a tu-

berculose pulmonar uma doença curável, sobretudo no início, e acreditava que *“As duas causas mais frequentes de mortalidade por tuberculose pulmonar são: a incompetência do médico e a indocilidade do doente, - ambas estranhas à natureza do próprio mal, cuja tendência espontânea é para curar.”*⁶⁶

As experiências do médico alemão Peter Döttwiller, que acreditava que as altitudes provocavam um processo de libertação sensorial, foram também de grande relevância no desenvolvimento do processo⁶⁷. A campanha de propaganda ao novo regime higiénico, principalmente através do contributo facultado por Brehmer cujo sanatório se converteu num protótipo reconhecido, difunde-se pela Europa⁶⁸ e ganha corpo nomeadamente entre a classe médica inglesa, que procura desde logo fundar um centro de tratamento da tuberculose nas altas montanhas da Suíça⁶⁹.

“A viagem nas montanhas dá saúde à alma com a variedade e encantos das paisagens, umas vezes bucólicas, outras vezes severas e grandiosas, dá instrução ao espírito com a variedade de formas da Natureza, que lhe apresenta as diversas altitudes, e dá saúde ao corpo com a pureza e frescura do ar e com os movimentos a que obriga, que podem ser regulados como se quiser, fazendo grandes ou pequenas ascen-

sões, percorrendo diariamente grandes ou pequenas distâncias.”⁷⁰



21

FIGURA 21: Monte Cervino (Matterhorn).

1.4 - DA CLIMATOLOGIA À CLIMATOTERAPIA

A meteorologia é uma ciência que estuda os fenómenos físicos que ocorrem na atmosfera terrestre e também aqueles que ocorrem na superfície do globo e estão relacionados com os fenómenos atmosféricos. A esta ciência corresponde uma técnica que elabora informações sobre o estado do tempo num local ou numa região, quer sobre o estado predominante do tempo no passado, quer sobre o estado provável do tempo no futuro⁷¹.

Segundo os meteorologistas, o termo *clima* significa a condição média do fenómeno meteorológico num dado lugar e o termo *tempo*, a condição da atmosfera a qualquer momento, tendo em conta o vento, a temperatura, a nebulosidade e a precipitação. Já do ponto de vista dos físicos e dos biólogos, *clima* é a combinação das várias condições da atmosfera e da superfície terrestre que determinam a adequação de uma região ou local para a vida e salubridade de animais e plantas⁷².

A climatologia é a secção da meteorologia que estuda, descreve e interpreta os climas. A interpretação física do clima faz-se pela análise dos valores numéricos que o descrevem, considerando as causas das

condições meteorológicas predominantes no local ou na região em questão e aplicando as leis da ciência meteorológica à influência, inter-relação e inter-acção destas causas, que se chamam “factores do clima”. Os factores gerais são a radiação solar e o movimento da Terra. Os factores regionais e locais são a influência do mar, dos continentes, dos lagos e das cadeias montanhosas, a topografia (incluindo a altitude), a exposição ao sol e aos ventos dominantes, a natureza e o revestimento do solo⁷³.

O estado do tempo constituiu sempre assunto de grande interesse para a Humanidade, tendo-se vindo a observar instintivamente, desde tempo imemorial, os fenómenos atmosféricos. O primeiro documento em que foram descritos estes fenómenos foi no conhecido trabalho de Hipócrates, o “Pai da Medicina”, intitulado “Ares, Águas e Lugares”, no século V a.C.. Também o tratado de Aristóteles sobre Física, denominado “Meteorológica”, no século seguinte, estuda todos os fenómenos naturais observados na terra, no ar e no céu, tendo permanecido um clássico até ao século XVIII. As descobertas do termómetro por Galileu em 1597 e do barómetro por Torricelli em 1643, seguidas de grandes progressos da Física experimental, marcam a transição das observações mete-

orológicas visuais para as instrumentais, dando início, um século mais tarde, a observações regulares do estado do tempo na parte civilizada do mundo⁷⁴.

A climatoterapia está intimamente ligada à saúde pública e higienização em geral, tendo como preocupação única os efeitos directos e indirectos do clima no homem. No entanto, as observações à flora e fauna fornecem também informações valiosas no que diz respeito à temperatura, humidade, equabilidade, insolação, vento e natureza da superfície terrestre numa localidade, e têm uma influência óbvia na adequação provável do local em questão para o homem em geral, bem como para pessoas de diferentes constituições. Um clima considerado bom, no sentido em que favorece o desenvolvimento de raças humanas, tanto vigorosas de corpo como capazes de mente, é um clima caracterizado por variações moderadas frequentes no tempo. Tal clima exercita os poderes de adaptação e resistência dos diferentes órgãos, sem os sujeitar a esforços excessivos, e mantendo o corpo a trabalhar em condições apropriadas. Porém, o melhor clima para um homem não é necessariamente o melhor clima para outro homem, pois o clima mais apropriado para uma qualquer pessoa em particular depende da sua constituição individual e estado de saúde ou de doen-

ça.

No tratamento da doença é importante ter em conta que nenhum clima é perfeito, que podem ocorrer variações irregulares em todos os climas, e que na maioria das estâncias de saúde, o clima não é igualmente benéfico para determinadas doenças em todas as estações do ano.

O clima de uma região ou local em particular é determinado pela sua distância ao equador, ou seja, pela sua latitude, pela sua elevação acima do nível do mar, ou altitude, pela sua distância e relação da sua posição com os mares, lagos e pântanos, bem como por outras características da envolvente e o aspecto do local em relação à mesma, pelos ventos prevalentes locais e gerais e pela natureza do solo e as condições naturais ou artificiais que contactam com a superfície do local e respectiva envolvente. Estas circunstâncias resultam na divisão em *climas de montanha* e *de planície*, e em *climas marítimos* e *de interior* ou *continentais*⁷⁵.

Em países montanhosos, o grau médio de temperatura diário diminui com a elevação acima do nível do mar. Isto aplica-se às zonas de declive da montanha, pois em vales de grande altitude, onde se situam muitas estâncias de saúde, ocorrem situações opostas,

já que durante a noite o ar sobre as encostas das montanhas tem tendência a arrefecer mais rapidamente do que o ar sobre os vales, e o ar mais frio e pesado afunda-se de forma a substituir o ar mais quente, que é mais leve e se ergue, diminuindo assim o grau médio de temperatura diário nas altas montanhas. No que diz respeito às estâncias de saúde, a preocupação principal centra-se no grau de temperatura para uma época ou estação em particular⁷⁶.

Quanto mais alto subimos, mais frio se torna o clima, até se alcançar um nível de neve perpétua. A vegetação sofre alterações de acordo com o clima, até cessar completamente. Por cada 100 metros aproximadamente de altitude, a atmosfera torna-se cerca de 0,6°C mais fria, excepto em regiões com determinadas condições locais, e por isso o nível de altitude em que a neve permanece todo o ano varia em vários países. Para além das baixas temperaturas, outras das características das grandes altitudes são a baixa pressão atmosférica, com conseqüente diminuição na densidade do ar correspondente ao nível de altitude local, e a secura, transparência, diatermia, pureza e moderação da atmosfera⁷⁷.

A pressão atmosférica é a força com que o pulmão humano recebe o ar que inspira, empurrando o

oxigénio através dos alvéolos até aos vasos sanguíneos. À medida que se sobe em altitude, diminui a pressão atmosférica, ou seja, a força com que o ar é empurrado para os alvéolos.⁷⁸ O ar é menos comprimido, torna-se menos denso, mais rarefeito. A uma altura de 5000 metros, aproximadamente, um dado volume de ar contém apenas cerca de metade da quantidade de oxigénio que teria ao nível do mar⁷⁹.

Também os ventos locais afectam menos um local algures no cimo de uma encosta de um vale do que um que se situe nas profundezas do vale. No que respeita às estâncias de saúde, o carácter e quantidade dos ventos locais e gerais é um factor de grande importância, como também as alturas do dia e as estações do ano em que prevalecem, se a sua ocorrência é relativamente constante ou sujeita a grandes e imprevisíveis irregularidades, se darão azo a repentinas variações de temperatura e humidade e se são acompanhadas por nuvens, precipitação ou poeiras. A quantidade relativa de abrigos obtidos em diferentes pontos da envolvente é também outro factor a ter em elevada consideração. Foi demonstrado que as regiões expostas a grandes ventos tendiam a ter uma maior taxa de mortalidade por tuberculose pulmonar do que as regiões vizinhas mais abrigadas. Assim, o

abrigo dos ventos era então um ponto de grande relevância na selecção de um local para implantação de um sanatório ou casa para a cura em ar livre para doentes de tuberculose. As encostas sul das montanhas são mais privilegiadas relativamente a factores como a incidência da luz solar, a drenagem natural e a ventilação, possuindo também solos mais secos do que os locais situados no fundo dos vales⁸⁰.

As características principais do clima das altitudes acima dos 1000 metros, ou seja, das grandes altitudes, são então a pressão atmosférica diminuída e a menor densidade ou maior rarefacção do ar, o baixo grau de humidade absoluta e relativa do ar, a ausência quase por completo de brumas e neblinas, uma maior transparência e diatermia do ar, maior diferença entre a temperatura ao sol e a temperatura à sombra, maior pureza da atmosfera relativamente a poeiras orgânicas e não orgânicas e ausência ou raridade de microrganismos e a estabilidade relativa da atmosfera⁸¹.

A desvantagem de aplicar uma classificação a um clima baseada em efeitos terapêuticos é que um clima que para uma pessoa é tónico, estimulante e revigorante, pode ser considerado por outra pessoa calmante, relaxante ou até depressivo⁸².

Muitos indivíduos experienciam um certo grau

de desconforto ou aflicção na chegada a estâncias de altas montanhas, que poderá durar alguns dias até se dar uma aclimatação do corpo. Estes efeitos podem ocorrer em qualquer estação do ano e podem ser explicados não só pela rarefacção e secura do ar, mas também pelo exercício prematuro de escalada em pessoas em baixo de forma e não acostumadas a grandes altitudes⁸³. Viollet-Le-Duc, num artigo publicado no *Annuaire du Club alpin français* de 1878, intitulado “Hygiène du voyageur dans les contrées alpines”, refere a necessária aclimatação do corpo às diferentes altitudes da montanha: “(...) quem quiser tornar-se montanhista tem que se preparar, subir todos os dias um pouco mais alto, habituar os pulmões à diferença de pressão atmosférica. (...) é preciso que a máquina funcione regularmente gastando sempre a mesma quantidade de força para que possa andar durante muito tempo sem fatigar os seus órgãos.”⁸⁴

A diminuída densidade do ar em altas elevações requer um aumento dos movimentos respiratórios, o que favorece o desenvolvimento dos músculos inerentes à respiração e pode inclusivamente promover a expansão do peito e dos pulmões. Foi observado frequentemente, como resultado de residência em estâncias de montanha de grande altitude, um aumento

nas medidas torácicas. Após uma residência mais prolongada nestas regiões, é alcançado um estado designado “hipertrofia do pulmão”. O peito é aumentado até certo ponto e é hiper-ressonante, ou seja, os sons respiratórios, em vez de serem fracos, são exagerados, mas a expiração não é prolongada. Ao aumentar os movimentos respiratórios, as grandes altitudes auxiliam também mecanicamente a circulação nos vasos sanguíneos das cavidades torácica e abdominal, o que potencia o aumento da produção de calor e o consequente aumento do metabolismo dos carboidratos, resultando em melhoramentos do apetite, digestão, nutrição geral e força muscular do corpo. A classe médica acreditava que todos estes aspectos conduziam a uma maior resistência à doença e, que no caso da tuberculose pulmonar em fase inicial favoreciam a cicatrização e até mesmo a total recuperação⁸⁵.

“(...) o elemento tisiogéneo morre ou definha nos climas alpinos.”⁸⁶



22

FIGURA 22: Uma rua de Londres no século XIX.

1.5 - AS ESTÂNCIAS CLIMATÉRICAS

“«Altitude» não significa apenas uma certa posição física, - situação dum ponto acima do nível do mar; traduz também uma posição moral, - elevação da alma acima do comum, acima do charco lodoso ou da planície rasa, onde pululam a grosseria e a mediocridade...”⁸⁷

A tuberculose, doença conhecida inicialmente por tísica, do grego *phthisis*, consumpção (que deriva do verbo *phthiso*, decair, consumir, definhar)⁸⁸, constituiu-se como um factor de desencadeamento de uma série de importantes descobertas no desenvolvimento da ciência e da medicina, como a invenção do estetoscópio, do raio X, os avanços no domínio da bacteriologia e da microbiologia, o desenvolvimento dos antibióticos, etc⁸⁹.

Até ao início do século XVIII, o diagnóstico da tuberculose pulmonar era fundado apenas em elementos de ordem meramente subjectiva ou pessoal⁹⁰, devendo-se o primeiro método objectivo de detecção da doença a René Laënnec, médico francês, que em 1814 descobriu o princípio do estetoscópio e desenvolveu a técnica da auscultação⁹¹.

A revolução microbiológica do final do século

XIX produziu transformações muito significativas no conhecimento das doenças e dos doentes. As epidemias de cólera e tuberculose que dizimavam a população, assumiam já números preocupantes nas principais cidades da Europa, o que gerou uma “reação higiénica” conducente à adopção de novos hábitos e práticas urbanos. A visão global sobre a forma das cidades sofre, então, uma profunda alteração e a intervenção surge desde o seu âmago, ou seja, desde a sua estrutura, empregando-se novos sistemas e estratégias com o fim de actuar como medidas preventivas contra a propagação e disseminação dos surtos epidémicos. Dá-se, por conseguinte, início à construção de novas redes e sistemas de abastecimento de água, electricidade, gás e saneamento, mas também à demolição e reconstrução de centros urbanos, justificada pelo desadequado dimensionamento e organização dos edifícios integrantes e ainda pelo aumento do valor fundiário das áreas centrais das cidades⁹².

A descoberta do bacilo causador da tuberculose, o *Mycobacterium tuberculosis* (ou como ficou depois conhecido, Bacilo de Koch), por Robert Koch em 1882, veio revelar o alto contágio da doença, cuja forma de propagação pode resultar do contacto com a respiração e expectoração de um doente com tuber-

culose activa⁹³. A noção de perigo eminente que esta descoberta desencadeou na sociedade obrigou à imposição de novas medidas disciplinares, principalmente a nível da higiene, por parte das ciências médicas, nomeadamente na regeneração dos hábitos higiénicos da população e a adopção de novas práticas comportamentais, como a interdição de escarrar na via pública ou lavagem periódica do corpo⁹⁴.

*“A higiene aliou-se à ideia de progresso social e implementou-se com uma lógica de racionalização e disciplina que combatia «a velha ordem das coisas», em que a imoralidade e indignidade seriam sentimentos comuns que abriam a porta à degeneração física e moral, à doença e à morte.”*⁹⁵

Esta descoberta traduziu-se também numa nova perspectiva sobre a ideia de isolamento e a sua relação com a prática da vilegiatura em locais afastados das grandes cidades, pois a preocupação com a disseminação da doença, também conhecida por “peste branca”⁹⁶, adquiriu proporções tais que os doentes eram encorajados a viajarem para locais remotos, tanto mais afastados quanto possível das cidades. Surgiram nesta época inúmeras sociedades filantrópicas empenhadas na construção de infra-estruturas adequadas para albergar os doentes. A. Newsholme,

um médico da época, defendia que o isolamento dos doentes com tuberculose devia ser feito em meio sanatorial, erradicando qualquer contacto entre estes e a restante população incólume⁹⁷. O terror do contágio gera um ambiente de desconfiança entre a sociedade que envia o portador da enfermidade para a exclusão social, classificando-o como um perigo para a saúde pública. O fenómeno dos sanatórios é, no entanto, anterior à descoberta do bacilo e do seu modo de contágio.

*“Ora o tuberculoso não é só o triste ser humano imolado, quantas vezes sem culpa própria, à estúpida fereza dum mal implacável, reduzido por êsse mal a uma ruína humana, e merecendo a nossa compaixão e o nosso amparo; representa também um perigo, uma ameaça contra todos nós! (...) o tuberculoso, sendo vítima, é também inconscientemente algoz(...)”*⁹⁸

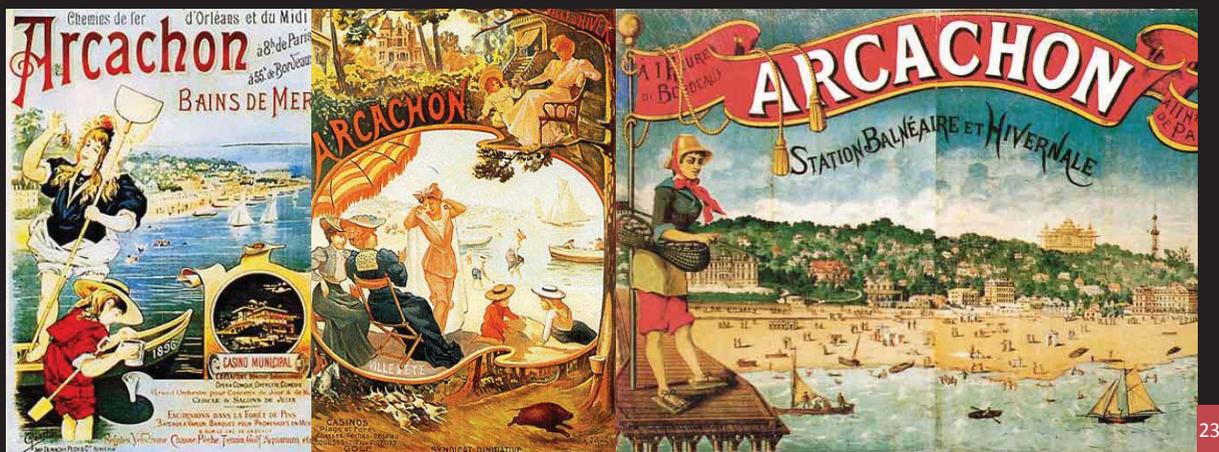
Os modelos de tratamento desenvolvido pelos sistemas de cura sanatorial dividiam-se entre dois tipos de regime associados ao meio geográfico: o de cura em altitude e o de cura marítima, sendo o primeiro aconselhado no tratamento da tuberculose pulmonar e o segundo no tratamento de outras formas de tuberculose. Assim, poderia dizer-se que existia

uma “geografia da cura”, noção em que a topografia e o clima, a qualidade da terra e o regime dos ventos definem territórios adequados à constituição física de cada um⁹⁹. A convicção médica europeia começa, então, a mobilizar-se ao encontro da noção de tratamento aplicado em meio natural, procurando locais predispostos a uma acção benéfica da aeroterapia ou climatoterapia, conjugando-a com topografias exigentes que convidem ao “exercício higiénico”. Arcachon e Davos destacam-se como dois grandes exemplos de estâncias constituídas, respectivamente, para os tratamentos de cura marítima e de cura em altitude, e não obstante as suas grandes diferenças a nível de formação, partilham o mesmo factor chave que desencadeou o seu desenvolvimento e sucesso, ou seja, a promessa da cura para a tuberculose, tornando-se referências colectivas, através da sua forma e desenho urbanos, de como deveria ser uma “cidade saudável”.

A Baía de Arcachon situa-se numa zona arenosa da costa atlântica francesa a sudoeste de Bordéus, rodeada de pinhais que sustentam as dunas e impedem a invasão marítima. Esta precursora “cidade sanatório” insurge-se com a construção dos chalés destinados a receber pacientes tuberculosos, que pontuam

o perfil da sua paisagem com um traçado sinuoso.

A reputação de estância balnear surgiu a partir da segunda metade do século XIX, bastante impulsionada pela classe médica da qual fazia parte integrante o médico irlandês Sir D. J. Corrigan. As *villas* da *Ville d’Hiver* (ou “Cidade de Inverno”), uma urbanização luxuosa abrigada dos fortes ventos do Atlântico pelos pinhais circundantes, e o seu clima de características revigorantes, tornaram esta colónia um destino privilegiado da alta sociedade europeia¹⁰⁰. A baía era já bastante frequentada na época balnear de Verão pelos habitantes de Bordéus e arredores, mas foi com a construção da *Ville d’Hiver* numa grande operação fundiária anexa à localidade de Arcachon e conduzida pelos irmãos Émile Pereire e Isaac Pereire, que o local ganhou maior destaque. Esta dupla, tendo adquirido em 1852 o direito de exploração da linha de caminhos-de-ferro que fazia a ligação Bordéus-Arcachon, iniciou um processo de aquisição de terrenos concluído em 1861, começando as obras de urbanização da *Ville*, conduzidas pelo engenheiro Paul Régnauld, com a construção simultânea de infra-estruturas e das *villas*, de uma nova gare e de dois edifícios de referência, o *Buffet Chinois* e o *Casino Mauresque*. A lógica construtiva adoptada assemelhava-se à da arquitec-



23

VILLE D'HIVER D'ARCACHON

FIGURA 23: Cartazes de publicidade à vilegiatura em Arcachon, estância balnear e de inverno.



24



25



26

FIGURAS 24 E 25: Postais com vistas gerais sobre a Ville d'Hiver.

FIGURA 26: Casino de La Plage, construído em 1904, junto à praia de Arcachon.



27



28



29

FIGURAS 27 E 28: Praia de Arcachon.

FIGURA 29: Rua do Casino Mauresque.



30



31



32

FIGURA 30: Villa Meyerbeer, uma das primeiras villas da estância.

FIGURA 31: A Villa Germaine Angele, situada nas Dunas da Ville d'Hiver, possui alguns dos elementos característicos da villa-tipo Arcachonense.

FIGURA 32: Villa Alexandre Dumas, em estilo hispânico.

tura ferroviária, cujo método era recente, já que os materiais utilizados nas edificações, como a pedra e o metal, eram transportados já preparados para montagem. O desenho da *Ville d’Hiver* procurava uma intervenção urbana na duna que não interferisse com a qualidade do espaço natural envolvente, como os pinhais, nem prejudicasse de forma alguma as propriedades terapêuticas e higiénicas provenientes do clima e do ambiente em geral. A morfologia das dunas reflecte-se no traçado curvilíneo dos arruamentos, sendo também potenciado pela autonomia de implantação e diversidade de desenho e estilo das *villas*. Esta cidade de referência para o turismo da alta burguesia e da aristocracia aliava o tratamento constituído pelas características curativas da natureza, do ar marítimo aos banhos, com o convívio e frequência nos locais da moda¹⁰¹.

O novo comportamento higiénico gerado pelo crescimento de Arcachon teve como promotor o médico Fernand Lalesque, que juntamente com o arquitecto Marcel Ormières, propôs em 1896 um modelo ideal de *Villa Hygiénique*, que conferia à habitação o papel principal como o “instrumento” fundamental da cura de um regime terapêutico livre, sendo o doente o responsável pela sua própria conduta. Assim, o espaço

físico de intervenção médica localizava-se em espaço domiciliar e estava subjugado à prescrição de regras, ou seja, não existia aqui uma prática hospitalar. O projecto da *Villa Hygiénique* propunha uma casa de um só piso, com 12x7 metros divididos racionalmente em seis compartimentos, abrindo dois quartos e uma sala para a fachada principal, com o quarto da “doméstica”, um sanitário, a cozinha e um quarto complementar na frente oposta. Os detalhes construtivos cumpriam os preceitos higiénicos, como por exemplo nos cantos arredondados que permitiam um envolvimento contínuo das superfícies de revestimentos laváveis como o *ripolin* e os materiais empregues nos pavimentos, como os linóleos, etc. No entanto, a forma e a estrutura construtiva em alvenaria, bem como a cobertura em telhado de quatro águas, o desenho das ombreiras e a dimensão dos vãos com 1,10 metros e 1,40 metros configuram uma habitação claramente convencional¹⁰².

Esta proposta reflecte uma procura de modelos de arquitectura doméstica que correspondessem aos regulamentos de higiene então definidos pelo corpo de higienistas, cujo ordenamento exigia a edificação e manutenção de um habitat limpo¹⁰³. Assim, o planeamento da nova “cidade saudável”, ou “cidade

sanatório”, faz-se não só através do desenho de projecto, mas também a partir dos preceitos higienistas impostos, que estabelecem uma série de normas fundamentais no modo de intervenção na malha rural. O distanciamento existente entre os chalés revela esta preocupação, cujo propósito visava dificultar a permeabilidade do bacilo de Koch, para além de classificar o universo de pacientes tuberculosos, distinguindo-os por estatuto social, cultural, etc¹⁰⁴.

*“ O desenho procurava esconder a ordem inerente e os princípios de axialidade e hierarquia subjacentes para construir a ideia de habitar num espaço natural.”*¹⁰⁵

A designação mais comum atribuída a esses modelos de arquitectura doméstica é a de “sanatórios improvisados”¹⁰⁶ e determinou o princípio da rede sanatorial no território europeu. Estes sanatórios improvisados disseminaram-se por vários países, surgindo como casas de campo, casas de montanha, chalés, casas de praia, *villas*, etc. O médico francês Raoul Brunon, atribuiu a estas construções, nomeadamente aos chalés de campo e montanha, o nome de “Sanatórios de Fortune”, considerando a sua expressão orgânica ideal na consolidação de um espaço capaz de proporcionar ao doente tuberculoso a inte-

racção necessária com os elementos naturais e dessa forma facilitar o processo higiénico da cura. Brunon considerava também que a dispensa de reestruturação programática e construtiva destes equipamentos poderia traduzir-se numa diminuição considerável da despesa financeira e que a assistência médica poderia ser facilmente alcançável através do clínico residente na localidade, que poderia inclusivamente fazer consultas domiciliárias. A sua convicção encontrava suporte na noção de que a cura livre estava intimamente relacionada com o meio natural, de que deveria existir uma forte correlação com a natureza para obtenção de resultados favoráveis ao processo higiénico e de que os espaços rígidos e fechados em ambientes militarizados dispostos em pavilhões de albergue para os inválidos eram prejudiciais e pouco dignificantes para os mesmos¹⁰⁷.

A criação deste tipo de colónias e cidades segue assim uma série de processos que potenciaram o seu desenvolvimento, começando pela identificação de um local com características ambientais específicas e sem urbanização significativa, instalando-lhe um sistema de acessibilidades de grande capacidade articulado com centros urbanos significativos, garantindo a existência de um ou vários investidores capazes de

assegurar o impulso comercial e o aumento do valor fundiário, em particular através da divulgação publicitária, consolidar um sistema administrativo independente com base no turismo e capaz de desenvolver uma economia de serviços própria, impulsionar, através dessa administração local, uma acção de controlo higiénico e de regulamentação urbana e, por fim, formar uma comunidade científica própria que analise, verifique e proponha desenvolvimentos científicos e progressos das práticas terapêuticas decorrentes da experiência local¹⁰⁸.

As estâncias de inverno de altitude obtiveram um maior desenvolvimento e prestígio na Suíça, a partir da segunda metade do século XIX. No entanto, o hábito de enviar doentes de tuberculose da costa quente de Lima para as altitudes frias dos Andes era já comum havia muito tempo. O Dr. Archibald Smith, que durante trinta anos exerceu medicina desde Lima até às minas de prata de Cerro de Pasco, situadas a aproximadamente 4000 metros de altitude, foi o primeiro a chamar a atenção da classe médica devido aos resultados obtidos. Lima, a capital do Peru, tinha, segundo este médico, uma taxa de mortalidade pela tuberculose muito elevada, mas se os pacientes fossem cedo o suficiente para os vizinhos Andes peruanos, para lo-

cais como Tarma, Jauja ou Huancayo, situados a uma altitude entre 2500 a 3000 metros, muitas vezes melhoravam¹⁰⁹.

A crença popular considerava que durante os meses de inverno os vales e planaltos das altas montanhas eram regiões sombrias, sem sol, de gelo e de neve, nevoeiro e vento. No entanto, após a divulgação do valor dos climas alpinos, os brilhantes dias de inverno das montanhas tornaram-se bastante concorridos, onde, mesmo à sombra e após o pôr-do-sol, a secura e estabilidade do ar impediam que a baixa temperatura fosse sentida tanto como o seria nas altitudes mais próximas do nível do mar, permitindo que as janelas permanecessem abertas durante a noite, o que facilitava bastante o tratamento de cura pelo ar¹¹⁰.

As estâncias que obtiveram maior destaque na Suíça são Wiesen, Arosa, Andermatt, Saint-Moritz e Davos-Platz, tendo hospedado visitantes pertencentes ao reino da saúde e da doença, de classes e de culturas várias¹¹¹.

A pioneira Davos-Platz foi considerada a melhor estância de inverno de montanha conhecida na Europa, estando situada no vale de Canton Grisons a uma altitude aproximada de 1560 metros acima do nível do mar¹¹². Esta estância organiza-se em torno da

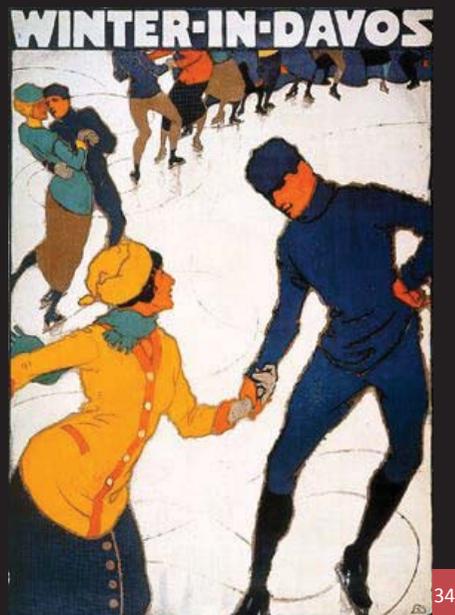


FIGURA 33: *Davos no Verão* e *Vista de Davos*, do pintor expressionista Ernst Ludwig Kirchner, que viveu em Davos desde 1917 até à sua morte em 1938. A sua extensa obra está em exposição no Museu Kirchner, inaugurado em 1992 na mesma cidade.

FIGURA 34: Cartaz publicitário da estância climatérica de Davos.

construção faseada de um colectivo sanatorial de hotéis e hotéis-sanatório e sua fusão com o conjunto de edifícios já existentes na montanha¹¹³.

“O vale de Davos é descrito através da sua natureza inquietante, centrada em espaços inspirados em hospedar condições de devaneio geográfico.”¹¹⁴

Alexander Spengler, refugiado político que chegou à cidade de Davos em 1853, é considerado o propulsor do sucesso deste local¹¹⁵, ao ressaltar, através de correspondências com o Dr. C. Meyer Arhens, autor de um conhecido trabalho acerca das estâncias de saúde na Suíça, as vantagens do clima e dos benefícios de uma estadia prolongada nesta região¹¹⁶. A motivação de Spengler baseou-se na crença da total inexistência de tuberculose naquele local e após observar nativos que adoeceram fora do seu país lá retornarem alcançando a cura¹¹⁷.

“Quando o primeiro espírito observador notou que os indígenas dos logares, em que tal atmosfera se respirava, eram imunes da tuberculose, a ponto de ser esta totalmente desconhecida em determinadas regiões, estava achado o mais poderoso inimigo da terrível doença.”¹¹⁸

Após a construção de uma estrada de acesso em 1859, o local começou a receber algumas visi-

tas resultantes das notícias que já circulavam acerca das qualidades curativas do seu clima¹¹⁹. O primeiro doente com tuberculose pulmonar a iniciar a sua estadia em Davos foi o Dr. Friedrich Unger, um médico alemão, juntamente com outro tuberculoso, o livreiro Hugo Richter¹²⁰, no inverno de 1865. No inverno seguinte consta que o número aumentou para doze doentes¹²¹. O primeiro sanatório de Spengler, projectado por Nikolaus Hartmann l’Ancien, por volta de 1867 sofreu um incêndio, tendo sido mais tarde reconstruído com o apoio financeiro do banqueiro holandês William Jan Holsboer, que estava instalado em Davos para acompanhar o tratamento da sua mulher. A considerável reputação que o local foi adquirindo, através da figura central de Spengler, traduziu-se num aumento de tal forma pronunciado no número de visitantes, que entre 1870 e 1880 a capacidade de acolhimento da estância foi ampliada de 216 para 1474 camas e de 2002 para 2865 habitantes, e entre 1888 e 1900, após a construção do caminho-de-ferro, inaugurado entre 1889 e 1890, de 3891 para 8089 habitantes. Um dos factores que mais contribuiu para este aumento “explosivo”, aquando do estabelecimento das vias de comunicação por caminhos-de-ferro, foi a instalação de uma importante indústria construtiva responsável pela

criação de uma fábrica, a Baugeschäft und Chaletfabrik Davos A. G., que garantia toda a cadeia de produção e venda de chalés por escolha em catálogo. O arquitecto Gaudenz Issler foi um dos responsáveis por este fenómeno¹²².

*“Em menos de vinte annos, nenhum meio heróico de tratamento conseguiu praticamente resultados tão brilhantes, tem de confessar-se. Deve-se isso primeiro que tudo à excellencia do methodo, e logo depois ao savoir faire dos suissos – os melhores hospedeiros da Europa.”*¹²³

Esta afluência de multidões chegou a preocupar a classe médica que temeu a decadência e deterioração das benéficas propriedades climáticas que celebrizaram a região. O irrepreensível grau de higiene que a estância possuía, rigorosamente regulamentado e cumprido em todas as construções, bem como o melhoramento notório verificado nos sistemas de saneamento e escoamento de águas, mantiveram, no entanto, a boa reputação do local¹²⁴. O asseio era uma *“virtude nacional”*¹²⁵ da Suíça, considerada um país excepcionalmente limpo, contrariamente ao que ainda se verificava na maior parte da Europa¹²⁶.

“(…)é sobretudo um povo limpo, asseado, até ao exagero, - até à náusea!...

*Só o prazer que se sente, ao atravessarmos a fronteira, quando se recupera a liberdade, em podermos atirar para o chão fósforos ardidos e pontas de cigarro, - sem ninguém fazer reparo!”*¹²⁷

O organismo público de Davos, o Curverein Davos-Platz, encarregava-se da coordenação de tarefas, como a sistematização de leituras meteorológicas e a higienização pública da estância¹²⁸. Para além da imposição e cumprimento de normas higienistas era também necessário garantir o funcionamento normal da estação pela avaliação periódica da qualidade climática do lugar. Esta análise sistemática do clima constituiu-se como uma das actividades mais emblemáticas tendo contribuído bastante para a evolução das principais teorias de cura, numa estratégia que orientava a interpretação dos factores climáticos para proveito da higiene pública¹²⁹.

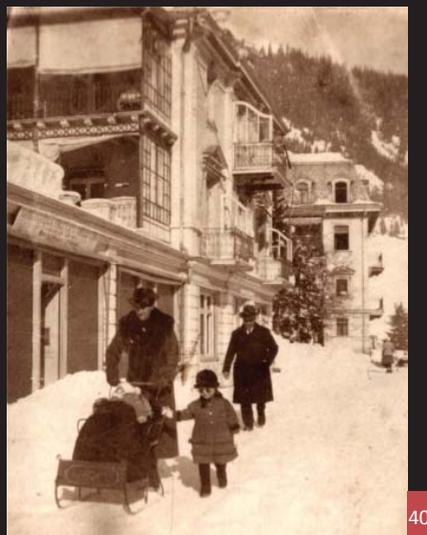
O colectivo de montanhas de Davos organiza-se em dois grupos, em que o primeiro engloba o espaço sanatorial e o segundo constitui uma eficaz protecção contra os fortes ventos abrasivos provenientes do Norte. Os edifícios e espaços terapêuticos, derivados da hotelaria, encontram-se situados entre os 800 e os 1560 metros de altitude¹³⁰, adaptando-se à configuração natural do relevo alpino, numa atitude arquitectó-

nica que encontra no suporte físico da montanha os seus alicerces. Os factores clima, corpo e arquitectura estabelecem deste modo uma triangulação subjacente ao tratamento efectuado através da climatoterapia em altitude. Esta triangulação relaciona directamente a natureza e todo o espaço físico envolvente, com o doente tuberculoso e com o chalé/sanatório, ou hotel/sanatório. O corpo humano assume então o papel de veículo mediador entre o espaço natural e o espaço intervencionado pela arquitectura sobre este, formando uma nova noção que visava a implantação de uma “cidade moderna” baseada na interacção entre a natureza e o artifício, manifestando um vínculo que contrapunha os ideais estéticos do pitoresco romântico às mudanças de escala e método da industrialização¹³¹. Assim, o conceito configurado pelo suporte natural actuava como um movimento compensatório às forças impulsivas e intuitivas que os novos ritmos urbanos capitalistas impunham, não procurando deste modo negar a cidade para viver em comunhão primitiva com a natureza, nem negar a natureza para criar um espaço absolutamente higienizado, ou asséptico, mas criar uma relação favorável e contrabalançada entre ambos os espaços, natural e artificial¹³².

“ A paisagem não tem origem apenas em uma

*disciplina, a pintura, cujos vínculos com a arquitectura são de grande tradição, mas supõe também operações selectivas de transformação do meio físico natural de forma a adequá-lo ao uso e experiência estética humanas, as quais implicam uma composição híbrida de elementos naturais e artificiais actuando como um todo.”*¹³³

A organização e a forma urbana de Davos constituíram, tal como aconteceu em Arcachon, o modelo ideal de “cidade higiénica”, personificada pelo ar puro característico da sua elevada altitude, pela sua envolvente marcada por uma paisagem panorâmica de grande impacto visual e cheia de implicações e significações românticas, pelos vários percursos e caminhos que convidam ao passeio e à deambulação higiénicas, pela sua autonomia administrativa e capacidade económica e também pela existência de vias de acesso directo por caminho-de-ferro¹³⁴. Os guias turísticos muito contribuíram para o sucesso destas estâncias climatéricas de altitude, através da promoção e publicidade das mesmas pela sua inclusão nos respectivos manuais, facto verificado a partir de 1882. O regime terapêutico normativo era efectuado de modo livre, ou seja, não dependia de rotinas ou condutas disciplinares específicas, sendo o próprio doente a conduzir o



DAVOS-PLATZ

FIGURA 35: Davos em 1870.

FIGURA 36: Davos em 1908.

FIGURA 37: Sanatório de Schatzalp, 1900.

FIGURA 38: Chalé, fotografia de 1922.

FIGURAS 39 E 40: Aspecto das ruas de Davos em 1922.

seu tratamento com a vigilância periódica de um médico, uma vez que as hospedarias, hotéis e hotéis/sanatório onde estes se hospedavam não possuíam nenhum médico residente, estando portanto destituídas de qualquer tipo de adequação programática médica. Spengler defendia este tipo de regime, considerando que o tratamento se deveria basear essencialmente na qualidade do clima e da alimentação e não prescrevendo nenhuma rotina diária para além das refeições e dos passeios¹³⁵. Também Brehmer defendia o regime clínico constituído por repouso, boa alimentação e ar puro das montanhas como a base racional do tratamento da tuberculose pulmonar, no entanto este clínico era também um defensor de que este regime deveria ser efectuado em instituições específicas, ou seja, os sanatórios.

A permanência prolongada em altitude reflectiu os seus propósitos no sucesso terapêutico de milhares de casos, embora também persistissem inúmeros casos de insucesso. Acreditava-se, no entanto, que estes fossem resultado principalmente de uma aplicação tardia do respectivo regime terapêutico. O ar frio, seco, rarefeito e antimicrobiano das grandes alturas, bem como a suposta imunidade contra a tuberculose observada nos habitantes dessas regiões, criaram

o “*dogma da altitude*”¹³⁶. A montanha agia, portanto, como elemento reanimador da descompensação física e psíquica do doente tuberculoso.

As estâncias climatéricas, não só garantiam o isolamento dos portadores da doença face aos grandes centros urbanos, impedindo dessa forma a proliferação da enfermidade, como proporcionavam aos doentes uma reconciliação com a sua dignidade, permitindo-lhes uma liberdade de movimentos ajustada ao regime terapêutico, e atribuindo-lhes capacidade de convivência entre a colectividade inválida¹³⁷. O climatologista suíço Carl Dorno efectuou inúmeros estudos climáticos que se tornaram cruciais na elaboração de planos e na organização do espaço construído, como por exemplo na orientação das construções relativamente à insolação, as suas condições diatérmicas, ou seja, condições de absorção e reflexão consoante o tipo de materiais utilizados e a cor dos revestimentos e a necessidade de iluminação e ventilação dos espaços interiores. Esta preocupação com a influência da construção no comportamento orgânico do indivíduo reflectia a necessidade de apuramento de espaços que configurassem um ambiente favorável quer no interior, quer no exterior¹³⁸.

A implementação dos sanatórios como insti-

tuições de cura surgiu como necessidade de imposição de um novo modelo de comportamento social na estação terapêutica, procurando instaurar um regime disciplinar estrito. Este regime, apoiado por uma noção quase militarizada de conduta pessoal, passou a dar prioridade, durante o tratamento de cura, ao repouso¹³⁹. No entanto, existia ainda uma necessidade em suavizar a presença inóspita espacial deste equipamento, sendo-lhe atribuídas certas características hoteleiras, mas, não obstante os esforços empreendidos no sentido de criar um ambiente benéfico para o inválido, a noção de espaço rígido, pouco dignificante e excessivamente regulador e disciplinador manteve-se associada a grande parte dos sanatórios existentes¹⁴⁰.

*“O valor dum clima é apoiado por longos anos de observação constante; mas a organização sanatorial e a sua disciplina severa multiplicam o valor dêsse clima.”*¹⁴¹

Os edifícios eram implantados mediante uma orientação a sul, de modo a que as galerias de repouso pudessem usufruir favoravelmente de longos períodos de insolação durante o dia. Nestas grandes varandas exteriores, os doentes deitavam-se durante largas horas em *chaises longues*¹⁴², aproveitando os efeitos revigorantes e “anti-tísicos” do ar frio, seco e

rarefeito que configurava a região. A duplicação da caixilharia era já um método corrente na execução destes edifícios¹⁴³. Para além da específica orientação solar, existia ainda uma preocupação na implantação do equipamento relativamente à protecção face aos ventos abrasivos provenientes do norte, bem como na selecção de solos preferencialmente secos, em vales livres de nevoeiros ou neblinas dominantes. Desta forma, o próprio território fornecia um escudo de protecção no confronto com possíveis organismos patológicos existentes em correntes de ar, num ambiente isento de vapores ou humidades susceptíveis de prejudicar o espaço terapêutico, tornando-se favorável à eliminação do bacilo da tuberculose através da estabilidade climática alcançada pela união de todas essas características. Recomendava-se ainda a existência de água nascente nas proximidades, considerando-se a vizinhança de florestas e pinhais uma mais-valia, assim como um espaço convidativo à deambulação pedestre com pendentes suaves¹⁴⁴. A adaptação da atitude arquitectónica à estereotomia topográfica específica da sua envolvente passa, assim, por uma regulamentação baseada nas novas convicções médicas e higienistas.

Esta estância ficou eternizada no romance “A Montanha Mágica” (“Der Zauberberg”)¹⁴⁵ de Thomas

Mann, autor galardoado com o Prémio Nobel da Literatura de 1929, onde é retratada a vida em meio sanatorial de um grupo de tuberculosos. Uma das características mais dominantes ao longo do livro é a protelação contínua do final da estadia, traduzindo-se numa necessidade permanente de sujeição aos factores terapêuticos predominantes. A disciplina horária e sistematizada no cumprimento de regras e tarefas é outro aspecto alvo do livro.

*“Os edifícios de Davos e a sua arquitectura moderna (...), numa paisagem de difícil acesso, em conjunto com o desporto, a Natureza, a música e a vida mundana, são sinais de um novo modo de habitar que se instala num lugar em que a maior parte da população tem elevada capacidade económica e sofre de tuberculose.”*¹⁴⁶

As estâncias climatéricas de altitude foram ainda desenvolvidas em torno do regime aplicado pela helioterapia, efectuado pela exposição directa à luz solar, recomendado no tratamento da tuberculose extra-pulmonar, ou osteoarticular, bem como em outros tipos de afecções cutâneas. Este regime terapêutico teve como grande impulsionador o médico suíço Arnold Rikli, que em 1855 abriu junto ao lago Veldes, em Haute-Carniole na Áustria, o primeiro estabeleci-

mento de helioterapia, servindo como exemplo encorajador do movimento de terapêutica natural sob a citação da sua divisa *“A água é naturalmente benéfica, o ar ainda mais e a luz supera ambos.”*¹⁴⁷

Os novos avanços no âmbito da microbiologia demonstraram que a luz difusa travava o desenvolvimento de bactérias e outros microrganismos e que a luz solar directa os destruía, acção devida à banda ultravioleta do espectro da luz solar. O clínico Oskar Bernhard, movido por estes novos preceitos, desenvolveu a prática da helioterapia no seu sanatório em Saint-Moritz, em França, situado a 1856 metros de altitude, onde são mais fortes as radiações ultravioletas¹⁴⁸. No entanto, foi o médico suíço Auguste Rollier que mais projecção obteve na descoberta dos efeitos curativos do sol nas grandes altitudes no tratamento da tuberculose. Este médico instalou-se em Leysin, na Suíça, em 1903, exercendo a sua profissão no Chalet Cullaz, uma antiga pensão construída segundo os modelos prefabricados provenientes de carpintarias industrializadas promovidos como base no sucesso da imagem pitoresca do *“Chalé Suíço”*, que adaptou a clínica¹⁴⁹. Em 1906, impulsionado pelo êxito de Bernhard, decidiu fundar a primeira clínica para o tratamento da tuberculose ganglionar e osteoarticular



41



44



45



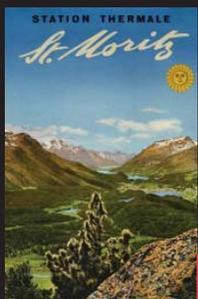
42



46



47



43



48



49

FIGURAS 41, 42 E 43: Cartazes de publicidade à solarenga estância climática de Saint-Moritz.

FIGURA 44: Método da helioterapia complementado por exercícios de ginástica rítmica para acamados.

FIGURA 45: Chalet Cullaz, Leysin.

FIGURA 46: Leysin, a cidade do sol.

FIGURA 47: Fotomontagem de publicidade às clínicas do Dr. Rollier, Leysin.

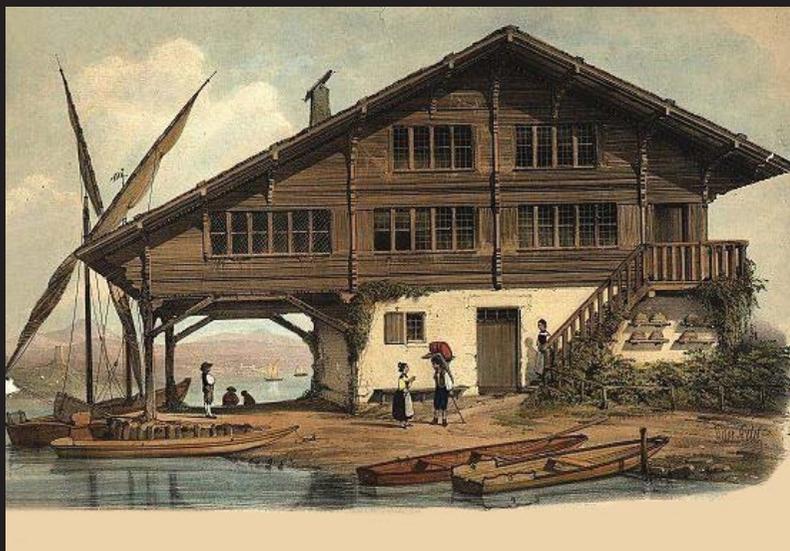
FIGURAS 48 E 49: Helioterapia em quartos com galerias adjacentes, sem soleira nas portas de ligação.

pelas radiações solares, situada a 1263 metros de altitude. Enquanto que Bernhard apenas expunha os focos localizados das afecções à acção do sol, Rollier optou por aplicar o tratamento de insolação por toda a superfície corporal, partindo da noção de que a tuberculose não podia ser resumida a um fenómeno local, sendo uma enfermidade respeitante à totalidade do corpo¹⁵⁰. Este sanatório constituiu-se como o primeiro de vários equipamentos clínicos estabelecidos em Leysin por Rollier para o tratamento climatoterápico em altitude, que defendia que a cura deveria basear-se na reconstituição física, além de moral, do paciente¹⁵¹. Assim, o regime consistia na aplicação individual e progressiva do tratamento baseado na permanência ao ar livre durante todo o ano e na exposição à acção da radiação solar sempre que possível, procurando desta forma aumentar gradualmente a resistência do doente, regularizar as suas funções orgânicas e aumentar o seu peso.

As clínicas onde Rollier exerceu o seu método terapêutico destacaram-se também pelas reformas a nível arquitectónico de que foram alvo, nomeadamente no suprimento das soleiras das portas que faziam a ligação entre os quartos e as espaçosas galerias de cura, facilitando a deslocação do doente acamado

para o exterior, transportado na sua cama de rodas. Os quartos desprovidos de galerias adjacentes eram compensados com a anexação de um solário independente. Esta adaptação, constituindo-se como um processo evolutivo do modelo original das galerias para o tratamento da tuberculose pulmonar, traduziu-se numa transformação bastante significativa, uma vez que no modelo inicial o doente deslocava-se por seu próprio pé para as *chaises longues* colocadas no exterior¹⁵². Assim, era exercida uma exploração dos limites entre o espaço interior e o espaço exterior, numa prática terapêutica que apelava à capacidade de resistência a situações climatéricas extremas.

Em Leysin, bem como em outras estâncias climatéricas da Suíça, a imagem dos chalés pitorescos surge em oposição aos edifícios dos sanatórios, embora não existisse qualquer conflito na adequação destes equipamentos aos processos de higienização urbana exigidos pelos movimentos de profilaxia da tuberculose. A lógica urbana dos espaços em que se inseriam ambos os modelos higiénicos não era passiva de uma diferenciação específica, apesar de nesta estância o colectivo de sanatórios surgir a uma altitude mais elevada do que o aglomerado de chalés previamente existente¹⁵³.



50



51



52

FIGURA 50: Postal ilustrado com um chalé suíço tradicional no Bodensee (Lago Constança), 1880.

FIGURAS 51 E 52: Conjunto de chalets rústicos em Leysin.

1.6 - O CHALÉ SUÍÇO

“(...) uma singular projecção romântica sobre a confluência da arquitectura e da natureza.”¹⁵⁴

Originários da Suíça e de outras regiões alpinas vizinhas¹⁵⁵, estes chalés são construções funcionais, nítidas e precisas, de origem camponesa, mas de concepção adaptada aos preceitos burgueses das classes possidentes. Integram-se perfeitamente no quadro natural, completando o panorama onde a presença de montanhas é uma constante imponente, configurada por um colectivo impressionante de vales, encostas florestadas e desfiladeiros estreitos de grandes maciços.

Os modelos antigos melhor preservados no decorrer dos tempos podem ser encontrados nos Alpes Berneses, ao longo do vale Simmental, em Château d’Oex e em Rossinière, no Pays d’Enhaut . Assumem-se como edifícios arquitectónicos esplêndidos, construídos de forma a responder a exigências precisas que condicionaram a sua estrutura e forma.

Os avanços no domínio da indústria construtiva da Suíça reflectiram-se na reforma do chalé tradicional que adquiriu uma nova configuração aliada às exigências contemporâneas, mantendo no entanto a essência que envolvia a sua forma, ou seja, o carácter rural,

pitoresco e tradicional de contornos associados aos cenários românticos e bucólicos da sua envolvente. Inicialmente, os primitivos chalés eram construções típicas de habitação permanente que possuíam vários aglomerados ou anexos para instalação de estábulos e celeiros para armazenamento de provisões para os invernos longos e rigorosos das regiões alpinas. Estas construções de concepção robusta e sólida mantiveram-se sempre imunes aos diversos factores meteorológicos e climáticos que dominavam as montanhas¹⁵⁶. De entre os elementos arquitectónicos em uso corrente que foram desenvolvidos por toda a extensão montanhosa dos Alpes e especialmente para os chalés suíços, destacam-se algumas características técnicas mais prementes na totalidade formal da construção, nomeadamente, os telhados de duas águas de inclinação bastante acentuada, que eram um aspecto bastante importante na protecção destes edifícios, os telhados com duas vertentes e um frontão, tanto na frente como na parte de trás, e, embora com menos frequência, existiam também telhados em pavilhão com quatro vertentes, todos provenientes da tradição medieval introduzida pela influência germânica. Os materiais de revestimento dos telhados eram simples mas resistentes, feitos de ardósias ou de telhas de pe-



53



54



55



56



57



58



59



60



61



62



63



64

FIGURA 53: Château d'Oex.

FIGURA 54: Rossinière.

FIGURA 55: Celeiro nos Alpes Berneses.

FIGURA 56: Chalé em Bretaye, Villars-Gryon.

FIGURAS 57 E 58: Chalés rústicos em Saas Fee, Valais.

FIGURAS 59 E 60: O *Grand Chalet* de Rossinière, construído em 1754, é um excelente representante do estilo alpino.

FIGURA 61: Construído em 1664, o *Chalet de la Place* em Rossinière, é considerado um monumento histórico.

FIGURA 62: Chalé tradicional em Rougemont, La Raye.

FIGURA 63: Chalé em Cergnat.

FIGURA 64: Chalé em Villars-Gryon.

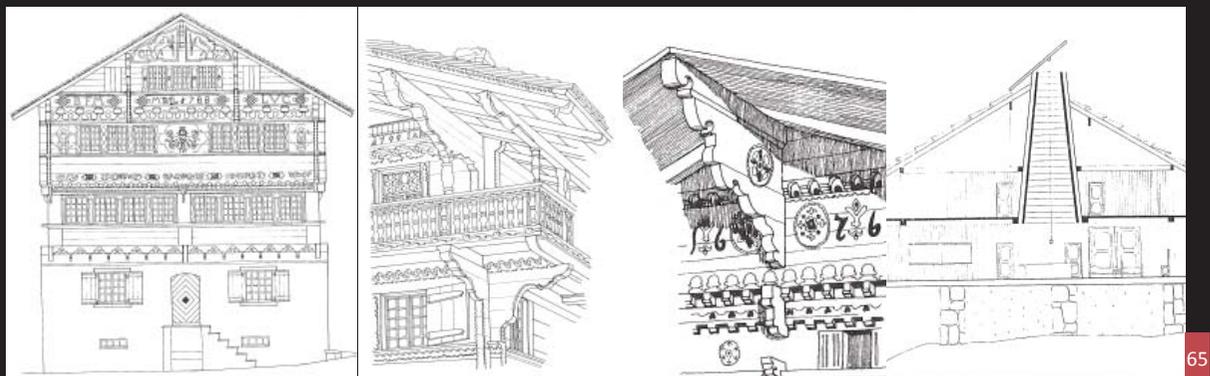
dra, embora em certas regiões de utilizassem telhas finas de madeira ou ocasionalmente de terracota. A utilização de um material leve na cobertura de telhados era reforçada pela colocação de grandes pedras num dado número de barrotes ou cepos paralelos de modo a distribuir o peso considerável sobre todo o telhado. Estas pedras eram essenciais na protecção contra as tempestades de neve ou contra os fortes ventos abrasivos predominantes das altas montanhas. As janelas eram geralmente pequenas devido à dificuldade que existia na época de encontrar grandes pedaços de vidro, o que se reflectiu na abertura de vãos sobre a fachada, ou seja, as janelas surgiam em aglomerados de duas a duas, três a três, ou quatro a quatro, de forma a deixar entrar o máximo de luminosidade possível no interior das divisões. Estas, por sua vez, possuíam um pé direito limitado não só devido a razões construtivas, mas também para um maior aproveitamento e manutenção térmicos¹⁵⁷.

A grande chaminé central é um elemento típico dos primitivos e tradicionais chalés, que comunicava com a cozinha onde os camponeses preparavam as carnes fumadas e secas. Este elemento surge no topo do telhado e o seu cano primordial é largo na base, afunilando até ao topo onde existia um postigo amoví-

vel que podia ser manipulado a partir da cozinha, prevenindo desta forma a entrada de chuva e neve.

As fachadas dos chalés revelam um trabalho a nível de carpintaria que se traduz numa arte magistral dos seus autores, os antigos mestres artesãos que eram hábeis construtores e conhecedores de todos os segredos da madeira. Além das pequenas consolas esculpidas e decoradas em madeira que suportavam a projecção das coberturas, existia uma variedade de elementos decorativos em madeira esculpida e pintada que dividiam a fachada em três ou quatro partes. Estas decorações eram frequentemente complementadas com inscrições bíblicas em caracteres góticos, que preenchiam as fachadas das construções até aos limites das suas extremidades. Os chalés existentes em Rossinière são exemplos genuínos deste trabalho decorativo. Praticamente toda a construção era concebida em madeira, inclusivamente as caleiras e canais de escoamento de águas.

Todos os elementos construtivos inerentes à construção do chalé traduzidos pela tradição, lógica simples e harmoniosa das estruturas arquitectónicas e puro bom senso dos camponeses constituem, ainda hoje, uma fonte de ideias ou inspiração para o universo arquitectónico¹⁵⁸.



65



66



67



68



69



70



71



72



73



74

FIGURA 65: Desenhos representativos de pormenores de um chalé típico do século XVIII.

FIGURA 66: *Fromagerie Le Chalet*, uma fábrica de queijo em Château d'Oex.

FIGURA 67: Janelas “gémeas” de um chalé em Rougemont.

FIGURA 68: Pormenor do sistema construtivo em madeira.

FIGURAS 69 E 70: Pormenores do trabalho decorativo em madeira e das inscrições religiosas e descritivas da sua história na fachada do *Grand Chalé* de Rossinière.

FIGURAS 71, 72, 73 E 74: Inscrições religiosas e frescos pintados sobre fachadas.

As antigas construções rurais, constituídas de habitação, celeiro e estábulos, eram isoladas e raramente concebidas unicamente como residências, facto que sofreu uma grande transformação após o desenvolvimento da economia face à industrialização e que se reflectiu na concepção de chalés de função exclusivamente habitacional. O desenvolvimento da nova indústria construtiva suíça aplicada à prefabricação de carpintarias promoveu a imagem do chalé suíço como símbolo nacional da tradição alpina pitoresca. O sucesso alcançado por este novo tipo arquitectónico, conduziu a uma produção massificada de modelos prefabricados e colocou esta indústria no centro de todo o fornecimento interno e consequentemente externo, difundindo a sua imagem internacionalmente¹⁵⁹.

Assim, estes modelos surgem implantados nas novas “cidades da tuberculose”, ou seja, nas novas estâncias climatéricas concebidas para o tratamento da enfermidade, como “sanatórios improvisados” ou “sanatórios eventuais” para a prática da terapia em regime de cura livre e embora a sua essência seja proveniente dos modelos antigos dos chalés, estes novos edifícios são bastante simplificados em termos construtivos e decorativos devido à técnica utilizada de carpintarias prefabricadas e pela sua adequação às

novas medidas higiénicas de profilaxia da tuberculose, sendo, no entanto, destituídos da obsessão higienista predominante nas restantes edificações sanatoriais.



FIGURA 75: *Saint Moritz*, por Tamara De Lempicka

1.7 - ARQUITECTURA / CLIMA / TUBERCULOSE

Com a invenção do turismo sazonal do século XIX aliada aos novos avanços técnicos da indústria, as classes médicas e higienistas vigentes encontraram um novo ânimo na procura de recursos e métodos para a prevenção e combate às doenças¹⁶⁰. O universo romântico inerente ao cenário de montanha foi utilizado como atractivo no processo de profilaxia que visava não só uma sensibilização e consciencialização individual e social, pretendendo o isolamento das enfermidades em locais remotos, de forma a diminuir a sua proliferação, como também proporcionar condições terapêuticas favoráveis ao tratamento dessas doenças, investigando locais e regiões que reunissem as melhores disposições climatéricas e geográficas para instalação de equipamentos adequados.

Os regimes estabelecidos baseados na terapia de cura marítima ou de terapia de cura em altitude contribuíram, a par com os tratamentos diferenciados dos dois tipos de tuberculose, pulmonar e extrapulmonar, para a difusão de soluções e de modelos concepcionais urbanísticos e arquitectónicos reproduzíveis. Assim, o desenvolvimento das novas “cidades higiénicas” para a vilegiatura sanatorial explorou a publicidade garantida pelo discurso das classes médicas

que insistia nas qualidades higiénicas e ambientais dos locais e construções, o que tornou o seu processo de criação muito semelhante e quase *standardizado*, independentemente da região onde eram implantadas ou do tipo de terapia a que se destinavam, nomeadamente, na identificação do lugar correspondente aos preceitos higienistas, na instalação de acessibilidades, na procura de promotores e investidores, na consolidação de um sistema administrativo autónomo, e na instalação de um corpo médico residente de suporte. A caracterização física do local baseava-se então na relação entre três domínios distintos de intervenção, a Medicina, a Arquitectura e a Climatologia, desde a escolha dos lugares à implantação, forma e aos materiais de construção dos espaços de habitar.

O próximo capítulo tem como objectivo o estudo da influência desta triangulação em território português, designadamente na configuração da estância climatérica de altitude das Penhas Douradas situada no Parque Natural da Serra da Estrela.

NOTAS

_ REFERÊNCIAS E CITAÇÕES:

⁰¹ _ TEIXEIRA, Francisco Gomes in *Santuários de Montanha: Impressões de Viagens*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1926, p. 7.

⁰² _ CADILHE, Gonçalo, *Catedrais da Terra - As Mais Belas Montanhas do Mundo*, Colecções Unibanco, Abril Controljornal Edipresse, Amadora, 2002, p. 10.

⁰³ _ in *Dicionário de Língua Portuguesa*, Colecção Universal, Texto Editora, Lda., Lisboa, 2004, p. 1112.

⁰⁴ _ in *Dicionário de Língua Portuguesa*, Colecção Universal, Texto Editora, Lda., Lisboa, 2004, p. 1120.

⁰⁵ _ ÁBALOS, Iñaki, *Atlas Pintoresco – Vol.1: El Observatório*, Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona, 2005, p. 90.

⁰⁶ _ *Ibid.*, p. 118.

⁰⁷ _ TEIXEIRA, Francisco Gomes, *Santuários de Montanha: Impressões de Viagens*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1926, p. 16.

⁰⁸ _ *Ibid.*, p. 10.

⁰⁹ _ HENRIQUES, Pedro Castro in *Serra Acima: A Montanha nas Áreas Protegidas de Portugal*, Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa, 2003, p. 22.

¹⁰ _ CADILHE, Gonçalo, *Catedrais da Terra - As Mais*

Belas Montanhas do Mundo, Colecções Unibanco, Abril Controljornal Edipresse, Amadora, 2002, p. 12.

¹¹ _ *Ibid.*, p. 16.

¹² _ *Ibid.*, p. 18.

¹³ _ TEIXEIRA, Francisco Gomes in *Santuários de Montanha: Impressões de Viagens*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1926, p. 7.

¹⁴ _ CADILHE, Gonçalo, *Catedrais da Terra - As Mais Belas Montanhas do Mundo*, Colecções Unibanco, Abril Controljornal Edipresse, Amadora, 2002, p. 18.

¹⁵ _ *Ibid.*, p. 17.

¹⁶ _ CADILHE, Gonçalo in *Catedrais da Terra - As Mais Belas Montanhas do Mundo*, Colecções Unibanco, Abril Controljornal Edipresse, Amadora, 2002, p. 17.

¹⁷ _ CADILHE, Gonçalo, *Catedrais da Terra - As Mais Belas Montanhas do Mundo*, Colecções Unibanco, Abril Controljornal Edipresse, Amadora, 2002, p. 17.

¹⁸ _ *Ibid.*, p. 19.

¹⁹ _ *Ibid.*, p. 26.

²⁰ _ CORBIN, Alain, *História dos Tempos Livres*, Editorial Teorema, Lisboa, 2001, p. 7.

²¹ _ CORBIN, Alain in *História dos Tempos Livres*, Editorial Teorema, Lisboa, 2001, p. 20.

²² _ PORTER, Roy in CORBIN, Alain, *História dos Tempos Livres*, Editorial Teorema, Lisboa, 2001, p. 28.

²³ _ CORBIN, Alain, *História dos Tempos Livres*, Editorial Teorema, Lisboa, 2001, p. 28 - 31.

²⁴ _ CADILHE, Gonçalo in *Catedrais da Terra - As Mais Belas Montanhas do Mundo*, Colecções Unibanco, Abril Controljornal Edipresse, Amadora, 2002, p. 31.

²⁵ _ CADILHE, Gonçalo, *Catedrais da Terra - As Mais Belas Montanhas do Mundo*, Colecções Unibanco, Abril Controljornal Edipresse, Amadora, 2002, p. 27 - 28.

²⁶ _ TEIXEIRA, Francisco Gomes in *Santuários de Montanha: Impressões de Viagens*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1926, p. 96.

²⁷ _ CADILHE, Gonçalo, *Catedrais da Terra - As Mais Belas Montanhas do Mundo*, Colecções Unibanco, Abril Controljornal Edipresse, Amadora, 2002, p. 184.

²⁸ _ TEIXEIRA, Francisco Gomes in *Santuários de Montanha: Impressões de Viagens*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1926, p. 100.

²⁹ _ TEIXEIRA, Francisco Gomes, *Santuários de Montanha: Impressões de Viagens*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1926, p. 102.

³⁰ _ STEPHEN, Leslie, citado por PORTER, Roy em CORBIN, Alain, *História dos Tempos Livres*, Editorial Teorema, Lisboa, 2001, p.46.

³¹ _ CADILHE, Gonçalo, *Catedrais da Terra - As Mais*

Belas Montanhas do Mundo, Colecções Unibanco, Abril Controljornal Edipresse, Amadora, 2002, p. 28.

³² _ TEIXEIRA, Francisco Gomes, *Santuários de Montanha: Impressões de Viagens*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1926, p. 114 - 116.

³³ _ *Ibid.*, p. 130 - 131.

³⁴ _ ÁBALOS, Iñaki, *Atlas Pintoresco – Vol.1: El Observatório*, Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona, 2005, p.85.

³⁵ _ CADILHE, Gonçalo in *Catedrais da Terra - As Mais Belas Montanhas do Mundo*, Colecções Unibanco, Abril Controljornal Edipresse, Amadora, 2002, p. 8.

³⁶ _ BIRKSTED, Jan, editor literário, *Landscapes of Memory and Experience*, London: Spon Press, 2000, p. 68.

³⁷ _ *Ibid.*, p. 63 - 69.

³⁸ _ CORBIN, Alain, *História dos Tempos Livres*, Editorial Teorema, Lisboa, 2001, p. 119.

³⁹ _ *Ibid.*, p. 110.

⁴⁰ _ CADILHE, Gonçalo, *Catedrais da Terra - As Mais Belas Montanhas do Mundo*, Colecções Unibanco, Abril Controljornal Edipresse, Amadora, 2002, p. 190.

⁴¹ _ PASSINHO, Cristiane Domingues, *Estância Sanatorial do Caramulo: a Aculturação Experimental da Expressão Moderna*, Prova Final de Licenciatura,

FCTUC-Darq, 2005, p. 20.

⁴² _ CADILHE, Gonçalo, *Catedrais da Terra - As Mais Belas Montanhas do Mundo*, Coleções Unibanco, Abril Controljornal Edipresse, Amadora, 2002, p. 29.

⁴³ _ site: *Wikipedia - A Enciclopedia Livre*,
http://pt.wikipedia.org/wiki/John_Tyndall,
(11.01.2009).

⁴⁴ _ CORBIN, Alain, *História dos Tempos Livres*, Editorial Teorema, Lisboa, 2001, p. 47.

⁴⁵ _ *Ibid.*, p. 39.

⁴⁶ _ WEBER, Sir Hermann and WEBER, F. Parkes, *Climatotherapy and Balneotherapy – The Climates and Mineral Water Health Resorts (Spas) of Europe and North Africa*, Edited by F. Parkes Weber, London, 1907, p. 668.

⁴⁷ _ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 213.

⁴⁸ _ *Ibid.*, p. 189.

⁴⁹ _ CORBIN, Alain, *História dos Tempos Livres*, Editorial Teorema, Lisboa, 2001, p. 98.

⁵⁰ _ PASSINHO, Cristiane Domingues, *Estância Sanatorial do Caramulo: a Aculturação Experimental da Expressão Moderna*, Prova Final de Licenciatura,

FCTUC-Darq, 2005, p. 99.

⁵¹ _ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 24.

⁵² _ *Ibid.*, p. 190.

⁵³ _ CORBIN, Alain, *História dos Tempos Livres*, Editorial Teorema, Lisboa, 2001, p. 54.

⁵⁴ _ RAUCH, André in CORBIN, Alain, *História dos Tempos Livres*, Editorial Teorema, Lisboa, 2001, p. 115.

⁵⁵ _ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 20.

⁵⁶ _ WEBER, Sir Hermann and Weber, F. Parkes, *Climatotherapy and Balneotherapy – The Climates and Mineral Water Health Resorts (Spas) of Europe and North Africa*, Edited by F. Parkes Weber, London, 1907, p. 59.

⁵⁷ _ MARTINS, J. T. de Sousa in NAVARRO, Emygdio, *Quatro Dias na Serra da Estrela*, Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos – Editor, Porto, 1884, p. 17.

⁵⁸ _ CORBIN, Alain, *História dos Tempos Livres*, Editorial Teorema, Lisboa, 2001, p. 115 - 117.

⁵⁹ _ CARTON, Dr. citado por RAUCH, André in CORBIN, Alain, *História dos Tempos Livres*, Editorial Teorema, Lisboa, 2001, p. 129.

⁶⁰ _ CORBIN, Alain, *História dos Tempos Livres*, Editorial Teorema, Lisboa, 2001, p. 46.

⁶¹ _ RAUCH, André in CORBIN, Alain, *História dos Tempos Livres*, Editorial Teorema, Lisboa, 2001, p. 108.

⁶² _ CORBIN, Alain, *História dos Tempos Livres*, Editorial Teorema, Lisboa, 2001, p. 112.

⁶³ _ RAUCH, André in CORBIN, Alain, *História dos Tempos Livres*, Editorial Teorema, Lisboa, 2001, p. 130.

⁶⁴ _ WEBER, Sir Hermann and WEBER, F. Parkes, *Climatotherapy and Balneotherapy – The Climates and Mineral Water Health Resorts (Spas) of Europe and North Africa*, Edited by F. Parkes Weber, London, 1907, p. 627.

⁶⁵ _ PASSINHO, Cristiane Domingues, *Estância Sanatorial do Caramulo: a Aculturação Experimental da Expressão Moderna*, Prova Final de Licenciatura, FCTUC-Darq, 2005, p. 34.

⁶⁶ _ BREHMER citado por PATRÍCIO, Ladislau in *Altitude – O espírito na Medicina*, Edições Europa, Lisboa, 1938, p. 65.

⁶⁷ _ CADILHE, Gonçalo, *Catedrais da Terra - As Mais Belas Montanhas do Mundo*, Coleções Unibanco,

Abril Controljornal Edipresse, Amadora, 2002, p. 23.

⁶⁸ _ WEBER, Sir Hermann and WEBER, F. Parkes, *Climatotherapy and Balneotherapy – The Climates and Mineral Water Health Resorts (Spas) of Europe and North Africa*, Edited by F. Parkes Weber, London, 1907, p. 627.

⁶⁹ _ PATRÍCIO, Ladislau, *Altitude – O espírito na Medicina*, Edições Europa, Lisboa, 1938, p. 48 - 49.

⁷⁰ _ TEIXEIRA, Francisco Gomes in *Santuários de Montanha: Impressões de Viagens*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1926, p. 24 - 25.

⁷¹ _ FERREIRA, H. Amorim, “Climatologia física e climatologia médica”, Separata da Revista *Clinica Higiene e Hidrologia*, Lisboa, Abril de 1952, p. 3.

⁷² _ WEBER, Sir Hermann and WEBER, F. Parkes, *Climatotherapy and Balneotherapy – The Climates and Mineral Water Health Resorts (Spas) of Europe and North Africa*, Edited by F. Parkes Weber, London, 1907, p. 15.

⁷³ _ FERREIRA, H. Amorim, “Climatologia física e climatologia médica”, Separata da Revista *Clinica Higiene e Hidrologia*, Lisboa, Abril de 1952, p. 8.

⁷⁴ _ *Ibid.*, p. 4.

⁷⁵ _ WEBER, Sir Hermann and WEBER, F. Parkes, *Climatotherapy and Balneotherapy – The Climates and*

Mineral Water Health Resorts (Spas) of Europe and North Africa, Edited by F. Parkes Weber, London, 1907, p. 15 - 16.

⁷⁶ _ *Ibid.*, p. 23.

⁷⁷ _ *Ibid.*, p. 37.

⁷⁸ _ CADILHE, Gonçalo, *Catedrais da Terra - As Mais Belas Montanhas do Mundo*, Coleções Unibanco, Abril Controljornal Edipresse, Amadora, 2002, p. 14.

⁷⁹ _ WEBER, Sir Hermann and WEBER, F. Parkes, *Climatotherapy and Balneotherapy – The Climates and Mineral Water Health Resorts (Spas) of Europe and North Africa*, Edited by F. Parkes Weber, London, 1907, p. 38.

⁸⁰ _ *Ibid.*, p. 46 - 47, 50.

⁸¹ _ *Ibid.*, p. 56 - 57.

⁸² _ *Ibid.*, p. 52.

⁸³ _ *Ibid.*, p. 58.

⁸⁴ _ VIOLLET-LE-DUC, E. citado por RAUCH, André in CORBIN, Alain, *História dos Tempos Livres*, Editorial Teorema, Lisboa, 2001, p. 116.

⁸⁵ _ WEBER, Sir Hermann and WEBER, F. Parkes, *Climatotherapy and Balneotherapy – The Climates and Mineral Water Health Resorts (Spas) of Europe and North Africa*, Edited by F. Parkes Weber, London, 1907, p. 59.

⁸⁶ _ MARTINS, J. T. de Sousa in NAVARRO, Emygdio, *Quatro Dias na Serra da Estrela*, Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos – Editor, Porto, 1884, p. 17.

⁸⁷ _ PATRÍCIO, Ladislau in *Altitude – O espírito na Medicina*, Edições Europa, Lisboa, 1938, p. 9.

⁸⁸ _ artigo: *Linguagem Médica - Tísica*, <http://usuarios.cultura.com.br/jmrezende/tisica.htm>, (13.10.2008).

⁸⁹ _ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 25.

⁹⁰ _ PATRÍCIO, Ladislau, *Altitude – O espírito na Medicina*, Edições Europa, Lisboa, 1938, p. 60.

⁹¹ _ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 154.

⁹² _ *Ibid.*, p. 187 - 189.

⁹³ _ *Ibid.*, p. 153.

⁹⁴ _ *Ibid.*, p. 189.

⁹⁵ _ TAVARES, André in *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 -

Argumentos 24, Porto, 2005, p. 190.

⁹⁶ _ site: *Wikipedia - A Enciclopedia Livre*,

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tuberculose>,
(11.01.2009).

⁹⁷ _ PASSINHO, Cristiane Domingues, *Estância Sanatorial do Caramulo: a Aculturação Experimental da Expressão Moderna*, Prova Final de Licenciatura, FCTUC-Darq, 2005, p. 29 - 30.

⁹⁸ _ PATRÍCIO, Ladislau in *Altitude – O espírito na Medicina*, Edições Europa, Lisboa, 1938, p. 55 - 56.

⁹⁹ _ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 23.

¹⁰⁰ _ WEBER, Sir Hermann and WEBER, F. Parkes, *Climatotherapy and Balneotherapy – The Climates and Mineral Water Health Resorts (Spas) of Europe and North Africa*, Edited by F. Parkes Weber, London, 1907, p. 121.

¹⁰¹ _ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 191.

¹⁰² _ *Ibid.*, p. 193.

¹⁰³ _ *Ibid.*, p. 189.

¹⁰⁴ _ PASSINHO, Cristiane Domingues, *Estância Sanatorial do Caramulo: a Aculturação Experimental da Expressão Moderna*, Prova Final de Licenciatura, FCTUC-Darq, 2005, p. 36.

¹⁰⁵ _ TAVARES, André in *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 193.

¹⁰⁶ _ PASSINHO, Cristiane Domingues, *Estância Sanatorial do Caramulo: a Aculturação Experimental da Expressão Moderna*, Prova Final de Licenciatura, FCTUC-Darq, 2005, p. 40.

¹⁰⁷ _ *Ibid.*, p. 38.

¹⁰⁸ _ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 194.

¹⁰⁹ _ WEBER, Sir Hermann and WEBER, F. Parkes, *Climatotherapy and Balneotherapy – The Climates and Mineral Water Health Resorts (Spas) of Europe and North Africa*, Edited by F. Parkes Weber, London, 1907, p. 675.

¹¹⁰ _ *Ibid.*, p. 134.

¹¹¹ _ PASSINHO, Cristiane Domingues, *Estância Sanatorial do Caramulo: a Aculturação Experimental*

da *Expressão Moderna*, Prova Final de Licenciatura, FCTUC-Darq, 2005, p. 21.

¹¹²_ WEBER, Sir Hermann and WEBER, F. Parkes, *Climatotherapy and Balneotherapy – The Climates and Mineral Water Health Resorts (Spas) of Europe and North Africa*, Edited by F. Parkes Weber, London, 1907, p. 138.

¹¹³_ PASSINHO, Cristiane Domingues, *Estância Sanatorial do Caramulo: a Aculturação Experimental da Expressão Moderna*, Prova Final de Licenciatura, FCTUC-Darq, 2005, p. 48.

¹¹⁴_ PASSINHO, Cristiane Domingues in *Estância Sanatorial do Caramulo: a Aculturação Experimental da Expressão Moderna*, Prova Final de Licenciatura, FCTUC-Darq, 2005, p. 49.

¹¹⁵_ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 195.

¹¹⁶_ WEBER, Sir Hermann and WEBER, F. Parkes, *Climatotherapy and Balneotherapy – The Climates and Mineral Water Health Resorts (Spas) of Europe and North Africa*, Edited by F. Parkes Weber, London, 1907, p. 138.

¹¹⁷_ NAVARRO, Emygdio, *Quatro Dias na Serra da*

Estrella, Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos – Editor, Porto, 1884, p. 21.

¹¹⁸_ REMÉDIOS, Mendes dos in *Sousa Martins e a Serra da Estrella*, Typographia d'a Folha, Viseu, 1898, p. 39.

¹¹⁹_ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 196.

¹²⁰_ site: *Davos Klosters*,
<http://www.davos.ch/history-001-01050101-en.htm#3>, (11.01.2009).

¹²¹_ NAVARRO, Emygdio, *Quatro Dias na Serra da Estrella*, Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos – Editor, Porto, 1884, p. 62.

¹²²_ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 196.

¹²³_ MARTINS, J. T. de Sousa in NAVARRO, Emygdio, *Quatro Dias na Serra da Estrella*, Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos – Editor, Porto, 1884, p. 22.

¹²⁴_ WEBER, Sir Hermann and WEBER, F. Parkes, *Climatotherapy and Balneotherapy – The Climates and Mineral Water Health Resorts (Spas) of Europe and North Africa*, Edited by F. Parkes Weber, London, 1907,

p. 138.

¹²⁵ _ TAVARES, André in *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 189.

¹²⁶ _ CORBIN, Alain, *História dos Tempos Livres*, Editorial Teorema, Lisboa, 2001, p. 46.

¹²⁷ _ PATRÍCIO, Ladislau in *Altitude – O espírito na Medicina*, Edições Europa, Lisboa, 1938, p. 178.

¹²⁸ _ PASSINHO, Cristiane Domingues, *Estância Sanatorial do Caramulo: a Aculturação Experimental da Expressão Moderna*, Prova Final de Licenciatura, FCTUC-Darq, 2005, p. 49.

¹²⁹ _ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 199.

¹³⁰ _ PASSINHO, Cristiane Domingues, *Estância Sanatorial do Caramulo: a Aculturação Experimental da Expressão Moderna*, Prova Final de Licenciatura, FCTUC-Darq, 2005, p. 49.

¹³¹ _ *Ibid.*, p. 22, 33.

¹³² _ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 -

Argumentos 24, Porto, 2005, p. 141.

¹³³ _ ÁBALOS, Iñaki in *Atlas Pintoresco – Vol.1: El Observatorio*, Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona, 2005, p. 40. Do original: “ *El paisaje no sólo tiene origen en una disciplina, la pintura, cuyos vínculos con la arquitectura son de larga tradición, sino que supone operaciones selectivas de transformación del medio físico natural para adecuarlo al uso y la experiencia estética humanas, las cuales implican una composición híbrida de elementos naturales y artificiales actuando como un todo.*”

¹³⁴ _ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 197.

¹³⁵ _ *Ibid.*, p. 99.

¹³⁶ _ PATRÍCIO, Ladislau in *Altitude – O espírito na Medicina*, Edições Europa, Lisboa, 1938, p. 76.

¹³⁷ _ PASSINHO, Cristiane Domingues, *Estância Sanatorial do Caramulo: a Aculturação Experimental da Expressão Moderna*, Prova Final de Licenciatura, FCTUC-Darq, 2005, p. 24 - 33, 167.

¹³⁸ _ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 -

Argumentos 24, Porto, 2005, p. 141.

¹³⁹ _ *Ibid.*, p. 199.

¹⁴⁰ _ WEBER, Sir Hermann and WEBER, F. Parkes, *Climatotherapy and Balneotherapy – The Climates and Mineral Water Health Resorts (Spas) of Europe and North Africa*, Edited by F. Parkes Weber, London, 1907, p. 668.

¹⁴¹ _ PATRÍCIO, Ladislau in *Altitude – O espírito na Medicina*, Edições Europa, Lisboa, 1938, p. 78.

¹⁴² _ PASSINHO, Cristiane Domingues, *Estância Sanatorial do Caramulo: a Aculturação Experimental da Expressão Moderna*, Prova Final de Licenciatura, FCTUC-Darq, 2005, p. 34.

¹⁴³ _ *Ibid.*, p. 50.

¹⁴⁴ _ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 241.

¹⁴⁵ _ MANN, Thomas, A MONTANHA MÁGICA, Edição «Livros do Brasil», Lisboa, 2008.

¹⁴⁶ _ TAVARES, André in *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 198.

¹⁴⁷ _ RIKLI, Arnold citado por SCHNEIDER, Dr. E. in

A Saúde pelos tratamentos naturais, Publicadora Atlântico, S. A. R. L., Sacavém, 1977, p. 142.

¹⁴⁸ _ SCHNEIDER, Dr. E., *A Saúde pelos tratamentos naturais*, Publicadora Atlântico, S. A. R. L., Sacavém, 1977, p. 143.

¹⁴⁹ _ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 204.

¹⁵⁰ _ SCHNEIDER, Dr. E., *A Saúde pelos tratamentos naturais*, Publicadora Atlântico, S. A. R. L., Sacavém, 1977, p. 144.

¹⁵¹ _ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 115.

¹⁵² _ *Ibid.*, p. 21.

¹⁵³ _ *Ibid.*, p. 204.

¹⁵⁴ _ ÁBALOS, Iñaki in *Atlas Pintoresco – Vol.1: El Observatorio*, Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona, 2005, p. 19. Do original “ *una singular proyección romántica sobre la confluencia de la arquitectura y la naturaleza.*”

¹⁵⁵ _ CZUPRYN, Adriana, OMILANOWSKA, Malgorzata e SCHWENDIMANN, Ulrich, *Guia American Express: Suíça*,

Hachette Livre Polska sp. z.o.o., Varsóvia, Polónia,
Dorling Kindersley – Civilização, Editores, Lda., Porto,
2008, p. 27.

¹⁵⁶ _ MAGNANI, Franco, *Chalets Suisses*, Fribourg: Office
du Livre, Cop., 1969, p. 3.

¹⁵⁷ _ *Ibid.*, p. 4.

¹⁵⁸ _ *Ibid.*, p. 5 - 6.

¹⁵⁹ _ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose
– Trocas e Tráficos na Construção terapêutica en-
tre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 -
Argumentos 24, Porto, 2005, p. 196.

¹⁶⁰ _ CADILHE, Gonçalo, *Catedrais da Terra - As Mais
Belas Montanhas do Mundo*, Colecções Unibanco,
Abril Controljornal Edipresse, Amadora, 2002, p. 31.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

_ LIVROS:

FIG. 1_ CAMBOTAS, Manuela Cernadas, MEIRELES,
Fernanda, PINTO, Ana Lúcia, *Cadernos de História de
Arte - 9*, Porto Editora, Porto, 1998, p. 23.

FIG. 2_ CAMBOTAS, Manuela Cernadas, MEIRELES,
Fernanda, PINTO, Ana Lúcia, *Cadernos de História de
Arte - 4*, Porto Editora, Porto, 1997, p. 27.

FIG. 3_ CADILHE, Gonçalo, *Catedrais da Terra - As Mais
Belas Montanhas do Mundo*, Colecções Unibanco,
Abril Controljornal Edipresse, Amadora, 2002, p. 22.

FIG. 8_ CORBUSIER, Le (Charles-Edouard Jeanneret),
Voyage d' Orient - Carnets, Electa architecture, Milano,
1987, *Carnet 3*, p. 49.

FIG. 12_ TEIXEIRA, Francisco Gomes, *Santuários de
Montanha: Impressões de Viagens*, Livraria Clássica
Editora, Lisboa, 1926, p.138. Texto, p.115.

FIG. 13_ TEIXEIRA, Francisco Gomes, *Santuários de
Montanha: Impressões de Viagens*, Livraria Clássica
Editora, Lisboa, 1926, p.114. Texto, p. 115 - 116, 131
- 135.

FIG. 14_ BIRKSTED, Jan, editor literário, *Landscapes of
Memory and Experience*, London: Spon Press, 2000, p.
71-72.

FIG. 17 E 18_ CADILHE, Gonçalo, *Catedrais da Terra - As Mais Belas Montanhas do Mundo*, Coleções Unibanco, Abril Controljornal Edipresse, Amadora, 2002, p. 29, 186.

FIG. 37_ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose - Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005, p. 238.

FIG. 44, 45, 46, 47, 48 E 49_ *Ibid.*, p. 104, 116, 118, 134, 184 e 269.

FIG. 65_ MAGNANI, Franco, *Chalets Suisses*, Fribourg: Office du Livre, Cop., 1969, p. 22, 26, 32 e 34.

_ INTERNET:

FIG. 4_ site: *Wikipedia - A Enciclopedia Livre*,
http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Santa_Catarina_Sinai_2003.JPG, (10.01.2009).

FIG. 5_ site: *Viagem Virtual*,
<http://www.voyagevirtuel.com/grece/ecard/meteores-varlaam-8270.php>, (10.01.2009).

FIG. 6_ site: *Greco Tour*,
<http://www.grecotour.com/grecia-peninsular/monasterios-meteora-kalambaka.htm>, (10.01.2009).

FIG. 7_ site: *Wikipedia - A Enciclopedia Livre*,

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Athos-simonos-petra.jpg>, (10.01.2009).

FIG. 9_ blogue: *C. D. Entrecabezas*,
<http://entrecabezas.blogspot.com/>, (10.01.2009).

FIG. 10_ site: *Panoramio*,
<http://www.panoramio.com/photo/6758044>, (10.01.2009).

FIG. 11_ site: *Postershop.com*,
<http://www.postershop.com/Anonymous/Anonymous-Mont-Blanc-2000300.html>;
<http://www.postershop.com/Cardinaux-Emil/Cardinaux-Emil-Chemin-de-fer-Jungfrau-9954647.html>;

<http://www.postershop.com/Reckziegel-Anton/Reckziegel-Anton-Swiss-Alps-Zermatt-Matterhorn-Poster-1186994.html>;

blogue: *Vintage Poster*,
<http://pignouf-vintageposter.blogspot.com/search/label/alpes>, (10.01.2009).

FIG. 15_ site: *Wikipedia - A Enciclopedia Livre*,
http://en.wikipedia.org/wiki/File:Matterhorn_ascent_Dore.jpg, (10.01.2009).

FIG. 16_ site: *Wikipedia - A Enciclopedia Livre*,

http://en.wikipedia.org/wiki/File:Matterhorn_disaster_Dore.jpg, (10.01.2009).

FIG. 19_ Imagem e Texto dos sites:

AbeBooks.com, <http://www.abebooks.com/docs/RareBooks/Avid-Collector/Apr08/travel-guides.shtml>;

The Sydney Morning Herald, <http://www.smh.com.au/news/world/by-the-book/2005/11/11/1131578183666.html?page=3>, (11.01.2009).

FIG. 20_ *blogue: Vintage Poster*,

<http://pignouf-vintageposter.blogspot.com/search?q=Chemins+de+Fer+du+Midi>;

site: *Picasa*,

<http://picasaweb.google.com/francois.ledevedec/VINTAGEPOSTER#5190626478056337042>, (10.01.2009).

FIG. 21_ site: *Zermatt Tourism*,

http://www.zermatt.ch/e/matterhorn/photo.html?2004-01-21_15-31-11, consultado em 10.01.2009.

FIG. 22_ site: *História Viva*,

http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/eugenia_a_biologia_como_farsa_3.html, (10.01.2009).

FIG. 23_ site: *Postershop.com*,

<http://www.postershop.com/Geache/Geache-Arcachon-Bains-De-Mer-9926933.html>;

<http://www.postershop.co.uk/Delyed/Delyed-Arcachon-9926782.html>;

artigo: *La Villégiature retrouvée : les réseaux de la recherche*,

http://www.revue.inventaire.culture.gouv.fr/insitu/insitu/image.xsp?numero=4&id_article=e1544&no_image=1, (10.01.2009).

FIG. 24_ site: *Arcachon Nostalgie*,

http://www.arcachon-nostalgie.com/img/Sites/Vue_Generale.htm, (10.01.2009).

FIG. 25_ site: *Bassin d’Arcachon*,

<http://www.bassin-arcachon-fr.com/ville-arcachon.php>, (10.01.2009).

FIG. 26 E 27_ site: *Arcachon Nostalgie*,

<http://www.arcachon-nostalgie.com/img/Sites/Deganne.htm>, (10.01.2009).

FIG. 29_ site: *Notrefamille.com*,

<http://www.notrefamille.com/cartes-postales-photos/cartes-postales-photos-Les-Marchands-d-Huitres-au-Debarcadere-33120-33-gironde-289633-76916-detail.html>;

<http://www.notrefamille.com/cartes-postales-photos/cartes-postales-photos-Triage-des-huitres-33120-33-gironde-436688-76916-detail.html>,
(10.01.2009).

FIG. 30, 31 E 32_ site: *Arcachon Nostalgie*,

<http://www.arcachon-nostalgie.com/villas.htm>, (10.01.2009).

FIG. 33_ sites: *Davos Klosters*,

<http://www.davos.ch/arts-culture-001-010502-en.htm>;

Wuala,

<http://wuala.com/wildprovider/public+domain+day+2009/ernst+ludwig+kirchner?lang=en>,
(10.01.2009).

FIG. 34_ site: *Postershop.com*,

<http://www.postershop.com/Mangold-Burkhard/Mangold-Burkhard-Winter-in-Davos-9907175.html>, (10.01.2009).

FIG. 35_ site: *The Toynebee Convector*,

<http://davidderrick.wordpress.com/category/russia/>, (10.01.2009).

FIG. 36_ site: *Jamd*,

<http://www.jamd.com/image/g/3324777>,
(10.01.2009).

FIG. 38, 39 E 40_ site: *Imagem Digital – SILVA, Álbum Fotográfico Família Carneiro da*,

http://www.prof2000.pt/users/secjeste/Arkidigi/C_da_Silva/DavosPlatz01.htm, (10.01.2009).

FIG. 41_ site: *Postershop.com*,

<http://www.postershop.com/Laubi-Hugo/Laubi-Hugo-StMoritz-1944-9939927.html>,
(10.01.2009).

FIG. 42_ site: *Postershop.com*,

<http://www.postershop.com/Anonymous/Anonymous-French-St-Moritz-Snow-Ski-Poster-9945685.html>, (10.01.2009).

FIG. 43_ site: *Affiche Française: Travel Posters*,

<http://www.affiche-francaise.com/travel4.html>, (10.01.2009).

FIG. 50, 51 E 52_ site: *Jamd*,

<http://www.jamd.com/image/in-search/chalet/#27g3069992>, (11.01.2009).

FIG. 53, 55, 58 E 59_ site: *Euratlas*,

<http://www.euratlas.com/Atlas/switzerland/index.html>, (11.01.2009).

FIG. 54_ site: *Tourisme Suisse.com*,

http://www.tourismesuisse.com/gruyere/villes-villages/village/f_b_1_4_1452-Rossiniere.html,
(11.01.2009).

FIG. 56, 62 E 64_ site: *Alpes*,

http://www.alpes.ch/fr/Multimedia.6/Galerie_photos.393?showCat=394, (11.01.2009).

FIG. 57 E 63_ site: *Wikimedia Commons*,

http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Wooden_buildings_in_Switzerland, (11.01.2009).

FIG. 60_ site: *Flickr*,

<http://www.flickr.com/photos/ballyshannon/2811322273/>, (11.01.2009).

FIG. 61_ site: *Randonature*,

<http://www.randonature.ch/sentiers-didactiques/vald/sentier-architectural/images/chalet-de-la-place.jpg/view>, (11.01.2009).

FIG. 66 E 67_ site: *Alpes*,

http://www.alpes.ch/fr/Multimedia.6/Galerie_photos.393?showCat=394, (11.01.2009).

FIG. 68 E 69_ site: *Randonature*,

<http://www.randonature.ch/sentiers-didactiques/vald/sentier-architectural>, (11.01.2009).

FIG. 70_ site: *Wikimedia Commons*,

http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Grand_Chalet_Rossini%C3%A8re, (11.01.2009).

FIG. 71 E 72_ site: *Randonature*,

<http://www.randonature.ch/sentiers-didactiques/vald/sentier-architectural/11-toujours-plus-beau-toujours-plus-grand>, (11.01.2009).

FIG. 73 E 74_ site: *Randonature*,

<http://www.randonature.ch/sentiers-didactiques/vald/sentier-architectural/12-l-incomparable-1>, (11.01.2009).

FIG. 75_ site: *Postershop.com*,

<http://www.postershop.com/De-Lempicka-Tamara/De-Lempicka-Tamara-Saint-Moritz-2410289.html>, (11.01.2009).



1 Inscrição num penedo situado junto a um chalé nas Penhas Douradas, Serra da Estrela

*“As belezas da Serra!
(...)Vista dos seus vales ou contemplada dos seus cumes, multiplicando os seus aspectos em trechos pitorescos e lendíssimos conforme o ângulo de observação, possuindo, nos seus recantos, «os écos, as sombras e as tristezas sãntas», de que fala Herculano, a Serra, no seu conjuncto, é imponente e magestosa e proporciona, à nossa alma extasiada, os quadros mais belos e sublimes.”¹*

II

**DESENVOLVIMENTO DA CLIMATOTERAPIA EM
PORTUGAL: O “DESCOBRIMENTO” DA SERRA DA
ESTRELA**

2.1 - INTRODUÇÃO

2.1 - INTRODUÇÃO

Neste capítulo pretende-se uma abordagem aos processos que conduziram à implantação de estâncias climatéricas em Portugal.

Os avanços e progressos das novas técnicas industriais já implantadas em ambiente europeu começaram a espalhar-se também por território nacional proporcionando o importante desenvolvimento das redes de caminhos-de-ferro, e à semelhança do que se passou pelo resto da Europa, este factor constituiu um enorme estímulo para implementação do novo conceito de vilegiatura. Vários locais de situação geográfica privilegiada tornaram-se então alvo de interesse, principalmente por parte das classes mais abastadas da burguesia e aristocracia, que lá começaram a construir as suas casas, chalés, *villas*, etc., para as suas férias sazonais. Assim, locais como o Monte Estoril, a Serra de Sintra, a Serra do Buçaco, entre outros, tiveram um desenvolvimento significativo, constituindo-se como espaços de elite para a prática da vilegiatura². Também as novas campanhas higienistas que avançavam já pelo restante continente se começaram a fazer sentir em Portugal contribuindo, através das suas afirmações acerca da relação estreita entre o clima e

a saúde, para essa procura de locais de configurações geográfica, paisagística e climáticas potencialmente terapêuticas. Esta propaganda à salubridade de certas características climatéricas lançou a investigação portuguesa numa demanda que tinha em vista a descoberta de locais ou regiões de disposições semelhantes às dos já estabelecidos pontos de referência europeus.

A implantação de vários Observatórios de investigação científica em diversos locais privilegiados do país foi um dos passos mais importantes no processo de criação de estâncias de cura pelo clima. A semelhança encontrada entre as características climatéricas da Serra da Estrela e as inerentes às tão proclamadas regiões alpinas, nomeadamente em Davos, levaram a comunidade portuguesa a atribuir-lhe o apelido de “Suíça portuguesa”. O fenómeno iniciado pela construção da *Casa da Fraga* em 1882, pelo primeiro físico a ser tratado na serra, o escalabitano Alfredo César Henriques, revelou-se no colectivo de chalés que desde logo lhe seguiram exemplo, constituindo a estância climatérica de cura em altitude das Penhas Douradas.

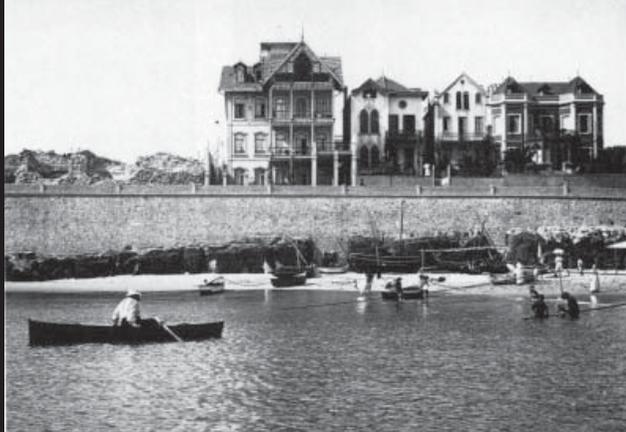


FIGURA 2: Ilustração representativa de um chalé em Cascais, 1904.

FIGURA 3: Marginal de Cascais, 1900.

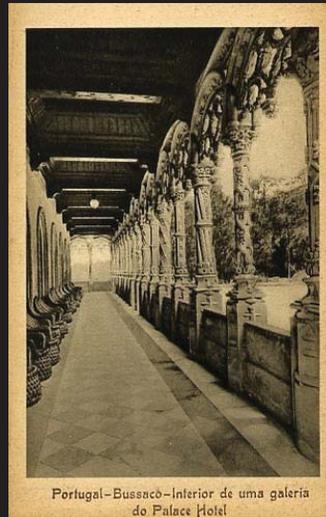
2.2 - A VILEGIATURA E O DESENVOLVIMENTO DA CLIMATOTERAPIA

“Ora, o ideal do «gentleman» português respectivo a uma casa de campo é o ideal do antigo romano relativamente á villa, e a sua residencia na mesma uma «villégiatura» pelo teôr do moderno cidadão italiano – um brève dia de feriado durante a estação calmosa, uma «rusticação» voluntaria por parte de um povo, cujo amor á vida campestre se manifestou no facto de conter a sua litteratura maior abundancia de poesia pastoril do que a de qualquer outra nação da Europa.”³

A vilegiatura em Portugal desde cedo esteve associada às residências de férias implantadas no campo, em meio rural. Esta prática era privilégio reservado às classes mais abastadas da sociedade, que com as respectivas famílias se ausentavam da cidade no espaço de tempo de um ou dois meses, em Agosto, Setembro, ou Outubro, para passarem a época estival em ambiente campestre, muito mais alegre e movimentado nesta altura do ano do que as monótonas cidades, já que era a época das vindimas e a estação favorável à caça. As casas, de aspecto muitas vezes im-

ponente, eram implantadas em terrenos cultivados de vinhas, pomares, milho, etc., constituindo residência permanente a um feitor responsável pela sua manutenção⁴.

Há medida que os avanços da indústria se começaram a afirmar pelo país, desencadearam uma revolução a nível de obras públicas, que por todo o território deu início à construção de estradas, pontes, aquedutos e principalmente dos caminhos-de-ferro. As novas acessibilidades aliadas aos ideais de terapia pelo clima provenientes da medicina e climatologia europeias traduziram-se na consequente transformação dos espaços de vilegiatura típicos, empreendendo-se novos esforços no sentido de melhorar as condições higiénicas de várias praias e zonas costeiras, bem como de parques naturais do interior, de forma a atrair o turismo português e estrangeiro como já o faziam as várias colónias climatéricas em desenvolvimento por toda a Europa civilizada. Muitas destas estâncias resultaram da apropriação de locais já reconhecidos através de monumentos situados em zonas de paisagens naturais privilegiadas, como a Serra do Buçaco, ou a Serra de Sintra, mas também de um planeamento organizado de raiz, como o Monte Estoril, constituindo-se como autênticas estâncias de clima-



SERRA DO BUÇACO

FIGURA 4: Postal com vista do Palace Hotel e mata do Buçaco.

FIGURA 5: Palace Hotel do Buçaco - Estilo Manuelino.

FIGURAS 6 E 7: Jardins do Buçaco e Nascente de águas, fotografias de 1922.

FIGURAS 8 E 9: Galeria interior do Palace Hotel, 1959.

FIGURA 10: Aspecto do conjunto de edifícios junto ao Palace Hotel, fotografia de 1922.

FIGURA 11: Capela de Santo Antão, Buçaco, fotografia de 1922.

toterapia de grande afluência turística. A estância do Monte Estoril chegou a ser considerada uma das mais salubres e aprazíveis estâncias europeias no inverno e a de Sintra uma das mais geniais no verão⁵.

*“Casas particulares, hotéis, villas, chalets, povoam as lindas e encantadoras paisagens de Sintra, do Estoril, do Bussaco, do Bom Jesus... Em todos esses lugares há o movimento e a vida da civilização, conhece-se a nota do progresso, accentua-se dia a dia a influência benéfica do homem.”*⁶

A Serra do Buçaco, situada no distrito de Aveiro e parte integrante do maciço da Serra do Caramulo, tornou-se uma das mais atractivas estâncias climatéricas de média altitude em Portugal, com o seu ponto mais alto, a Cruz Alta, situado a 547 metros de altitude. A construção do caminho-de-ferro da Beira Alta teve um impacto profundo no desenvolvimento deste local, cujas características climáticas associadas ao ar puro, leve e são da sua atmosfera, juntamente com a sua envolvente densamente florestada pelo *bosque sacro*, as suas inúmeras nascentes de água pura, bem como a proximidade ao espaço termal do Luso atraíram a atenção de visitantes de todo o país que lá procuravam o tratamento para os seus males⁷.

O alojamento turístico era assegurado pelo Convento de Santa Cruz, uma construção única situada à altitude de 357 metros, fundado em 1628 e incorporado nos bens nacionais do Estado em 1834 com a extinção das ordens religiosas, que possuía casas para aluguer⁸, sendo posteriormente transformado no Hotel Palace do Buçaco. O espaço termal do Luso possuía ainda dois hotéis para a vilegiatura⁹.

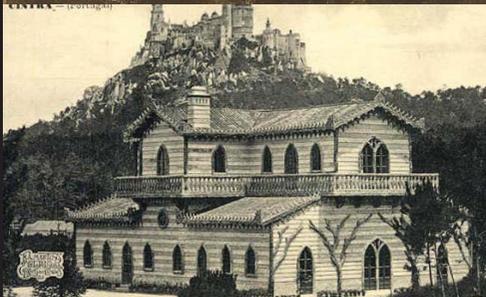
A pitoresca Serra de Sintra, ou *Mons Lunæ* (Monte da Lua) como lhe chamavam os Romanos, situada na zona norte da Estremadura numa cordilheira que encontra o seu término no Cabo da Roca, a ponta mais ocidental do continente europeu, é uma das serras portuguesas mais próximas do mar, com o seu ponto culminante a uma altitude de 529 metros, na Cruz Alta¹⁰. A sua superfície densamente florestada, cujas características climáticas específicas desenvolveram de forma única sob um solo de constituição maioritariamente granítica, elevou-a ao estatuto de uma das mais belas serras da Europa. O clima, bastante aprazível no verão, possui uma humidade relativa predominante proveniente da abundante vegetação e da influência marítima, o que nessa estação do ano se traduz numa quase permanente camada de brumas



12



14



18



15



16



13



17



19

SERRA DE SINTRA

FIGURA 12: Palácio de Monserrate.

FIGURA 13: Serra de Sintra coroada pelo Palácio da Pena, envolta em nevoeiro.

FIGURA 14: Monserrate - Postal do início do século XX.

FIGURAS 15 E 16: Aspectos da biosfera da Serra de Sintra.

FIGURA 17: Palácio da Pena.

FIGURA 18: *Chalet do Parque* ou D'Edla - construído em meados do século XIX, este chalé romântico pertenceu a D. Fernando II e sua segunda esposa, a Condessa D'Edla, autora do respectivo projecto. Encontra-se actualmente em ruínas devido à deflagração de um incêndio em 1999.

FIGURA 19: *Chalet Biester*, situado na Estrada da Pena - construção de finais do século XIX da autoria do arquitecto José Luís Monteiro.

existente sobre o seu cume. Os seus monumentos históricos, de grande diversidade cultural pertencentes a várias épocas, bem como a sua flora e os seus cenários românticos e bucólicos formaram um dos maiores atractivos pontos turísticos para a primavera e verão, cujo ar puro, suave e balsâmico da atmosfera, considerada mais estimulante e tónica quando comparada com a atmosfera do Buçaco, possuía propriedades terapêuticas para algumas afecções físicas¹¹.

A maioria das casas e *villas* construídas na Serra de Sintra encontra-se rodeada de jardins e grandes parques, com o Palácio da Pena a erguer-se sobre o cume, no lugar anteriormente pertencente a um mosteiro fundado em 1503, e com o Palácio de Monserrate, uma imponente propriedade construída em 1863, a dominar a extremidade oeste. O parque da Pena foi mandado plantar por ordem de Fernando de Saxe-Coburgo, em finais do século XIX, e o parque de Monserrate por Francis Cook, em meados do mesmo século, ambos de inspiração romântica, constituindo notáveis exemplos de introdução de plantas exóticas.

Em 1908, construiu-se um Observatório meteorológico à altitude de 205 metros, numa zona afastada do centro onde se encontravam a maioria dos hotéis e *villas*, facto que gerou alguma polémica por não facul-

tar dados precisos acerca das condições climatéricas daquele local. Os valores fornecidos constituíram, ainda assim, um factor importante para o conhecimento do clima e da sua possível aplicação como terapia em determinadas doenças¹².

Esta estância era já bastante reconhecida pelas classes aristocráticas como local de vilegiatura, que ao longo de vários séculos lá foram edificando os seus palácios, *villas*, chalés, etc., o que conferiu ao local um charme que associado ao cenário exótico das suas florestas desenvolvidas pelo micro-clima predominante, criou um cenário mítico, romântico e sereno, tornando-o alvo de maior atracção turística aquando da divulgação dos benefícios da terapia pelo clima¹³.

O Monte Estoril constitui um dos espaços mais emblemáticos da chamada “Riviera Portuguesa” na costa litoral a oeste de Lisboa, com uma altitude máxima de apenas 109 metros, que, à semelhança de outras estâncias, teve como factor de desenvolvimento a inauguração da linha férrea entre Pedrouços e Cascais, em 1889¹⁴.

A sua localização geográfica sob a forma de um anfiteatro voltado para sul, para o oceano, permite-lhe um aproveitamento completo da luz solar no inverno,



20



21



22



23



24



25



26



27



28



29



30



31

MONTE ESTORIL

FIGURAS 20 E 21: Aspecto da Praia do Monte Estoril - postais do início do século XX.

FIGURA 22: Postal do Monte Estoril em 1904.

FIGURA 23: Vista geral, postal ilustrado, no início do século XX.

FIGURA 24: Apeadeiro, Linha Pedrouços - Cascais, no início do século XX.

FIGURA 25: Avenida Saboya, postal ilustrado de 1906.

FIGURA 26: Rua das Palmeiras, no início do século XX.

FIGURA 27: Hotel Atlântico - *Royal Hotel*, 1900.

FIGURA 28: Aspecto de um conjunto de chalés na Avenida Trouville no primeiro quartel do século XX.

FIGURA 29: Postal ilustrado de 1894 - *Novo Estabelecimento Termal do Estoril*.

FIGURA 30: Casino Internacional do Monte Estoril, postal ilustrado de 1906.

FIGURA 31: Aspecto do caminho de ferro, finais do século XIX.

sendo o seu clima considerado o mais uniforme e um dos mais temperados de todas as estâncias de litoral do Continente Europeu, fresco e ligeiramente seco no inverno, com uma pluviosidade muito moderada, e quente e seco no verão, de pluviosidade rara. A sua atmosfera de ar muito puro, marinho e balsâmico, de efeitos terapêuticos tidos como salubres, bem como a sua envolvente exoticamente florestada formaram o cenário ideal para a construção de uma estância turística de cura pelo clima¹⁵.

Entre 1882 e 1885, a Companhia do Monte Estoril, cujos fundadores foram Carlos Anjos e o Conde Moser¹⁶, iniciou o planeamento urbanístico e turístico do local, até então denominado Pinhal da Costa de Santo António ou da Andreza, através da implantação de ruas e de infra-estruturas eléctricas, águas e esgotos e seguidamente a construção dos chalés e casas de veraneio. Introduziu-se também uma pequena via-férrea de cremalheira, que fazia a ligação entre a parte baixa e o alto do Monte Estoril¹⁷. Ao assumir de forma completamente inovadora a gestão global do espaço, a Companhia do Monte Estoril construiu um local de luxo para a aristocracia onde era possível encontrar quase tudo o que caracterizava a vida cosmopolita europeia da época, tornando-a não só uma es-

tância turística de veraneio mas também uma estância climatérica de inverno em 1904. Assim, partindo dos mesmos conceitos que potenciaram o desenvolvimento de outras estâncias, como por exemplo Arcachon, que tinham como fim o impacto turístico, esta equipa construiu uma colónia que rapidamente se destacou por toda a Europa, exibindo um colectivo habitacional de uma excentricidade e exotismo únicos, que juntamente com as características climáticas de alto valor terapêutico a colocou no topo das poucas estâncias climatéricas marítimas frequentadas tanto no inverno como no verão. Também nesta colónia em 1913 foi construído um Observatório meteorológico temporário para observações e investigações relacionadas com o clima¹⁸.

A procura de ambientes revitalizadores e salubres que proporcionassem o encontro directo com a natureza e o ar livre tornou-se o ponto fulcral entre a sociedade que partia em vilegiatura, tendo como elemento motivador a questão da saúde pública e a proliferação de doenças de grande mortalidade pelas cidades, potenciadas por ambientes sujos, escuros, sem escoamentos e saneamentos, sobrepovoados e contaminados. A promessa higienista dos benefícios climáticos e da propaganda climatoterápica actuava



32



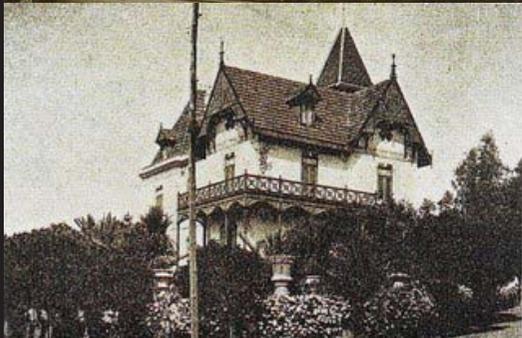
33



34



35



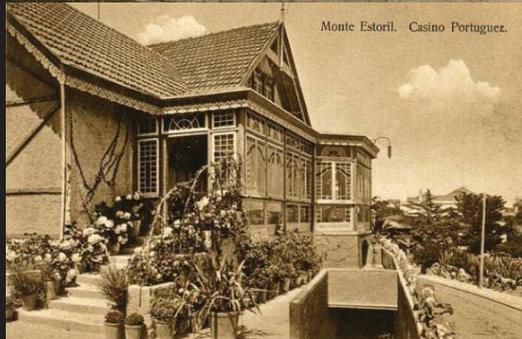
36



37



38



39

MONTE ESTORIL (CONT.)

FIGURAS 32 E 34: *Chalet Shroeter*, posteriormente *Chalet Fortes Club*.

FIGURA 33: *Chalet Almeida Pinheiro*, postal de 1909.

FIGURA 35: *Chalet de Sua Majestade a Rainha D. Maria Pia*.

FIGURA 36: O *Chalet Reynolds* ou *Vila Montrose*, como actualmente é conhecido, pertence a um conjunto de chalets edificadas pela Companhia do Mont'Estoril em 1890-91.

FIGURA 37: *Vivenda Judice*.

FIGURA 38: *Chalet Sommer*.

FIGURA 39: *Casino Portuguez*.

como agente potenciador de um movimento turístico, suportado por uma “arquitetura campestre”, adaptada a locais de natureza dominante. A fusão entre a medicina, o turismo e a arquitetura dava origem a um conjunto responsável pelo mecanismo da cura. As casas, chalés, *villas* e hotéis assumem o papel de observatórios sobre o domínio natural, que, por sua vez, se converte em santuário.

Estas estâncias eram sobretudo vivenciadas pela alta sociedade, que para além dos passeios pelos percursos ao ar livre, a “ginástica terapêutica”, frequentavam o teatro e organizavam bailes, festas e outros eventos em salões “chiques” dos hotéis e do casino, tornando a estadia higiénica e a vilegiatura medicinal um privilégio da moda e os locais terapêuticos, pontos de encontro cosmopolitas da aristocracia e alta burguesia portuguesas nas épocas estivais.



FIGURA 40: Lagoa Comprida no Inverno, Serra da Estrela.

2.3 - A SERRA DA ESTRELA

“A paisagem como património é um conceito recente, mas fundamental, pois permite classificar um bem material e imaterial e empreender acções claras de preservação, valorização e divulgação atendendo a um horizonte temporal e espacial próprios.”¹⁹

A Serra da Estrela, a mais elevada e mais extensa cordilheira do país, era conhecida entre os antigos por *Mons Herminius*, ou Montes Hermínios, adaptado da palavra *Haraminha*, *Harmenho* ou *Hermenho*, que significava áspera, selvagem, intratável ou fragosa, adquirindo a sua actual e exclusiva designação apenas após o século XVI²⁰. Constituindo o prolongamento da espinha dorsal da Península Ibérica, este maciço assume a divisão das duas metades opostas de Portugal, as duas regiões da Beira Alta e Beira Baixa, dois territórios distintos de fisionomia e temperamento, apresentando-se como uma enorme massa de contornos bem definidos, com o seu ponto mais alto numa esplanada designada *Malhão Grande* ou *Malhão da Estrela*²¹ a 1993 metros de altitude, local onde, em 1802, o então príncipe regente e futuro rei D. João V, mandou erguer uma pirâmide que, após a sua destruição, deu lugar à actual Torre²². Esta nova edificação veio referenciar o marco geodésico mais alto de Portugal perfazendo o

valor de 2000 metros de altitude²³.

A Serra da Estrela estende-se desde o planalto da Guarda, com uma orientação de nordeste a sudoeste, estando separada do Caramulo pelo vale do Mondego, até ao vale de Ancião, a oeste da Serra da Lousã, vale rectilíneo e meridiano que liga a bacia do Mondego e a depressão Lousã-Arganil à bacia do Tejo. A sua orografia é muito contorcida por picos, lombas, montes, cabeços, outeiros, colinas, esplanadas, pequenos planaltos, colos e portelas, depressões de vales e gargantas, circos e fracturas, contrafortes e adossamentos, saliências e reentrâncias, em todas as direcções, como que irradiando do planalto da Torre, com o aspecto de maciço orográfico. Nasce nesta Serra três rios, o Mondego, que desagua directamente no Atlântico, na Figueira da Foz, o Zêzere, afluente da margem esquerda do Tejo, em Constância, e o Alva, afluente importante do Mondego.

A constituição geológica da Estrela caracteriza-se por uma extensa camada granítica, essencialmente na parte norte, onde se registam as suas cotas mais altas, testemunhadas pelos *Cântaros*, com afloramentos xistosos câmbrios e pré-câmbrios na parte sul, que é também a mais fragosa e mais abrupta. O seu declive oriental é mais áspero que o ocidental²⁴.

Em 1883, o geólogo Vasconcelos Pereira Cabral fez os primeiros estudos da época glaciária e dos geleiros na Serra da Estrela, cuja acção pode ser observada entre as altitudes 1400 e 1800 metros²⁵, estando na origem de lagoas, alimentadas pela desglaciação dos geleiros, bem como na formação de vales de perfil em U, como o vale glaciário do Zêzere, covões e mo-reias e também no aspecto boleado, ou arredondado e polido, de enormes blocos graníticos desgastados pelo movimento de escorregamento desses antigos depósitos glaciários²⁶. Os estudos desta última glaciação Quaternária foram continuados em 1913 por Ernest Fleury, um geólogo suíço sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa, quando a geologia se apresentava já como ciência autónoma, mas foram apenas desenvolvidos e concluídos em 1928 pelo geógrafo alemão Hermann Lautensach²⁷. Esta é a única Serra portuguesa onde existem vestígios desta época, especialmente do período Würm, há 20 mil anos atrás²⁸.

O clima da Serra da Estrela é dominado por duas características essenciais, nomeadamente, pela sua grande altitude e enorme massa e pela sua proximidade ao Oceano, a cerca de 100 km²⁹. Existem, assim, dois tipos de bioclimas identificáveis neste maciço, nomeadamente, o temperado, nas encostas ex-

postas a oeste e norte e nas partes mais altas, e o mediterrânico, nas encostas mais baixas expostas a este e em alguns vales³⁰. Habitualmente, os verões apresentam-se amenos e secos, mas com forte insolação, e os invernos frios, rudes e com bastante precipitação devida à frequência dos ventos oeste, que “mergulham” e penetram amplamente pela bacia do Mondego, arrastando consigo a humidade que posteriormente vão descarregar sobre as encostas, vales e planaltos da Serra. A topografia influencia bastante a temperatura do ar, uma vez que, à medida que aumenta a altitude, a velocidade do vento e a precipitação tornam-se também mais proeminentes, registando-se ao mesmo tempo uma diminuição da temperatura³¹.

A distribuição vegetal da Serra da Estrela é realizada em função não só da altitude, mas também de factores ecológicos e climáticos, podendo reconhecer-se três andares bioclimáticos, cujos limites altitudinais oscilam conforme os flancos da Serra considerados entre o andar basal, até aos 900 metros de altitude, o andar intermédio, entre os 900 metros e os 1600 metros, e o andar superior a partir dos 1600 metros até ao topo. Deste modo, até aos 900 metros, predomina uma vegetação mediterrânica e temperada, com culturas como a oliveira, caracterizada pelo provei-

tamento intensivo dos solos. Numa plataforma intermédia, entre os 900 e os 1600 metros, a sua flora é constituída principalmente pelo pinheiro bravo, que se torna menos desenvolvido à medida que aumenta a altitude, e também pelo carvalho negral³². Nos seus pontos de maior cota, nomeadamente a partir dos 1600 metros de altitude, *“encontra-se despida de vegetação, árida, denegrida pelos temporais e mordida pelos gelos.”*³³ Esta região, como por exemplo na zona do Poio Negro, encontra-se coberta por uma vegetação boreal, constituída por espécies rasteiras e muito resistentes que revestem as suas altas cumeadas, como o zimbro, o vidoeiro, a urze e o cervum³⁴.

Nos finais do século XIX, a Serra da Estrela era apenas habitada em aldeias ou povoados situados em vales e meia encosta, que se organizavam, quase sempre, em torno de uma igreja, ou santuários de importância regional, centro das quais irradiavam as ruas, respectivamente do adro, ou átrio, e quase sempre da praça onde se reunia o povo, como nas antigas ágoras dos gregos.

A aldeia habitada situada no ponto mais alto da Serra, e de Portugal, é o Sabugueiro, que se encontra a 1000 metros de altitude, estando as restantes povoações dispostas a menor altitude pelas encostas,

nos vales, lombadas, confluência das linhas de água, no cimo dos cerros e colinas, em função da riqueza do solo, existência de águas potáveis, abundância de materiais de construção das habitações e abrigo dos ventos predominantes³⁵. As habitações típicas da Estrela são construídas principalmente em granito, embora em algumas povoações se utilize o xisto, segundo a região geológica, tendo, no entanto, as casas das regiões xistosas pedras de granito ou simples pranchões de madeira a guarnecer janelas e portas, as soleiras, torças e ombreiras. Estas construções possuem, normalmente, um único piso, com rés-do-chão ou loja na base, são cobertas por um telhado de grande declive de telha lusa da Pampilhosa ou romana e têm na sua maioria anexos para fins laborais, agrícolas e pecuários³⁶. A Serra da Estrela abrange o concelho de Covilhã, no distrito de Castelo Branco, e os concelhos de Celorico da Beira, Gouveia, Guarda, Manteigas e Seia, no distrito da Guarda³⁷.



FIGURA 41: Vale Glaciar do Zêzere, cuja extensão alcança os 13km.

FIGURA 42: Rio Zêzere.

FIGURA 43: Vista geral da aldeia do Sabugueiro, a aldeia mais alta de Portugal.

FIGURA 44: Vista sobre o covão de Manteigas, a partir do *Fragão do Corvo*, Penhas Douradas.

2.4 - A APROPRIAÇÃO DA SERRA DA ESTRELA COMO ESTAÇÃO CLIMATÉRICA DE CURA EM ALTITUDE

“(...) qual a virtude therapeutica desse agente puríssimo, que sopra á altitude de quasi 2000m na Serra da Estrella (...).”³⁸

A mortalidade pela tuberculose atingia, em finais do século XIX, cerca de 50% do crescimento progressivo da população portuguesa, facto agravado pela imigração das massas para o ambiente urbano e consequentemente pelas cada vez mais precárias condições de salubridade predominantes nas cidades³⁹. Estes índices tornaram-se uma preocupação de máxima urgência, mobilizando núcleos e corporações científicas, tais como a Sociedade das Ciências Médicas, a Sociedade de Geografia, a Academia Real das Ciências, a Associação dos Médicos Portugueses, a Liga Nacional Contra a Tuberculose, a Assistência Nacional aos Tuberculosos, entre outros, numa atitude de sensibilização social que estendia os seus recursos através de conferências, jornais, congressos e folhetos, e sobretudo pela regulamentação higiénica dos comportamentos, bem como a motivação à recolha em meio sanatorial. A sua demanda reflectiu-se também no

investimento atribuído à investigação científica que, animada pelos avanços da terapêutica antituberculose de alguns países da Europa ocidental, nomeadamente da Alemanha, da França, da Suíça e da Inglaterra, e apesar dos magros recursos concedidos pelo Governo, procurou por todo o território condições que reflectissem os valores proclamados nas estâncias de renome desses países⁴⁰.

“Esta prophylaxia resume-se em duas condições geraes (...) – diminuir successivamente pela desinfeção o numero de bacillos de Koch á superficie da terra, e empregar todos os meios conducentes a fortalecer o organismo, e evitar todos os que pódem favorecer-lhe a decadencia.”⁴¹

As primeiras observações meteorológicas efectuadas em Portugal, com continuidade e das quais existem valores disponíveis, tiveram lugar na Madeira entre 1747 e 1753 e devem-se ao médico britânico Thomas Heberden, às quais se seguiram as observações de Lisboa de 1777 a 1785 pelo engenheiro Jacques Pretorius, bem como outras de observadores isolados. No entanto, pensa-se que o verdadeiro fundador da meteorologia portuguesa foi Marino Miguel Franzini, sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa, cujas observações meteorológicas na capital

decorreram entre 1815 e 1855, sendo consideradas as mais completas e extensas executadas no país por um particular. Nas revistas científicas portuguesas da primeira metade do século XIX, designadamente no “Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa”, na “Gazeta Médica de Lisboa”, na “Gazeta Médica do Porto” e no “Jornal de Coimbra”, encontravam-se já resultados de muitas observações meteorológicas executadas em Portugal por médicos, professores, engenheiros e outros profissionais⁴².

É neste contexto de desenvolvimento dos estudos da meteorologia e da climatologia que se dá início a uma relação de colaboração entre estes serviços e a classe médica, no sentido de reforçar os esforços empreendidos na resolução dos problemas de higiene e saúde públicas.

O primeiro estabelecimento fundado em Portugal destinado à cura e isolamento dos doentes de tuberculose foi edificado no Funchal em 1858, em memória da princesa D. Maria Amélia que para lá se dirigira em busca de alívio terapêutico para a tuberculose pulmonar de que padecia e da qual foi vítima em 1853⁴³.

“Os bons resultados obtidos em milhares de casos, mercê do estágio prolongado no ar frio, sêco, ami-

crobiano das grandes alturas, e a suposta imunidade contra a tuberculose dos habitantes dessas regiões, criaram o dogma da altitude (...).”⁴⁴

As notícias que chegavam do estrangeiro acerca das teorias de Brehmer e dos benefícios do tratamento das doenças pulmonares nos climas frios e montanhosos, bem como o sucesso das novas estâncias climatéricas de altitude, como a de Saint Moritz e principalmente a de Davos-Platz, levaram a Sociedade de Geografia de Lisboa a promover em 1881 uma expedição com fins científicos à Serra da Estrela⁴⁵, reunindo um grupo de investigadores de forma a realizar estudos e observações por toda a superfície desta cordilheira dentro dos vários âmbitos da ciência, designadamente, da antropologia, da arqueologia, da botânica, da química, da agronomia e silvicultura, da etnografia, da geologia, da hidrografia, da medicina, da meteorologia, da fotografia, da zoologia e da zootecnia, sendo em 1883 publicados alguns volumes contendo o colectivo de relatórios efectuados para cada uma destas disciplinas⁴⁶. Deste empreendimento, cujo objectivo principal seria investigar se seriam aproveitáveis as condições climatéricas de certos vales e planaltos do maciço para a climatoterapia⁴⁷, resultou a construção, seis meses depois, no ano de

1882, de um pequeno edifício constituindo o primeiro Observatório meteorológico na zona denominada de *Poio Negro*, a 1475 metros de altitude⁴⁸. Também no mesmo ano foi construída nesta zona a primeira “casa-sanatório” da Serra da Estrela, onde, a conselho do médico Sousa Martins, se instalou o primeiro doente de tuberculose pulmonar, Alfredo César Henriques, para efectuar o tratamento pelo clima de altitude. Após alguns anos de tratamentos insatisfatórios pelos sanatórios da Madeira, César Henriques dirigiu-se à Serra da Estrela, em detrimento da estância sanatorial de Davos, a qual lhe tinha sido medicamente aconselhada⁴⁹, instalando-se inicialmente no Observatório do *Poio Negro* e dando início, também nesse local, à construção da sua lendária *Casa da Fraga*, à altitude de 1441 metros, junto a um enorme fragão, para onde rapidamente se mudou e onde permaneceu durante dois anos consecutivos, até ser declarado como totalmente restabelecido, tornando-se o primeiro doente de tuberculose pulmonar a encontrar a cura na Serra⁵⁰. O Observatório meteorológico foi posteriormente transferido para outras instalações localizadas um pouco mais abaixo na encosta que conduz ao covão de Manteigas, numa construção maciça de granito a cerca de 1400 metros de altitude, que mantém o seu

funcionamento até hoje.

*“Mas Sousa Martins tinha grandes esperanças na Serra, no pensamento delle devia ser a Davos portuguesa, uma estação de tuberculosos modelo, que chamaria ao nosso país a affluencia do estrangeiro (...).”*⁵¹

Sousa Martins, médico responsável pelo tratamento deste doente e membro integrante da grande expedição de 1881⁵², juntamente com a secção médica da mesma, propôs-se a estudar a aplicação das condições climatéricas das altitudes mais elevadas da Serra, principalmente entre os 1500 e os 1800 metros, no tratamento de doenças pulmonares, tendo como referência as teorias de Spengler e Brehmer, bem como as estâncias suíças que propagandeavam os seus brilhantes resultados. Na sua consideração, existiam na Serra da Estrela condições bastante favoráveis à construção de equipamentos sanatoriais para a cura climatoterápica, comparando-as às das estâncias de altitude de renome dos Alpes, nomeadamente Davos-Platz⁵³. Em 1883, juntamente com o seu colega Carlos Tavares e o publicista e escritor Emídio Navarro, Sousa Martins empreende nova expedição ao maciço, com vista a uma maior e mais minuciosa investigação, recolha de observações e informações para o seu re-



FIGURAS 45 E 46: Grupos de excursionistas no Sanatório de Manteigas - *Observatório*.

latório médico, que nunca chegou a terminar⁵⁴, dando origem à redacção de um livro descritivo de toda a excursão por Navarro, designado “Quatro Dias na Serra da Estrela”⁵⁵ e para o qual escreveu o prefácio. Este livro, editado em 1884, lançou sobre a Serra as atenções até então direccionadas para os Alpes suíços, não só pelas descrições paisagísticas que atribuíam ao seu panorama cenários de grande beleza e grandiosidade, mas sobretudo pelas suas referências às qualidades climatéricas das suas altitudes, de propriedades terapêuticas aplicáveis ao tratamento da tuberculose pulmonar, o que desencadeou uma afluência de vários grupos de excursionistas, expedições e turistas ao encontro da respectiva montanha⁵⁶.

Emídio Navarro, então ministro da pasta das Obras Públicas, põe a concurso a estrada de Gouveia a Manteigas e cria a Estação Telégrafo-postal, um edifício em granito instalado na base do Poio Negro junto ao antigo Observatório, que abre ao público em 1888⁵⁷. Por esta altura publicou ainda o 1º Regulamento dos Serviços Florestais da Serra da Estrela, dando origem ao início do processo de florestação que o Governo empreendeu nessa zona.

“Na minha ignorância de medicina, mas com a segurança da minha razão e das minhas observações,

*affirmo que A. Cesar Henriques é uma confirmação irrefragável e eloquentíssima das excellencias do tratamento da phtysica pela rarefação do ar nas grandes altitudes.”*⁵⁸

O impacto causado pelas notícias que entretanto começaram a percorrer o país acerca do restabelecimento de César Henriques veio reforçar a ideia de transformar o planalto da Serra da Estrela em estação climatérica de altitude de primeira ordem em Portugal, desencadeando uma série de movimentos com vista ao seu desenvolvimento. Assim, fundou-se em Lisboa uma associação de beneficência denominada Club Hermínio, também por iniciativa de Sousa Martins, cujo objectivo era o de promover a construção e a sustentação de um sanatório na Serra à imagem de um dos mais bem sucedidos da Suíça, em Davos-Platz⁵⁹, procurando colocar o tratamento pelo clima ao alcance de todas as classes sociais, especialmente dos mais descompensados economicamente, e estabelecendo os seus estatutos através da enumeração de um colectivo de artigos regulamentares legislativos, de índole humanitária, do qual se destacava o seguinte:

“Art.º 2.º - Tem por fim este club promover directa ou indirectamente o melhoramento das condi-

ções naturaes da Serra da Estrella, considerada como estação sanitaria.

N.º 1.º - Estabelecendo casas de saude sob direcção medica.

N.º 2.º - Soccorrendo doentes d'ambos os sexos que, pelas suas precarias circunstancias, não possam seguir o tratamento recomendado pelo medico assistente, fornecendo-lhes transporte, casa, medico, remédios, alimentos e emfim tudo quanto seja indispensável para a sua melhora.

N.º 5.º - Promovendo toda a ordem de distrações domiciliarias e na séde da associação, que possa influir beneficemente na saude dos doentes.

N.º 7.º - Auxiliando os socios nas excursões scientificas ou recreativas á serra.”⁶⁰

Sucedem-se inúmeras investigações por parte de cientistas, médicos, climatologistas, higienistas, e outros estudiosos, bem como de simples curiosos que pretendem indagar as várias campanhas publicitárias em curso pelo país, o que se reflectiu em variados relatos publicados em jornais, revistas, folhetos, livros de memórias e impressões de viagens, de estudo e debate.

“ Por isso quis certificar-me se realmente a influencia do clima na Serra da Estrella no trata-

mento dos tuberculosos é uma lenda ou um facto. Empreheendi ascensões varias á Serra, por Covilhã, por Gouveia e Manteigas.”⁶¹

As classes médicas e higienistas portuguesas convencem-se progressivamente de que em certos pontos de grande altitude da Serra se encontram reunidas todas as condições meteorológicas conducentes ao estabelecimento de uma excelente estação de cura para alguns dos seus períodos e fases, nomeadamente uma estância climatérica de verão, quando as variantes da temperatura são menos sensíveis, uma vez que o único ponto desfavorável seria o dos fortes ventos que de inverno se fazem sentir pelas suas encostas. Considerava-se, então, que a conjugação dos factores altitude e latitude com os de ar fresco e rarefeito era vantajosa nesta Serra e que entre as altitudes de 1500 e 1800 metros, fora da zona dos nevoeiros e dos ventos húmidos, existiam vales e planaltos propícios ao tratamento climatérico para a tuberculose pulmonar⁶². A par da excelência do seu clima, a Serra da Estrella propunha ainda um elevado potencial a nível turístico através dos seus vários pontos de atracção, como a Torre, as Lagoas, os *Cântaros*, o *Poço do Inferno*, entre outros, bem como os seus cenários panorâmicos que proporcionavam uma extensão visual para além das

últimas serras de Espanha até à fita azul, esbatida, do mar da Nazaré. Assim, o belo ligava-se ao útil, o pitoresco ao científico, numa aliança que se pretendia de utilização não só profiláctica e terapêutica, mas também humanitária e dignificante.

A Câmara de Manteigas começa, por esta altura, a permitir a construção de casas na zona do antigo Observatório, pelo cume irregular do vale que desce sobre Manteigas, desde o *Poio Negro* até ao *Vale das Éguas*, junto às Penhas Douradas, apenas para fins sanatoriais de tratamento climatérico da tuberculose pulmonar, ou seja, não era concedida licença de construção a quem não pretendesse edificar um equipamento destinado à utilização terapêutica.

O médico Basílio Freire, lente de medicina na Universidade de Coimbra foi nomeado por portaria em 1889, pelo então ministro da coroa José Luciano de Castro, para fazer estudos clínicos, bacteriológicos e climatológicos na Serra da Estrela, para onde se dirigiu e permaneceu durante quinze meses⁶³, isolado e privado de recursos, garantindo assistência médica aos doentes que entretanto lá se começavam a alojar “*em cardenhos miseráveis*”⁶⁴. Posteriormente, este clínico chegou a presidir à direcção do *Club Hermínio*, bem como à supervisão dos trabalhos de construção de um

sanatório para os desfavorecidos no Vale do Conde, denominado *Hospital Príncipe da Beira*, cuja obra foi interrompida e abandonada logo após a exoneração do médico do cargo, ficando em ruínas o aglomerado de alicerces e colunas já em execução⁶⁵.

Em 1890 Sousa Martins publica um relatório denominado “Tuberculose Pulmonar e o Clima de Altitude na Serra da Estrêla”⁶⁶, que apresenta ao governo como requerimento para a instalação de um colectivo de sanatórios e casas de saúde como equipamentos complementares à rede já a emergir, demonstrando que a temperatura da Serra seria muito mais regular, na zona junto ao antigo Observatório, do que a de Davos, suficientemente fresca durante o verão, sem máximos muito altos e mínimos muito baixos, e a sua atmosfera mais seca⁶⁷. No entanto, o vale de Davos, orientado de nordeste a sudeste, era cercado de montanhas que lhe proporcionavam um poderoso abrigo face aos ventos prevalecentes, que perdiam bastante intensidade conferindo serenidade ao local, o que não se verificava na Serra, onde os ventos eram bastante violentos e frequentes no inverno, com oscilações na intensidade e regularidade. Porém, o Observatório do *Poio Negro* encontrava-se mais exposto à sua acção do que as casas e hotéis que

o circundavam, todas construídas ao abrigo de enormes fragas e penedos de granito, e, na sua maioria, protegidas pelas irregularidades do terreno, bastante acidentado, sobre a encosta virada a sul. Era, portanto imperativa a escolha de um local que garantisse o abrigo aos ventos oeste e nordeste, tendo em conta a topografia do terreno, uma vez que a exposição do doente de tuberculose pulmonar à sua acção era bastante contra-indicada pelas classes médicas por se afigurar como altamente nociva para o processo terapêutico⁶⁸. As galerias de cura dos sanatórios eram, no entanto, compatíveis com os ventos, pois a sua configuração na zona sul da edificação, como um longo corredor apenas aberto de um lado, permitia a permanência dos doentes ao ar livre, ao mesmo tempo que lhes proporcionava o abrigo necessário. Era neste sentido que o médico Sousa Martins defendia a instalação sanatorial no Vale do Conde⁶⁹, alegando que *“poderia, se o vento permitisse, edificar «um dos melhores sanatórios do mundo».”*⁷⁰

*“O valor dum clima é apoiado por longos anos de observação constante; mas a organização sanatorial e a sua disciplina severa multiplicam o valor dêsse clima.”*⁷¹

Em 1898, por iniciativa da Sociedade das

Ciências Medicas de Lisboa funda-se a Liga Nacional Contra a Tuberculose⁷², que promove a instituição de vários núcleos pelo país, mobilizando-se em quatro congressos decorrentes entre 1901 e 1907 e no ano de 1899 dá-se início à maior obra de conjunto até então realizada em Portugal, a “Assistência Nacional aos Tuberculosos”, a qual teve como promotora a rainha D. Amélia⁷³. Estas duas sociedades humanitárias desencadearam um movimento que tinha como objectivo a reforma, revisão e modificação de muitos pontos da higiene pública e social, nomeadamente o desenvolvimento de métodos de higienização urbana e rural e todo um conjunto de normas regulamentares aplicáveis em todos os âmbitos da vida em sociedade, recorrendo à propaganda como elemento auxiliador à sua realização prática.

*“Porque, interessando a todos, devia ser elevado à categoria de tema patriótico, em matéria de turismo e de Sanidade Pública.”*⁷⁴

Os organismos governamentais mostravam-se, no entanto, renitentes quanto ao investimento de capital nas altitudes da Serra, o que impossibilitava a aplicação dos métodos estudados e a continuidade da investigação e observação de resultados. Em resposta ao requerimento do Dr. Sousa Martins, um ministro

argumentou que, *“O país não está ainda convencido da utilidade das despesas com estudos destes.”*⁷⁵

Não se pretendendo insurgir como entidades dependentes do Estado, estas associações recorreram ao apelo às classes possidentes do domínio privado, num gesto de sensibilização que levasse à mobilização de esforços no sentido contributivo para o empreendimento anti-tuberculose. Uma das grandes preocupações desta campanha de profilaxia era o isolamento do indivíduo infectado em equipamento sanatorial, em meio hospitalar ou em meio domiciliário sob regime de cura livre, em local que se afigurasse o suficientemente remoto aos grandes centros urbanos, de forma a evitar o contágio e a preservar a saúde da população incólume⁷⁶.

*“Virá depois, talvez, a criação de colonias de tuberculosos pelo conhecimento experimental, cada vez mais arreigado, de que a sequestração do tuberculoso bacillífero se impõe como em tempo se impoz para a lepra, como um dos meios fundamentaes, do mais elevado alcance pratico, o meio supremo, de mais seguros resultados na lucta contra a tuberculose.”*⁷⁷

Em 1897, após a visita de Sousa Martins que considerou o local adequado, iniciaram-se os trabalhos

de construção do *Grande Hotel dos Hermínios*, próximo da Covilhã, na *Nave da Areia*, a uma altitude de 1530 metros, e propriedade de César Henriques, cuja iniciativa humanitária e altruísta pretendia a utilização das suas instalações como casa de saúde para o tratamento da tuberculose pulmonar, o que posteriormente deu origem à denominação do local de *Sanatório da Covilhã*. Este edifício ficou concluído em 1899, ano em que recebeu os primeiros doentes apenas durante os meses de verão, numa construção constituída por cinquenta e quatro quartos, sala de jantar, salão de jogos, sala de leitura, instalações sanitárias já equipadas com dispositivos autoclismos e uma ampla galeria envidraçada para a cura de ar livre. A sua localização ao abrigo de elevações de montanha proporcionava-lhe a protecção necessária face aos ventos prevaletentes. O *Sanatório da Covilhã* era, então, um núcleo constituído por este hotel-sanatório e por mais três habitações de cura próximas⁷⁸.

O local onde existia a pequena estância climática de altitude, constituída pelo aglomerado de chales e hotéis, até então designado de *Observatório do Poio Negro*, por portaria de 20 de Fevereiro de 1905, passou oficialmente a ser designado de *Sanatório de Manteigas*, embora apenas possuísse dois pequenos



47



48



49



50



51



52

FIGURAS 47 E 48: Sanatório Sousa Martins - Pavilhão "Lopo de Carvalho".

FIGURA 49: Pavilhões do Sanatório Sousa Martins.

FIGURA 50: Vista geral do Sanatório Sousa Martins.

FIGURAS 51 E 52: Chalés do Sanatório Sousa Martins.

hotéis onde se poderia efectuar a cura sanatorial, o *Hotel-Pensão Montanha* e o *Hotel Estrela*⁷⁹.

Ainda sob o impulso visionário do distinto médico, inaugurou-se em 1907 o *Sanatório Sousa Martins*, na Guarda, situado a 1039 metros de altitude e abrangendo uma área de 27 hectares, circundada por uma mata de pinheiros e abetos. Esta cerimónia de inauguração, pelo grande impacto que a sua publicidade causava já por todo o país, contou com a presença do Rei D. Carlos I e também da Rainha D. Amélia, uma das grandes propulsoras deste movimento. O complexo hospitalar, cuja direcção ficou a cargo do Dr. Lopo de Carvalho, um notável fisiologista, era composto por três pavilhões destinados a doentes das três classes sociais, e por estruturas complementares com núcleos de apoio e administração, bem como seis chalés⁸⁰.

Estes três conjuntos sanatoriais, *Sanatório da Covilhã*, *Sanatório de Manteigas* e *Sanatório Sousa Martins*, que se estabeleceram na região de altitude da Serra da Estrela, embora numa escala muito diminuta, reflectem bem a atitude isoladora, face ao foco de contágio prefigurado em cada indivíduo infectado pelo bacilo maligno, das comunidades envolvidas no processo profiláctico. A criação deste tipo de comple-

xos turísticos com a maior auto-suficiência possível, constituídos como pequenas colónias, aldeias, ou até mesmo cidades, como as de Davos, Leysin e Arcachon, era vista como desejável, no sentido em que reduzia as hipóteses de comunicação e contacto entre a população insalubre e população saudável. Embora nesta região estes complexos não tivessem adquirido a independência necessária ao seu funcionamento sem o apoio das povoações das proximidades, o contacto era estabelecido, na maioria das vezes através da criação, que se deslocava até aos centros para adquirir bens de consumo, bem como através da assistência médica. Os doentes apreciavam a dignidade proporcionada pela reclusão entre o isolamento com a natureza, os passeios higiénicos pelas encostas e o convívio fraternal entre os seus “colegas”, “partilhadores dos seus males”.



53



54



55



56



57



58



59



60

FIGURAS 53 E 54: Do panorama obtido desde a vertente norte do planalto sobre a encosta sul, mal se conseguem detectar as construções ali implantadas, apenas reconhecíveis através dos cumes dos seus telhados.

FIGURA 55: Quando o nevoeiro se abate sobre as encostas da montanha, os planaltos mantêm-se a descoberto, usufruindo de maiores períodos de insolação.

FIGURA 56: Chalé construído ao abrigo de um aglomerado de pedras.

FIGURA 57: Pormenor de um telhado revestido a chapas de zinco sobrepostas e chumbadas no cume.

FIGURA 58: Detalhe do sistema construtivo de montagem de chapas de zinco sobre a pedra granítica, que por sua vez é reforçada pela colocação de argamassas em todas as suas junções e interstícios. Do lado esquerdo é ainda possível observar-se a *loja*, que mantém a construção elevada e, conseqüentemente livre de humidades.

FIGURAS 59 E 60: Os caminhos de deambulação pedestre circundam a maior parte das construções.

2.5 - OBSERVATÓRIO DO POIO NEGRO – SANATÓRIO DE MANTEIGAS

“E o país que, de maravilhas de montanhas, só conhecia os ecos vindos do estrangeiro – da Suíça especialmente – mais céptico do que curioso – largou deabalada aos Montes Hermínios.”⁸¹

Na transição do século XIX para o século XX, a arquitectura do espaço habitacional em Portugal, embora dentro de um quadro muito nítido do ecletismo e dos revivalismos arquitectónicos ainda herdados do período romântico, ensaia então um assinalável esforço de modernização, com utilização de estruturas metálicas laminadas e industriais, que começam a ocupar uma parte tendencialmente mais significativa da construção, ou mesmo a constituir a totalidade da estrutura e a dominante expressão plástica. A *Arquitectura do Ferro* é uma expressão que começa cada vez mais a ganhar destaque, pela sua importante aplicação progressiva à produção construtiva, que consequentemente adquire novas técnicas modificando todo o processo urbano, desde as infra-estruturas, estruturas, revestimentos, etc., sem no entanto colocar em causa o domínio eclético tardo-romântico, o tradicional

português, ou a influência de todo o tipo de “neos”, gótico, clássico, entre outros, muito populares nesta época. A aplicação destes novos materiais passou inicialmente pelas infra-estruturas não urbanas, como as pontes, viadutos, depósitos de água, etc., e apenas numa fase seguinte começaram a ser aplicados como simples espaços acessórios ou complementares, quer da habitação, quer dos equipamentos, como as marquises, as galerias, estufas, ou mirantes, onde era mais óbvia a sua vantagem⁸². Assim, a linguagem formal arquitectónica, ao apropriar-se dos novos materiais da industrialização, cimento, ferro e vidro, passa por uma reforma estética e plástica que deu origem a uma nova forma conceptual de espaço.

Esta contextualização assume relevância na perspectiva da influência que os novos materiais e técnicas tiveram no colectivo de chalés que constituem a estância actualmente designada de *Penhas Douradas*, reflectindo-se na sua caracterização geral marcada por vários elementos construtivos, nomeadamente, paredes graníticas bem reforçadas com argamassas e revestidas a chapa de zinco, telhados de grande declive de estrutura em madeira e também revestidos de zinco, portas chapeadas de metal e janelas de dupla caixilharia, na sua maioria também com portadas me-

tálicas, e marquises envidraçadas, numa mistura ambígua entre o pitoresco romântico do chalé suíço e a era moderna tecnológica da industrialização.

Esta ambiguidade, é reflexo do processo de adaptação de que se revestiu a arquitectura relativamente aos factores ambientais naturais de clima, topografia, geologia e geografia, sem abandonar os elementos adquiridos de influência pitoresca que dariam a configuração essencial à construção, baseada nos preceitos do típico chalé suíço. Deste modo, o aspecto que em primeiro lugar evidencia uma preocupação cuidada na adaptação construtiva de todos os edifícios pertencentes ao *Observatório do Poio Negro*, ou *Sanatório de Manteigas*, à natureza envolvente, é a forma como estão implantados no terreno, orientados a sueste, estando cada um deles criteriosamente associado a grandes fragões e penedos de granito, que lhes flanqueiam as traseiras, proporcionando-lhes abrigo face aos ventos abrasivos e violentos que se fazem sentir com frequência nos cumes da Serra, e adquirindo muitas vezes o papel de seus contrafortes. Além do abrigo fornecido pelos rochedos, os edifícios procuram ainda apoio nas irregularidades inerentes ao terreno da cumeada daquele planalto⁸³, procurando refúgio apenas do lado sul da encosta, sobre o vale

que se debruça sobre Manteigas, que, pela sua profusão de relevos de grande inclinação, lhes oferece uma importante protecção. Neste sentido, as construções estão implantadas de tal forma ao abrigo da montanha, que o panorama visual obtido do lado norte da vertente sobre esta encosta não permite a sua imediata detecção.

Outro aspecto bastante importante é a acção dos agentes dinâmicos externos que actuam permanentemente sobre a superfície terrestre, alterando, desagregando, decompondo e destruindo as rochas, podendo ser de natureza física, química ou orgânica. O granito predominante na Serra da Estrela, uma rocha ígnea plutónica macrocristalina, é de dois tipos, porfiróide de grão grosseiro a médio e moscovítico de grão médio a fino, que se dispõem de forma concêntrica respectivamente para o interior do maciço⁸⁴. É principalmente formada por quartzo, duas micas, branca e negra, e feldspato, possuindo um tom característico cinzento-escuro proveniente da grande quantidade de carbono que entra na sua composição, e, apesar de ser mais resistente do que os restantes tipos de rochas, apresenta uma grande vulnerabilidade relativamente à água, que tende a ser o seu principal agente de degradação, potenciando todos os outros.

A técnica construtiva aplicada nestes pequenos edifícios reflecte uma atitude defensiva face a esta acção dos elementos, procurando conferir à estrutura edificada uma maior durabilidade possível. Além dos efeitos nocivos que poderão ter os raios ou descargas eléctricas atmosféricas sobre as rochas graníticas, que ao serem atingidas são esfareladas, partidas e muitas vezes vitrificadas, existem também outros factores físicos, como as variações diárias de temperatura, a insolação, que têm um forte poder desagregante nos grãos minerais de diferente coeficiente de dilatação, e, como as rochas não são ordinariamente boas condutoras de calor, pequenas camadas envolventes se desagregam, descamando-se da rocha superficial, por via de altas temperaturas durante o dia, que no verão rondam os 20°C, e de baixas temperaturas durante a noite, que no mesmo dia podem chegar a valores negativos. No entanto, os efeitos mais gravosos são os da repetida alternância entre congelação e degelo da água infiltrada pelos orifícios e poros das rochas, que se traduz não só na sua descamação como principalmente na sua fragmentação⁸⁵. A água, ao aumentar de volume pela sua congelação, vai provocar efeitos, desde o interior de fendas, interstícios ou camadas interiores onde se tenha infiltrado, de dilatação nas ro-

chas, forçando-as a racharem-se e provocando a sua rápida desagregação⁸⁶. A geada, um aspecto da congelação da água, tem grande acção destruidora nas rochas graníticas da Serra da Estrela, assim como os nevoeiros e neblinas pelo seu grande grau de humidade que tende a infiltrar-se em todas as porosidades⁸⁷. As paredes das habitações predominantes neste planalto são, então, numa procura defensiva face a todos estes factores, constituídas por grandes blocos maciços de granito, que por sua vez são reforçados pela aplicação de argamassas e rebocos nos seus interstícios, fendas e ligamentos, e na sua maioria ainda revestidas total ou parcialmente por chapas de zinco sobrepostas, pregadas e pintadas a tinta de óleo de linhaça e óxido de ferro, de grande resistência face às variações meteorológicas inerentes àquela região. Esta técnica de impermeabilização da pedra, e da casa, permite a livre circulação de ar necessária à boa manutenção da rocha granítica, garantindo-lhe uma maior durabilidade.

Relativamente a questões térmicas, a utilização destes blocos graníticos de grande massividade na construção estrutural das paredes é essencial para a conservação interior do grau médio de temperatura que se mantém sem alterações ou variações significativas, facto conseguido pelo nível diatérmico da rocha

granítica que se manifesta impenetrável à acção do frio e do calor, traduzindo-se em reduzidas perdas ou ganhos térmicos. Também a construção próxima ou agregada a grandes penedos e fragões beneficia desta adjuvante. Esta característica era bastante importante do ponto de vista médico, uma vez que o doente afectado pela tuberculose pulmonar não poderia expor-se a variações bruscas de temperatura, factor bastante agravante para a sua condição, devendo manter-se sempre dentro dos mesmos registos médios.

As construções típicas predominantes nas povoações da Serra da Estrela utilizam para revestimento dos seus telhados a telha lusa, ou romana. No entanto, a aplicação deste material na região da cumeada do maciço revelou-se inapropriada pelas condições meteorológicas extremas a que estaria sujeita, ou seja, os fortes ventos abrasivos de norte que são aqui bastante violentos, bem como as baixas temperaturas, tempestades e neves de inverno, provocam a sua destruição, muitas vezes arrancando-as e partindo-as, levando a uma consequente degradação interior da habitação. Os chalés da estância das Penhas Douradas apresentam, deste modo, telhados bastante inclinados, na sua maioria de duas águas, embora existam alguns exemplares de quatro ou mais águas, sendo todos revesti-

dos a zinco, através da sobreposição de chapas, pintadas com tinta idêntica à utilizada no chapeamento das paredes, chumbadas nos cumes e pregadas à estrutura interna de caibros ou barrotes de madeira, de forma a criar uma maior resistência face a infiltrações de gelos, bem como às investidas de possíveis tempestades e vendavais. No entanto, como a estrutura interna de madeira não era muitas vezes revestida, não possuindo qualquer tipo de isolamento interior, o piso situado em águas-furtadas era geralmente sujeito a temperaturas muito baixas durante a noite e a um sobreaquecimento durante o período de insolação, uma vez que o metal é um excelente condutor térmico, facilitando perdas ou ganhos muito rápidos.

Este sistema de protecção foi ainda aplicado nas portas exteriores, todas em chapa metálica, e, em apenas algumas construções, aplicado também nas janelas, em portadas exteriores.

A importância sanatorial destas construções ressalta visualmente através da anexação de corpos propícios à cura terapêutica, à imagem dos já introduzidos nos hospitais-sanatório e hotéis destinados ao albergue e asilo sanatorial, como pequenas galerias ou varandas, bem como marquises envidraçadas, com exposição a sul/nascente.

A esta forma estrutural construtiva de adaptação e sobrevivência aos factores geográficos, topográficos, geológicos e climáticos, alia-se todo um conjunto de elementos conceptuais de uma linguagem herdada dos preceitos provenientes da propaganda internacional ao tradicional chalé suíço. Esta linguagem é visível na aplicação exterior de elementos e revestimentos de madeira de pinho de Riga ou indígena⁸⁸, pintada com tinta idêntica à utilizada nas chapas de zinco, conferindo ao volume uma rusticidade florestal romântica e pitoresca, que não só é dominante no interior das habitações, mas é também identificável no seu exterior. É, então, possível identificar vários elementos decorativos de madeira, como por exemplo junto aos beirais dos telhados, em pequenas peças trabalhadas pregadas a acompanhar toda a sua platibanda e também nas guardas das galerias de cura, umas vezes compostas por vários prumos lisos de madeira, tábuas ou barotes, outras por pequenas peças mais esculpidas. O interior da cobertura destas galerias de cura, ou varandas quando cobertas, é também revestido com ripado de madeira pintada. Em alguns casos, as janelas estão também emolduradas com elementos de madeira, de aspecto liso, ou seja, não trabalhada.

A maior parte dos chalés possui rés-do-chão e

um primeiro andar e/ou sótão, e, num nível inferior, loja ou cave, acessível através de alçapão, onde se guardavam os bens de primeira necessidade, animais, armazenamentos, etc., garantindo a ventilação e circulação de ar necessárias à manutenção das madeiras e da pedra, de forma a evitar a infiltração de humidades e conseqüentemente o apodrecimento ou degradação das estruturas e materiais. As divisões são tipicamente pequenas em todas as construções, como forma de melhor conservar as temperaturas sem grandes fugas térmicas.

O interior dos chalés é quase integralmente revestido pelo mesmo tipo de madeira aplicada no exterior, o pinho de Riga ou indígena, de cor escura natural ou pintada, revestindo paredes, tectos e pavimentos, escadas e respectivas guardas ou balaustradas, formando caixilharias de janelas e suas portadas interiores e peças de mobiliário que se integram na estrutura em continuidade e conformidade volumétrica. Os tectos das cozinhas, geralmente localizadas no rés-do-chão num canto ou ângulo do volume construtivo, e das instalações sanitárias são também revestidos a madeira, no entanto, os pavimentos destas divisões são de um modo geral revestidos a ladrilho e as paredes, salvo raras excepções de aplicação integral de

madeira, apresentam até meia altura azulejo e reboco pintado até ao tecto, ou são totalmente rebocadas. Na maioria das construções as instalações sanitárias foram apenas acrescentadas posteriormente ao conjunto, funcionando originalmente em pequenos anexos. Nenhuma das casas possuía inicialmente água canalizada ou saneamento, apenas usufruindo da água da nascente proveniente de uma fonte. No entanto, em fases posteriores, todas construíram um reservatório de abastecimento, geralmente junto às suas fachadas norte.

Por todo o terreno que circunda estas construções existem caminhos para a deambulação pedestre, aproveitando a constituição geológica e a topografia do terreno para a formação de trajectos que vão talhando o seu percurso através dos enormes penedos e fragas de rocha granítica e dos terrenos irregulares, de grandes declives e cobertos de zimbrais, urzes e cer-vunais.

*“ Uma das grandes vantagens provenientes da escolha destas estâncias para o inverno é que o paciente, além de se exercitar ao ar livre, pode passar bastante tempo a passear no exterior.”*⁸⁹

A criação de novas acessibilidades, nome-

adamente a construção da estrada de ligação de Manteigas a Gouveia em 1888, proporcionou o aparecimento destas novas construções destinadas à cura sanatorial, que, seguindo os preceitos higienistas impostos pela Câmara de Manteigas, bem como pelas autoridades sanitárias que receavam o contágio e a contaminação, começaram a implantar-se com uma distância mínima de 50 metros entre si, destacando-se assim formalmente das largas ruas de edifícios dispostos em alinhamento da estância de Davos⁹⁰. No entanto, devido aos valores inerentes à aquisição de terrenos, apenas as classes mais abastadas puderam iniciar as suas construções, sempre destinadas a fins terapêuticos. O processo de florestação levado a cabo pelo Governo, que se reflectiu na plantação de abetos, salgueiros, pinheiros, etc., até à altitude de 1400 metros, proporcionou ainda a este complexo uma importante contribuição de impacto ambiental e climático.

Seguindo o modelo sanatorial “Fortune”, celebrado por Raoul Brunon, estes “sanatórios eventuais” proporcionavam aos doentes a cura terapêutica efectuada em regime desmilitarizado, ou seja, não possuíam qualquer estruturação programática sanatorial, estando o doente responsabilizado pela sua pró-

pria conduta, com a assistência periódica de um médico cuja única prescrição se baseava apenas em boa alimentação, ar puro e o “exercício higiênico”. Este regime de cura livre proporcionava uma maior liberdade de conduta ao “sanatorizado” contrariamente ao regime disciplinar praticado nos hospitais-sanatório de Davos, que Thomas Mann retratou com pormenor no seu livro “A Montanha Mágica”, já anteriormente referido, cujo enredo se desenvolve num sanatório dessa estância climatérica suíça, de dias rigorosamente divididos em etapas definidas por um horário de cumprimento escrupuloso, vivendo-se unicamente em função deste, numa rotina obsessiva e teatralizada regida pela doença, pelo clima e pelo estado físico e mental. Assim, o regime de cura livre praticado nesta estância da Serra da Estrela devolvia uma certa dignidade ao doente, que procurava na reconciliação com a natureza a luta altruísta contra a tuberculose.

De todos os edificios existentes na estância climatérica do *Poio Negro* selecionei alguns para análise, que efectuei principalmente através do recurso ao registo fotográfico e da colaboração dos respectivos proprietários, cuja amabilidade foi determinante na recolha de informação. As plantas seguidamente apre-

sentadas pretendem, deste modo, apenas representar de forma esquemática a distribuição interior das respectivas construções, constituindo-se como elementos complementares da análise.

PLANTA GERAL DAS PENHAS DOURADAS:

1_ Antigo Observatório Meteorológico do *Poio Negro* e Estação Telégrafo-postal.

2_ Observatório - Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

3_ *Casa da Fraga* - Casa de César Henriques, a primeira da estância climática.

4_ *Casa da Encosta*.

5_ *Vila Alzira*.

6_ *Casa das Águas*.

7_ *Casa Moinho de Vento*.

8_ *Casa do Guarda do Alto da Serra*.

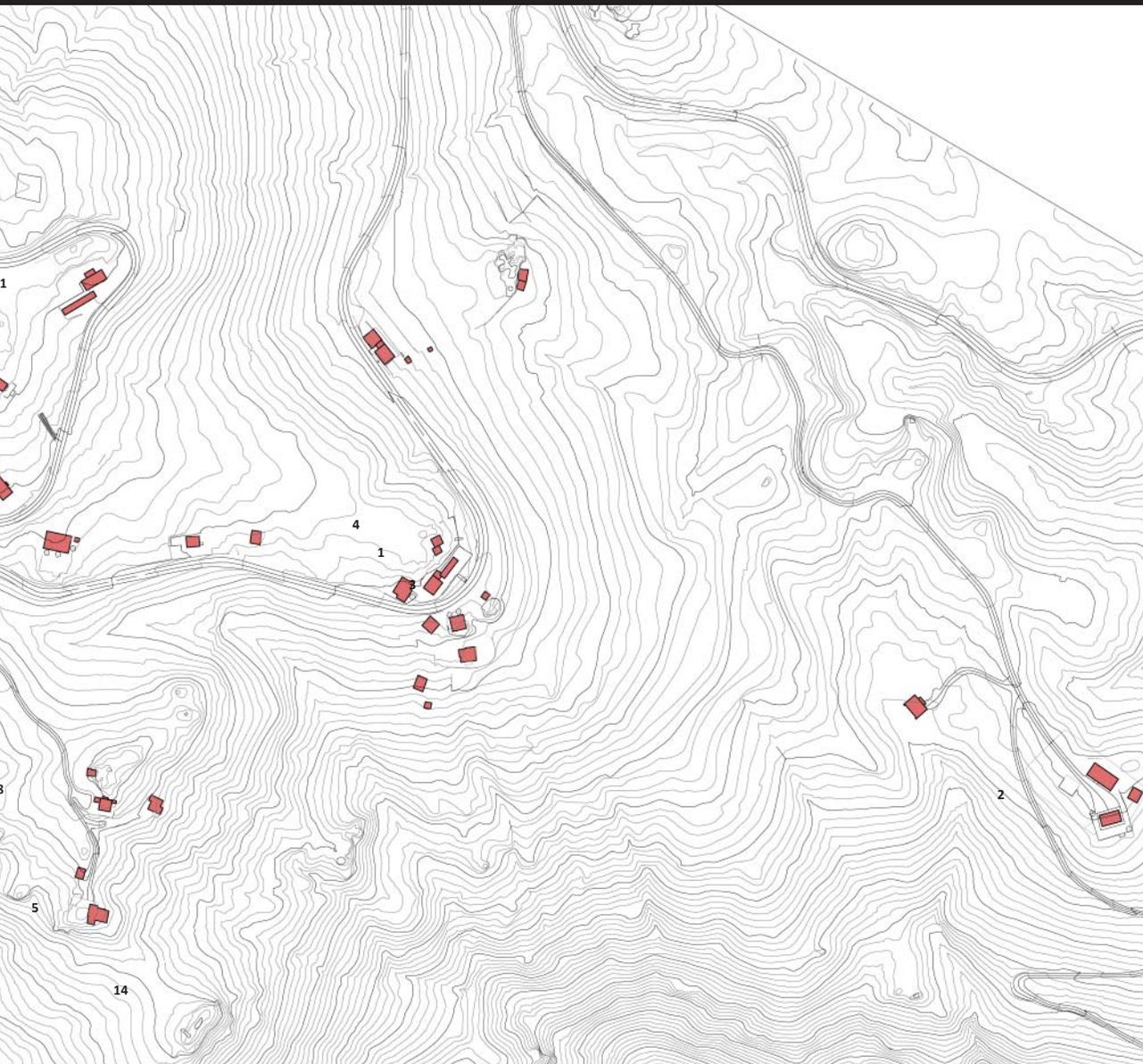
9_ *Casa do Seixo*.

10_ *Hotel-Pensão Montanha*.

11_ *Pensão Estrela*. Posteriormente, depois de ter sofrido dois incêndios que a deixaram em ruínas, esta construção foi transformada numa hospedaria, a *Caverna do Viriato*, e, entre 2005/2006, submetida a nova intervenção, convertendo-se na actual *Casa das Penhas Douradas*, uma Casa de Turismo da Natureza.

12_ Capela.





ESCALA 1:5000 N↑

13_ *Vale das Éguas*.

14_ *Fragão do Corvo* - miradouro natural sobre o Covão de Manteigas.



61



62



63



64

FIGURA 61: Postal com vista parcial do edifício do Observatório Meteorológico e acesso ao terraço no cimo do penedo, onde era montado o equipamento de observação e recolha de informação.

FIGURA 62: Aspecto do edifício do Observatório em 1883.

FIGURA 63: Terraço de observações em 1883.

FIGURA 64: Vista já com o Posto Telégrafo-Postal (Posto dos Correios), construído em 1888 junto ao Observatório.



65



66

67

FIGURA 65: Vistas actuais dos edifícios do Observatório e dos Correios.

FIGURA 66: Fachada poente do Posto dos Correios.

FIGURA 67: Penedo onde eram montados e chumbados os instrumentos.

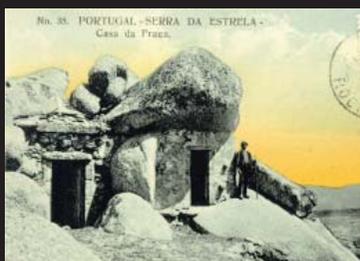
2.5.1 - OBSERVATÓRIO METEOROLÓGICO DO POIO NEGRO E ESTAÇÃO TELÉGRAFO-POSTAL

“Cabe, por sem dúvida, á Sociedade de Geographia de Lisboa a honra de ter iniciado este movimento.”⁹¹

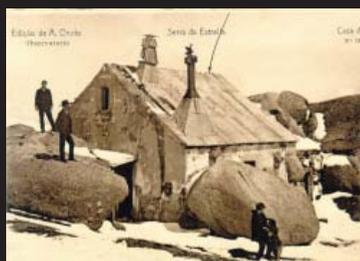
O Observatório meteorológico, implantado em 1882 no *Poio Negro*, foi a primeira construção a surgir neste planalto, dirigida por Augusto Brito Capello, que lá se instalou e morou, isolado e desprovido de qualquer tipo de conforto. Segundo a descrição de Emídio Navarro no seu livro *“Quatro Dias na Serra da Estrela”*, *“A casa do observatorio é um verdadeiro pardieiro. (...) Consta de um só pavimento, rectangular, ao rez do chão, com quatro portas e uma janella abertas para o nascente. As paredes são de granito, grosseiramente aparelhado, e sem nenhum cimento nas juntas das pedras. (...) O vento, a neve e a chuva entravam por essas juntas, que era um regalo; e como a parede de poente estava encostada ao môrro, vinha a servir de escoadoiro ás aguas, que por elle desciam! (...) A cobertura exterior era de folhas de zinco, mas pregadas sem serem sobrepostas, o que dava em resultado entrar também por ali a agua e a neve em grande*

abundância, e serem aquellas folhas arrancadas pelo vento.”⁹² Mais tarde tiveram procedimento algumas obras de melhoramento, nomeadamente a construção de uma vala do lado poente para escoamento de águas, o revestimento da cobertura de zinco com uma camada de feltro breado e o preenchimento das fendas e interstícios das pedras de granito com um tipo grosseiro de barro, cuja fraca consistência exigia a sua permanente renovação. O interior do edificio não possuía qualquer tipo de revestimento nas paredes de granito, sendo apenas o pavimento forrado a madeira. Esta construção tinha a sua fachada poente praticamente encostada a um grande penedo, que, além da protecção aos ventos, constituía um terraço natural onde se instalavam os instrumentos, chumbados à rocha, para as observações meteorológicas⁹³.

Junto ao edificio do Observatório, que entretanto passou a ser moradia dos empregados das Obras Públicas, no mesmo alinhamento, foi edificado em 1888 um posto de Correios e Telégrafo, uma construção de paredes em granito rebocado e pintado, com um pequeno depósito de água situado superiormente a poente, que fazia o abastecimento directo do edificio.



68



69



70



71



72



73



74



75



76



77



78



79

FIGURAS 68, 69 E 70: Postais com aspectos da *Casa da Fraga*, antes da florestação do planalto das Penhas Douradas.

FIGURAS 71 E 72: Grupos de excursionistas junto à casa.

FIGURA 73: A casa já parcialmente em ruínas.

FIGURAS 74, 75, 76, 77, 78 E 79: Aspecto actual da casa.

2.5.2 - CASA DA FRAGA

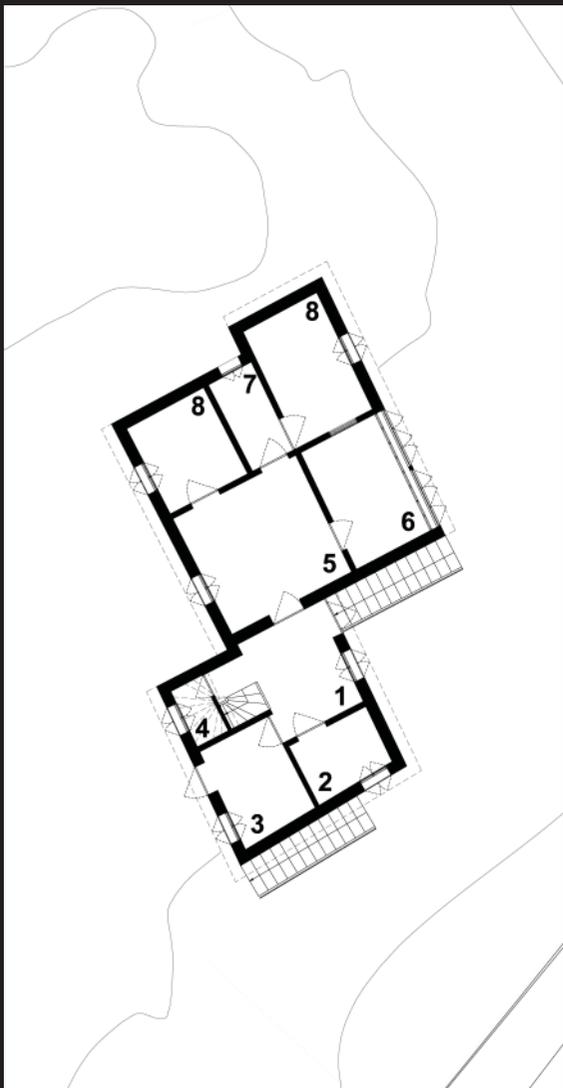
Esta construção pitoresca de aspecto orgânico resultou do método de utilização de explosivos que lhe forneceu abrigo sob dois grandes penedos. Emídio Navarro, no seu já referido livro, descreve o sistema construtivo desta casa da seguinte forma:

“Aquelles poios de granito amontoam-se uns sobre os outros, mas deixando entre si largos espaços vazios. Um, de maior extensão, e inferiormente cortado em plano horisontal, parecia estar a indicar a sua serventia para tecto de um aposento. Cesar Henriques alargou, a fogo, aquelles espaços vazios, onde era preciso alargal-os; tapou com grandes bocados de granito os interstícios da cobertura superior, ligando-os á rocha com uma larga camada de cimento hydraulico, deixando escoante para as aguas, e cobrindo o cimento com uma grossa camada de areia, para o gelo não despedaçar o cimento, pelas infiltrações; com esteiras, artisticamente dispostas, cobrindo taboado ligeiro, fez as divisões interiores; e fez parede de granito, para rasgar n’ella portas e janellas, e fechar exteriormente o recinto, nos sítios onde a penedia era aberta.”⁹⁴

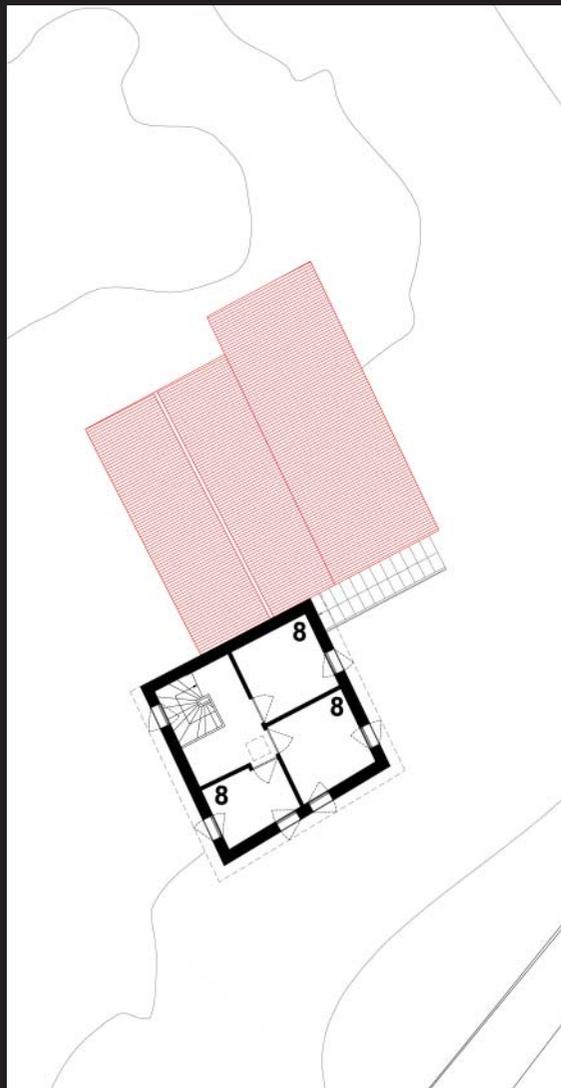
A casa possuía deste modo uma sala, despensa, cozinha e copa, um arrumo e três quartos, tendo

um deles varanda e outro entrada independente da habitação. É descrita ainda a existência de pombal, galinheiro e cavalaria⁹⁵.

Esta construção foi posteriormente doada à Santa Casa da Misericórdia de Manteigas e mais tarde atingida por uma descarga eléctrica que lhe provocou um incêndio, destruindo-a quase por completo, encontrando-se hoje em ruínas.



PLANTA PISO 0



PLANTA PISO 1

ESCALA 1:200

CASA DA ENCOSTA:

- 1_ Hall
- 2_ Escritório
- 3_ Cozinha
- 4_ I.S.
- 5_ Sala
- 6_ Galeria
- 7_ Quarto de vestir
- 8_ Quarto

2.5.3 - CASA DA ENCOSTA

O chalé *Casa da Encosta* é uma construção situada junto ao antigo Observatório do *Poio Negro* e do antigo edifício dos Correios, sendo talvez uma das primeiras casas a surgir nesta estância climatérica.

O edifício, constituído por dois corpos volumétricos agregados, encostados a um enorme maciço rochoso que lhes garante a protecção de poente, é quase integralmente revestido a chapa de zinco, com todas as portas de chapa metálica e janelas reforçadas com portadas exteriores idênticas, sendo possível identificar o granito apenas ao nível das duas *lojas* existentes no nível inferior. As portadas que actualmente existem a proteger as janelas da galeria foram apenas colocadas posteriormente à construção original, que à semelhança das restantes casas desta estância não possuía água canalizada ou electricidade. O interior da casa é quase totalmente revestido a madeira de pinho, paredes, tectos, com excepção para o pavimento do piso social, que é revestido a mosaico, sendo constituído nesse piso por três quartos, um escritório, sala, cozinha e uma galeria de cura, envidraçada com janelas de caixilharia de madeira, e no piso superior por um hall, com acesso às águas-furtadas através de um alçapão

existente no tecto, e três quartos.

Esta casa foi propriedade do Sr. Ernesto Lucas Coelho, pai do actual proprietário Sr. Carlos Lucas Coelho e um dos fundadores do Serviço Nacional de Meteorologia, tendo sido chefe durante cerca de 10 anos dos Serviços Meteorológicos do Observatório das Penhas Douradas, onde trabalhou 45 anos até 1977, quando se reformou.



80



81



82



83



84



85



86



87

EXTERIOR:

FIGURAS 80, 81, 82 E 83: Aspectos das fachadas.

FIGURA 84: Caminhos pedestres circundantes.

FIGURA 85: Panorama visual obtido a partir da penedia que lhe flanqueia a fachada norte.

FIGURA 86: A casa está construída sobre duas *lojas*, uma em cada volume edificado.

FIGURA 87: Galeria com as portas de chapa metálica fechadas. No nível inferior encontra-se a entrada para uma das *lojas*.

INTERIOR:

FIGURA 88: Hall de entrada.

FIGURA 89: Sala.

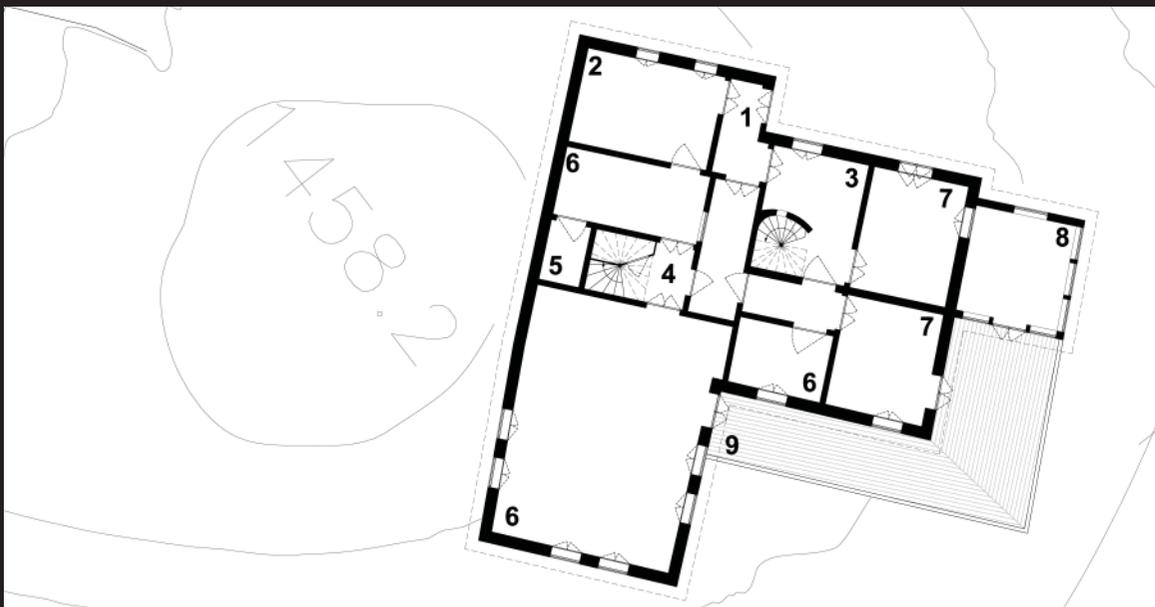
FIGURAS 90 E 91: Galeria.

FIGURA 92: Quarto do piso principal.

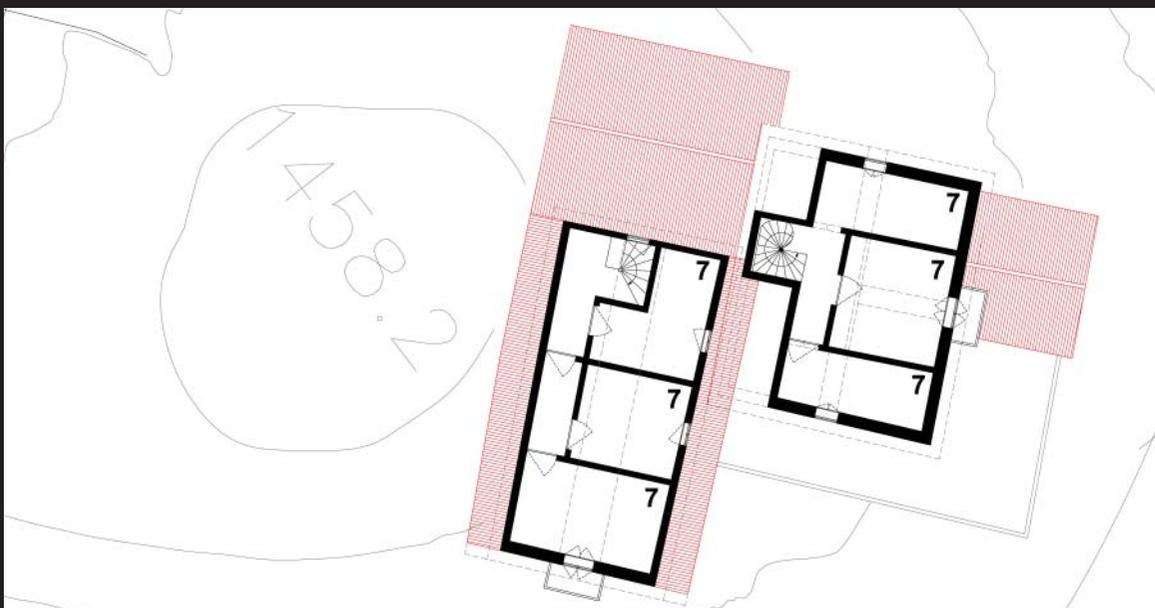
FIGURA 93: Hall do piso superior - pormenor do alçapão de acesso às águas-furtadas.

FIGURAS 94 E 95: Quartos do piso superior.





PLANTA PISO 0



PLANTA PISO 1

ESCALA 1:200

VILA ALZIRA:

- 1_ Hall
- 2_ Cozinha
- 3_ Arrumo / Despensa
- 4_ Vestíbulo
- 5_ I.S.
- 6_ Sala
- 7_ Quarto
- 8_ Galeria
- 9_ Varanda / Terraço

2.5.4 - VILA ALZIRA

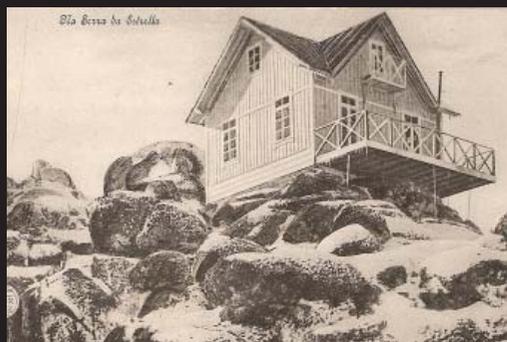
O chalé denominado *Vila Alzira*, situado próximo do *Fragão do Corvo* à altitude de 1458 metros, cuja data de construção ronda ainda o ano de 1888, constituiu-se como uma das mais emblemáticas construções desta estância climatérica do *Poio Negro*, propriedade do Dr. Afonso Costa, uma das figuras dominantes da Primeira República Portuguesa. Este político republicano de origem beirão, de Seia⁹⁶, habituado desde pequeno aos cuidados com a saúde e após lhe ter sido diagnosticado um foco de tuberculose em 1897, encontrou o pretexto necessário para, primeiro alugar e depois comprar⁹⁷, em 1902, uma pequena habitação de férias, baptizando-a com o nome de sua mulher, Alzira⁹⁸.

A construção original era constituída por um corpo central, com uma entrada directa para uma pequena sala, dois quartos e uma varanda. Através de umas originais escadas em caracol, inseridas numa caixa estrutural de madeira maciça, acedia-se a um primeiro piso com três quartos, todos virados a nascente e um deles com uma pequena varanda metálica. Este corpo central possuía um pequeno corpo agregado na sua fachada norte, onde funcionava a cozinha, e

existia ainda uma garagem num pequeno volume situado à entrada da bifurcação que conduz desde o *Poio Negro* ao *Fragão do Corvo*. Posteriormente, no decorrer de alguns anos, aproximadamente entre 1910 e 1920, as suas instalações foram ampliadas, sendo-lhe acrescentados alguns anexos, como o novo corpo volumétrico que foi agregado ao corpo central existente, composto por uma grande sala comum, uma sala pequena e uma casa de banho e aumentou-se significativamente a varanda. Novas escadas em caracol conduziam ao piso superior, onde se construíram mais três quartos, também um deles com uma pequena varanda metálica. A casa ergue-se totalmente sobre um piso constituído pela *loja*, que foi também ampliada, ocupando toda a área de implantação actual e não possuía água canalizada, nem electricidade.

O projecto destas obras de ampliação contou com a autoria de Sebastião Costa, um engenheiro filho mais velho de Afonso Costa.

Situado um pouco mais a norte existe ainda outro anexo, constituído por dois quartos, um estrado de banhos e um quarto tipo mansarda ou águas-furtadas.



96



97



98



99

FIGURA 96: A casa no seu estado original, antes de qualquer obra de ampliação.

FIGURAS 97 E 98: Aspectos da casa após a anexação do volume da cozinha. Este volume será mais tarde submetido a nova ampliação.

FIGURA 99: Vista da casa após as obras de ampliação.



100

FIGURA 100: Garagem no mesmo estilo da casa.



101



103



102



104



106



105



107



108



109



110



111



111

EXTERIOR:

FIGURAS 101 - 108: Vários aspectos das fachadas da casa.

FIGURA 109: Anexo situado próximo da casa.

FIGURA 110: Varanda.

FIGURA 111: O anexo da garagem encontra-se actualmente em degradação.



112



113



114



115

INTERIOR:

FIGURA 112: Vista sobre o corredor que conduz à primeira escada de caracol.

FIGURAS 113, 114, 115 E 116: Aspectos da primeira escada de caracol.

FIGURAS 117 E 118: Sala principal.

FIGURA 119: Quarto.

FIGURA 120: Segunda caixa de escadas.

FIGURA 121: Pormenor do revestimento do tecto de um dos quartos existentes nos pisos de águas - furadas.

FIGURA 122: Cozinha vista do hall de entrada.

FIGURA 123: Quarto.

FIGURAS 124 E 125: O mesmo corredor visto de extremidades opostas.



116



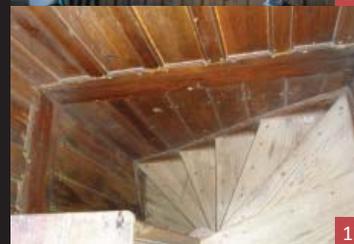
117



118



119



120



121



122



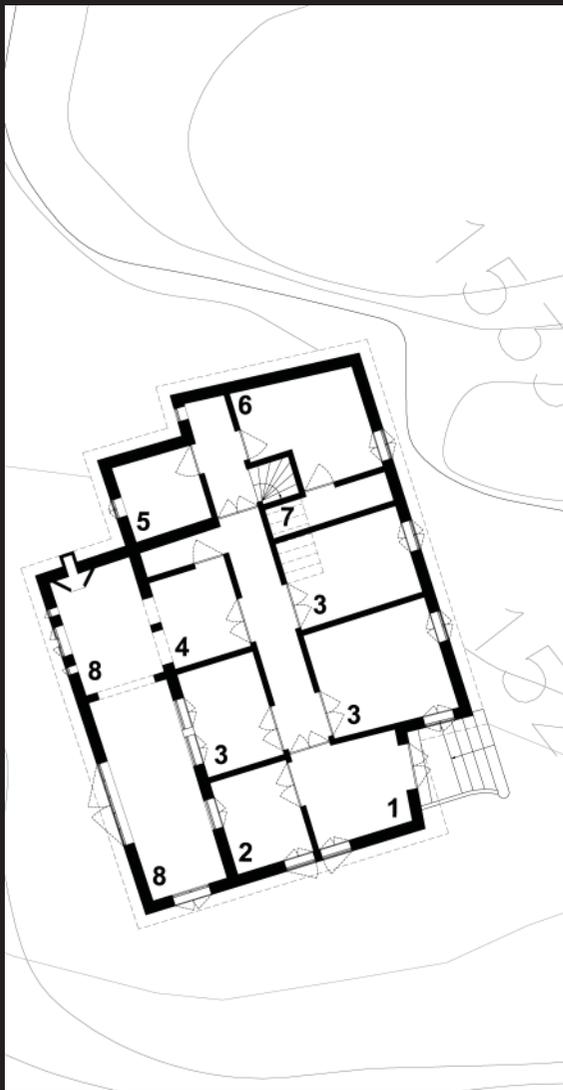
123



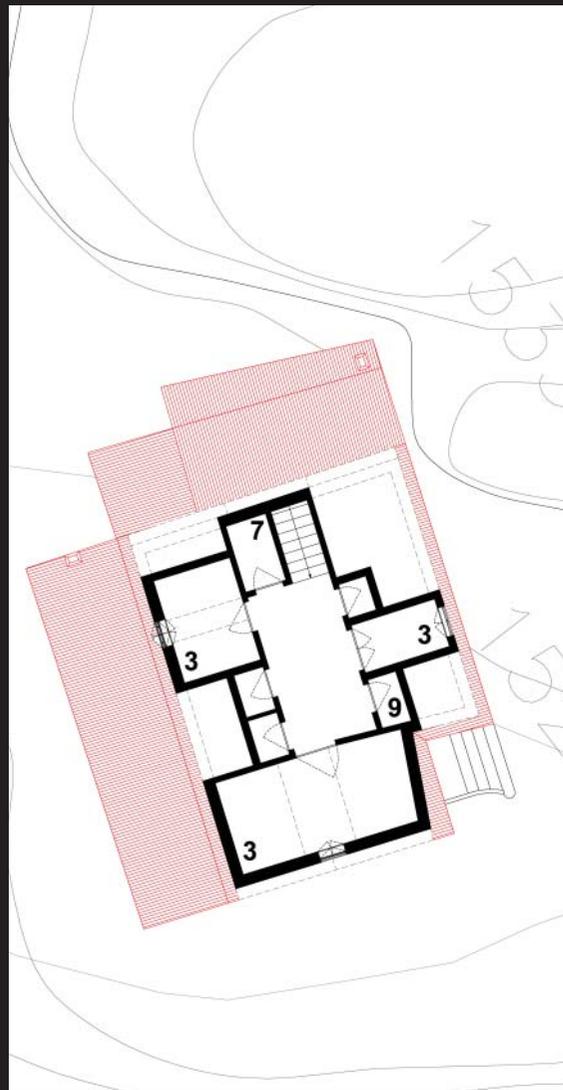
124



125



PLANTA PISO 0



PLANTA PISO 1

ESCALA 1:200

CASA DAS ÁGUIAS:

- 1_ Hall
- 2_ Escritório
- 3_ Quarto
- 4_ Sala
- 5_ I.S.
- 6_ Cozinha
- 7_ Despensa / Arrumo
- 8_ Antiga galeria exterior de cura, fechada e convertida em duas salas.
- 9_ Arrumo Pequeno

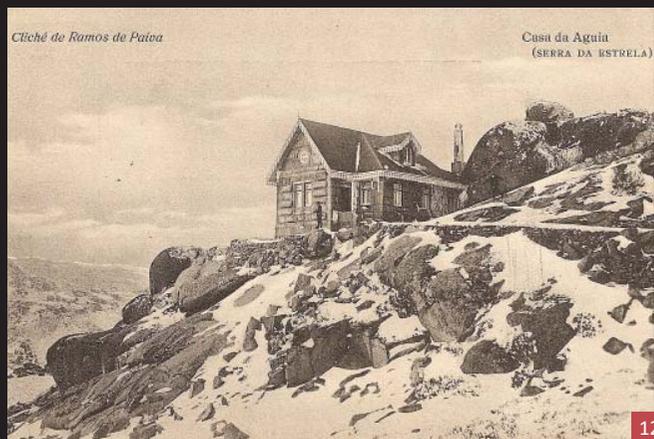
2.5.5 - CASA DAS ÁGUIAS

Inicialmente designado *Chalé Castelo*, o chalé *Casa das Águias* foi mandado construir em 1891 pelo Dr. Ferreira dos Santos, na altura Administrador do Concelho de Nelas, perto do Corgo das Mós, a 1548 metros de altitude⁹⁹. Esta casa destaca-se formalmente das restantes construções típicas desta estância pela utilização estrutural do granito, cuja técnica de desgaste aplicada às extremidades dos respectivos blocos lhe conferiu um aspecto almofado, de maior resistência aos factores climáticos. Assim, as paredes não são revestidas a zinco, mantendo aparente o granito de almofada, de grão um pouco mais fino do que o habitualmente utilizado naquela região. Outra característica única inerente à construção desta casa é a abertura de algumas “janelas gémeas”, ou seja, abria-se um vão de duas folhas dividido por uma coluna de granito ao centro, para maior aproveitamento de luz para o interior da habitação, como era típico dos chalés suíços, e também a utilização de caixilharia dupla. O beiral do telhado é também de largura maior nesta construção do que o habitual, como forma de proteger as janelas do escoamento de águas e neves, e possuía a típica platibanda de peças de madeira reticulada, de

influência também proveniente das construções alpinas da Suíça, França e Alemanha.

As paredes eram interiormente rebocadas a cimento, com uma armação de caibros revestida a madeira de pinho de Riga pregada. O piso térreo é composto por um hall, cinco divisões, cozinha e uma despensa no vão de escadas que conduz ao piso superior do sótão, onde existem mais três quartos e arrumos. Na zona sul da casa existia uma galeria e guarda-vento em zinco, vidro e madeira, posteriormente incorporados no corpo principal, através da construção de uma parede em blocos de cimento com amplas janelas que garantem a entrada da luz solar. O piso inferior foi também encerrado por uma parede em granito, e foi acrescentada uma casa de banho.

Junto ao acesso ao terreno onde está implantado o chalé, existe um anexo que constituía a garagem, construído em 1929, que consiste num espaço para dois carros, arrumos e num piso superior em águas-furtadas, um quarto para o motorista. Este edifício reflecte o sistema de prefabricação em plena utilização nesta altura, tendo sido totalmente montado através do aparafusamento dos seus elementos estruturais para aqui transportados desde o Porto.



EXTERIOR:

FIGURA 126: Postal antigo.

FIGURAS 127 E 128: Aspectos da localização privilegiada do chalé.

FIGURA 129: Pormenor da fachada sudeste da casa em blocos de granito almofadado.

FIGURA 130: Fachada noroeste.

FIGURA 131: Aspecto actual da fachada sudoeste, após o encerramento e conversão da galeria e consola inferior em divisões interiores.

FIGURA 132: Entrada da propriedade com o anexo da garagem.

FIGURA 133: Pormenor do beiral do telhado.

FIGURA 134: A casa encontra-se implantada ao abrigo de um grande maciço rochoso, à semelhança das restantes construções do planalto.

INTERIOR:

FIGURA 135: Vista obtida a partir da antiga galeria para o interior da casa. A parede estrutural obedece à mesma linguagem formal inerente às restantes fachadas.

FIGURA 136: Quarto existente no piso das águas-furtadas. A janela possui dupla caixilharia.

FIGURAS 137 E 138: Aspectos do pavimento do piso principal.

FIGURA 139: Corredor de distribuição do piso principal.

FIGURA 140: Pormenor do revestimento do tecto da galeria convertida em sala interior.

FIGURA 141: Caixa de escada.

FIGURA 142: As “janelas gémeas”.

FIGURA 143: Acesso às águas furtadas.

FIGURA 144: Pequena divisão / quarto no mesmo piso.



135



136



137



138



139



140



141



142



143



144



145



146



147

EXTERIOR:

FIGURAS 145 E 146: Aspectos da casa.

FIGURA 147: Pequena varanda lateral.

2.5.6 - CASA MOINHO DE VENTO

Esta construção resulta da junção de duas habitações geminadas idênticas, erguidas sobre um enorme maciço rochoso granítico, onde inicialmente existia apenas um pequeno vão destinado à loja, a 1480 metros de altitude. O corpo inicial contava, respectivamente em quantidade duplicada pelas duas habitações, com um piso constituído por cozinha, uma sala, casa de banho e sótão. Posteriormente, foi ampliado o piso inferior da loja, através da utilização de vários disparos de pólvora sobre a rocha, o que permitiu a construção de mais três quartos e uma sala, sob cada uma das casas. Construiu-se ainda no piso térreo um outro corpo adjacente à fachada norte com duas espaçosas salas de jantar para cada uma das habitações e, na fachada virada a sul, uma grande varanda ou galeria comum com duas marquises envidraçadas respectivamente em cada extremidade. Apesar de possuírem entradas independentes, as habitações tinham interiormente portas de comunicação, uma vez que pertenciam a membros da mesma família. Uma das características mais interessantes desta casa é o aproveitamento de cada espaço ou vão sobrance interior para criar despensas, arrumos, armários, entre

outros tipos de utilidades encontradas por todo lado, em nichos, “esconderijos”, etc.

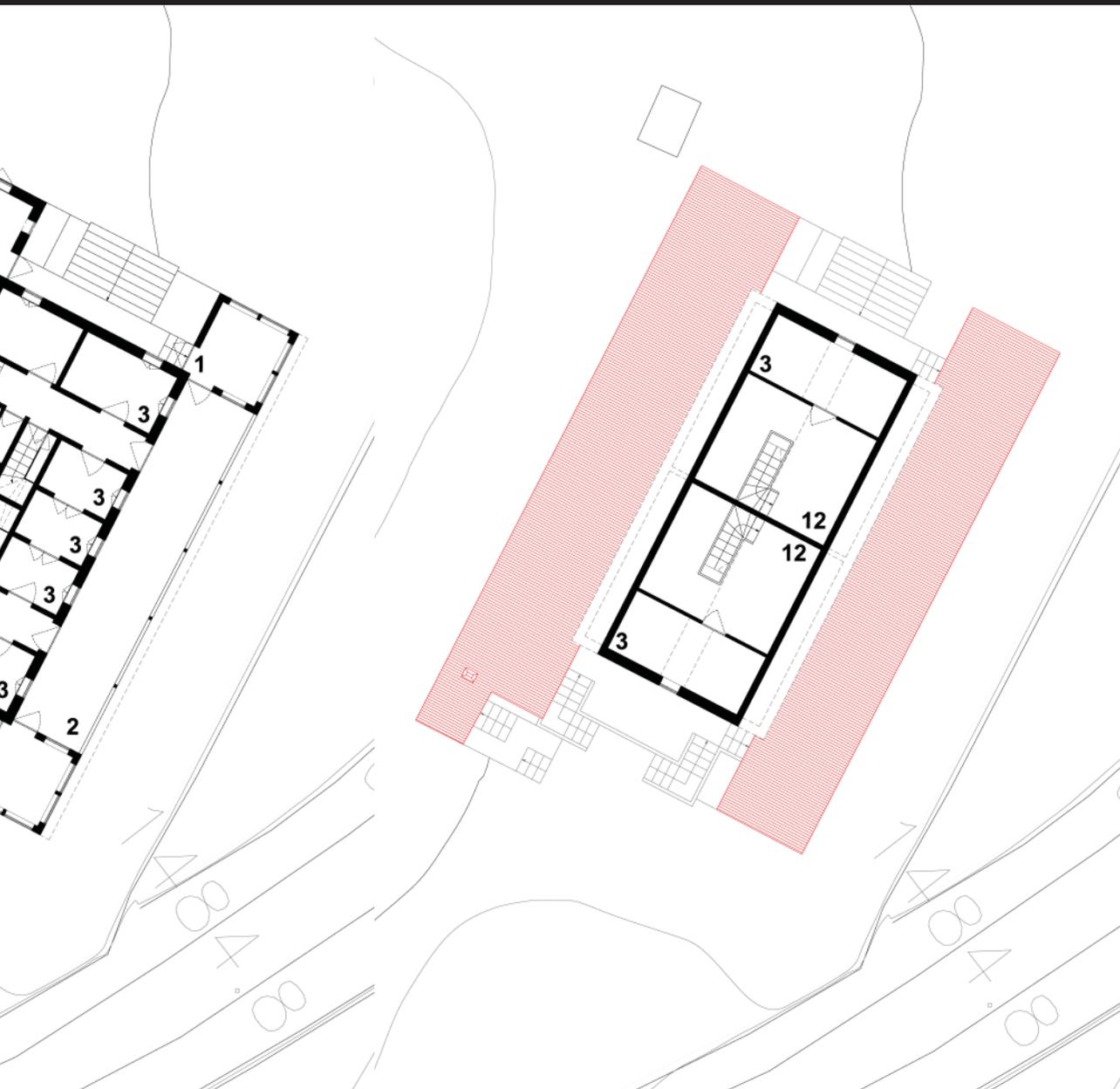
CASA MOINHO DE VENTO:

- 1_ Galeria / Marquise
- 2_ Varanda
- 3_ Quarto
- 4_ Sala
- 5_ I.S.
- 6_ Cozinha
- 7_ Arrecadação
- 8_ Arrumos com ligação a varandim sobre as escadas de ligação ao piso inferior.
- 9_ Antiga cozinha, convertida em arrecadação.



PLANTA CAVE

PLANTA PISO 0



PLANTA PISO 1

ESCALA 1:200

10_ Vestíbulo

11_ Sala / Armazenamentos

12_ Águas-Furtadas.



EXTERIOR:

FIGURAS 148, 149, 153, 154 E 155:
Vistas gerais da casa.

FIGURA 150: Varanda / galeria.

FIGURA 151: Reservatório de abas-
tecimento de água.

FIGURA 152: Fachada do piso infe-
rior - cave.

FIGURA 156: Fachada sudoeste e
as várias arrecadações aproveita-
das em variados vãos existentes.

INTERIOR:

FIGURA 157: Corredor de distribuição.

FIGURAS 158 E 159: Aspectos das caixas de escada de ligação ao piso de águas-furtadas - pormenor do aproveitamento dos espaços sobranceiros para armários e arrumos.

FIGURA 160: Varandim existente sobre a escada de ligação à cave, com armários.

FIGURA 161: Sala.

FIGURA 162: Águas-furtadas - pormenor do sistema construtivo da cobertura: chapas de zinco pregadas sobre barrotes ou caibros, sem revestimento ou isolamento.

FIGURAS 163 E 164: Quarto no sótão.

FIGURAS 165 E 166: Quartos no piso principal.

FIGURA 167: Quarto na cave.

FIGURA 168: Marquise.

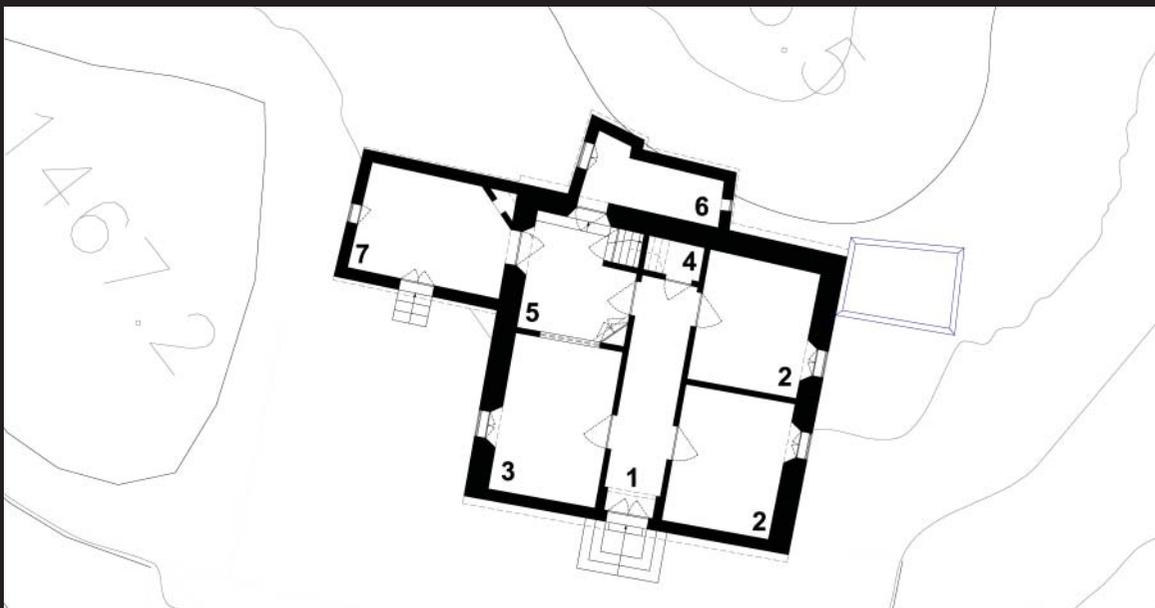
FIGURA 169: Escada de acesso à cave.

FIGURA 170: Corredor de distribuição da cave.

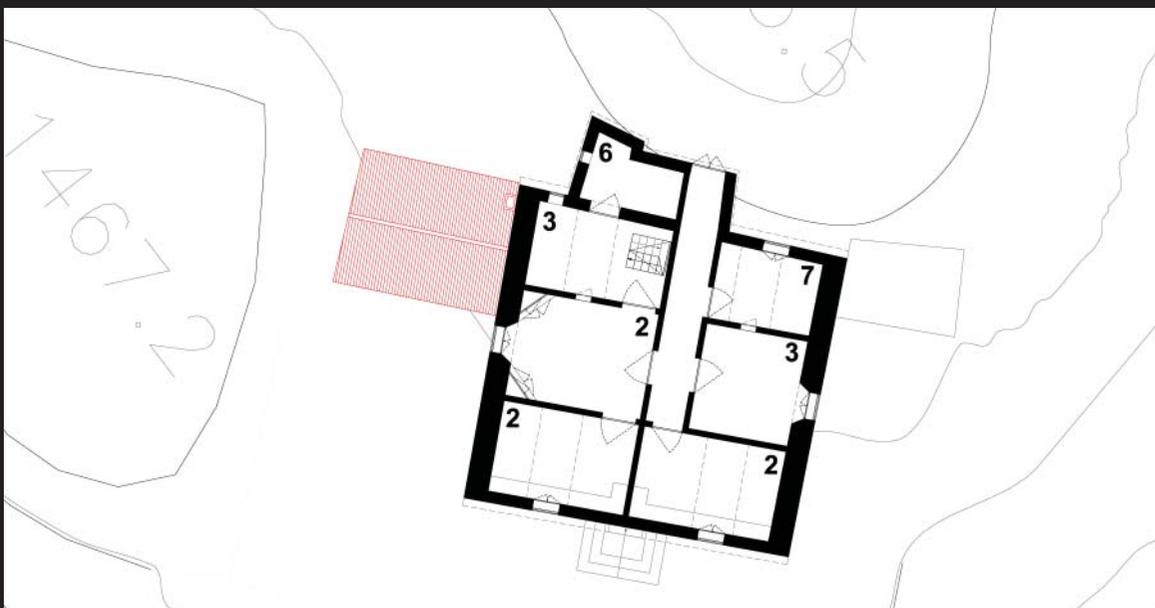
FIGURA 171: Sala.

FIGURA 172: Pormenor de um vão de arrumação disfarçado sobre corredor.





PLANTA PISO 0



PLANTA PISO 1

ESCALA 1:200

CASA DO GUARDA DO ALTO DA
SERRA:

- 1_ Hall
- 2_ Sala
- 3_ Quarto
- 4_ Arrumo
- 5_ Vestíbulo
- 6_ I.S.
- 7_ Cozinha

2.5.7 - CASA DO GUARDA DO ALTO DA SERRA OU CASA DA FLORESTA

Este chalé, construído por volta de 1912, constituía a habitação do Guarda-florestal da Serra da Estrela, que utilizava as dependências do rés-do-chão, e do Engenheiro Florestal que usufruía do piso superior. Apesar de utilizar na construção das suas paredes o granito de almofada, esta casa possui ainda um revestimento de zinco pintado, cuja aplicação se deve a intervenções posteriores. A primeira alteração e remodelação a que terá sido submetida foi por volta do ano de 1942. Actualmente bastante degradada, esta casa possui no piso térreo uma cozinha seguida de um hall de distribuição, uma casa de banho, um arrumo e três divisões, e no piso superior, acessível não só através das escadas situadas no referido hall do piso inferior, que poderiam ser encerradas por uma espécie de porta em alçapão, mas também por uma porta independente de saída directa para o exterior, é composto por quatro divisões e uma cozinha. Esta disposição possibilitava a divisão da construção em duas habitações independentes. A incorporação de algum mobiliário na continuidade estrutural é uma das particularidades que mais se destaca neste chalé, bem como a abertu-

ra de alguns vãos ou janelas superiormente em paredes interiores, permitindo uma fluidez entre compartimentos, em constante comunicação.

Existe ainda, num pequeno anexo um pouco afastado da casa, um compartimento com um forno de lenha e uma lareira.



173



174



175



176



177



178



179



180



181



182



183



184

EXTERIOR:

FIGURAS 173, 174, 176, 177, 178, 179, 182, 183: Vistas gerais da casa.

FIGURA 175: Pormenor do sistema construtivo de blocos de granito almofadado.

FIGURA 180: Pormenor da cobertura e entrada independente para o primeiro piso.

FIGURA 181: Este percurso esculpido na pedra, conduz à entrada do piso superior.

FIGURA 184: Anexo onde se encontra o forno.

INTERIOR:

FIGURA 185: Vestíbulo - pormenor da integração de um armário na continuidade estrutural da casa.



185

FIGURA 186: Escada de acesso ao primeiro piso e separada deste por alçapão.



186



187



188

FIGURA 187: Sala.

FIGURA 188: Corredor de distribuição. Ao fundo encontra-se a entrada principal.



189

FIGURA 189: Cozinha.

FIGURAS 190 E 193: Pequena janela / postigo entre divisões.



190



191

FIGURA 192: Sala do primeiro piso. Os dois armários integram a parede, conferindo-lhe uma leitura fluida.



192



193

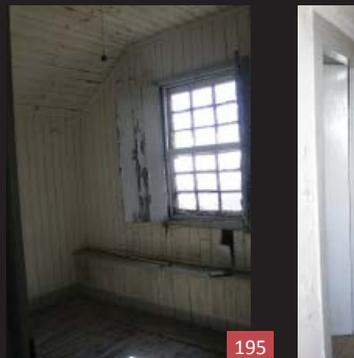


194

FIGURA 194: Anexo - o forno.

FIGURA 195: Sala do primeiro piso.

FIGURA 196: Corredor de distribuição e porta de ligação directa entre o primeiro piso e o exterior.



195



196

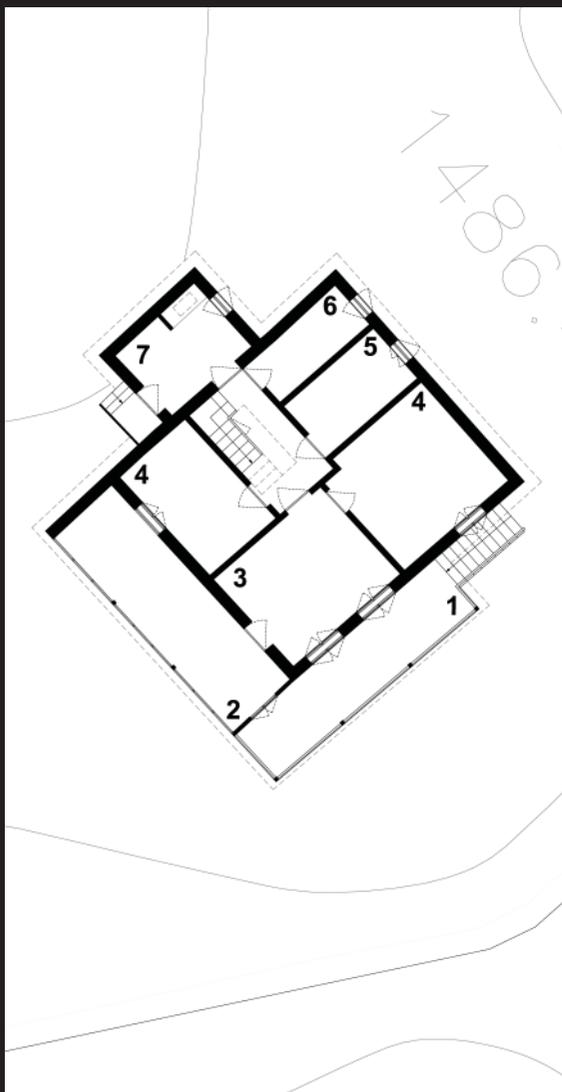


197

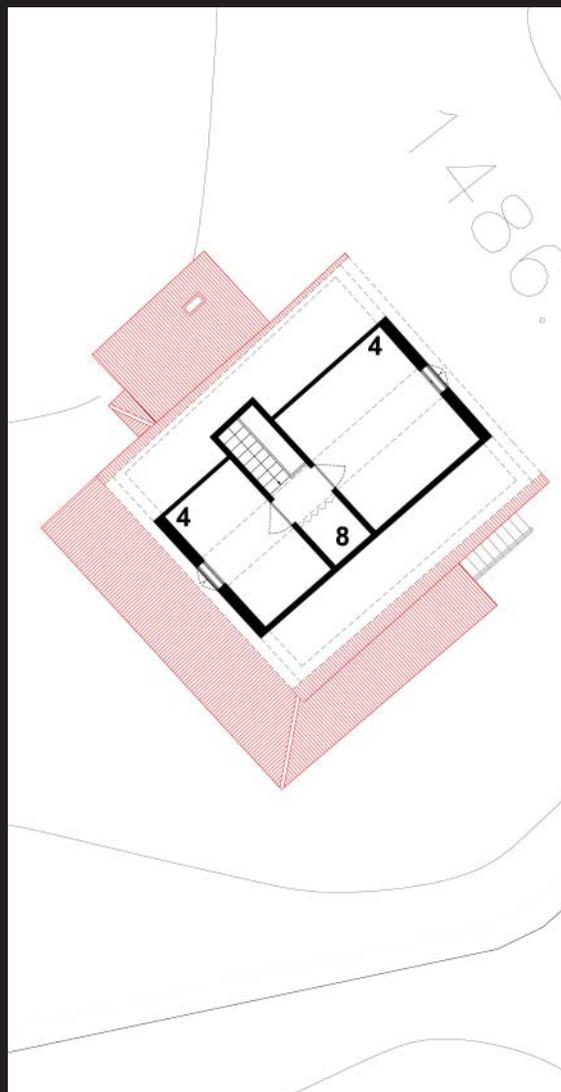


198

FIGURA 198: Porta de alçapão de acesso à escada.



PLANTA PISO 0



PLANTA PISO 1

ESCALA 1:200

CASA DO SEIXO:

- 1_ Varanda
- 2_ Galeria
- 3_ Sala
- 4_ Quarto
- 5_ Despensa
- 6_ I.S.
- 7_ Cozinha
- 8_ Arrumo

2.5.8 - CASA DO SEIXO

O chalé *Casa do Seixo* é uma pitoresca construção situada junto ao *Vale das Éguas*, cujo projecto e construção se deve à autoria do carpinteiro Samuel Garcia, também responsável pelo restauro de outros chalés do Sanatório de Manteigas, e concluída em 1926. Tal como todas as outras construções, esta casa ergue-se sobre o espaço anteriormente designado por *loja*, acessível interiormente através de um alçapão existente no primeiro piso, e também não possuía água canalizada. O seu interior, quase na totalidade revestido por tábuas de madeira maciça de pinho, é constituído por uma ampla galeria ou varanda e uma marquise envidraçada de exposição a sul, uma sala, dois quartos, uma original sala de banhos, entretanto adaptada a instalação sanitária, despensa, cozinha e umas escadas de madeira maciça que conduzem a um piso superior onde existem mais dois quartos.

Já numa fase posterior o piso da *loja* foi ampliado, não pelo uso de explosivos sobre a rocha, mas com martelo pneumático, dando lugar a uma ampla sala e um quarto.



199



200



201



202



203



204



205



206



207

EXTERIOR:

FIGURA 199: Aspecto da casa em 1947.

FIGURAS 200, 201, 202, 203, 204, 205 E 206: Vistas gerais da casa.

FIGURA 206: A varanda / galeria usufrui de um panorama visual que abrange o maciço da Serra da Estrela numa extensão de várias centenas de km.

INTERIOR:

FIGURAS 208 E 211: Sala.

FIGURA 209: Galeria.

FIGURAS 210 E 212: Quartos no piso principal.

FIGURA 213: Escada de acesso ao primeiro piso - sótão.

FIGURA 214: Cozinha.

FIGURA 215: Despensa.

FIGURAS 216 E 218: A casa de banho mantém-se no seu aspecto original. Esta casa é uma das únicas da época a incluir no seu projecto inicial uma casa de banho.

FIGURAS 217 E 219: Quartos existentes no sótão.





**HOTEL-PENSÃO MONTANHA -
SANATÓRIO:**

1_ Antiga galeria de curas,
posteriormente fechada e
convertida em salas.

2_ Vestíbulo

3_ Quarto

4_ Quarto pequeno

5_ Sala pequena

6_ Sala principal

7_ Cozinha

8_ Reservatório de abasteci-
mento de água

PLANTA PISO 0

ESCALA 1:200

2.5.9 - HOTEL-PENSÃO MONTANHA

Este edifício situa-se na base do conhecido penedo *Cabeça do Preto*, a 1540 metros de altitude.¹⁰⁰

Funcionando como uma espécie de sanatório em regime de cura livre, o estabelecimento possuía médico permanente, um dos quais foi o clínico Dr. Manuel Ferreira de Almeida Manso, que o dirigiu, instalado numa casa anexa, onde existiam alguns quartos que davam ainda apoio ao hotel. A divisão interior do sanatório era feita segundo estratificação social, alojando os pacientes de classes superiores nos quinze quartos do piso térreo e os de classes menos abastadas nos quartos situados nas águas furtadas do sótão. O hotel possuía ainda sala de convívio, cozinha, galeria de cura orientada a sul e loja na sua base. Junto à sua fachada norte foram posteriormente construídos dois reservatórios de abastecimento de água.

Junto ao edifício existe uma penedia onde foi inscrita uma homenagem ao Dr. Almeida Manso que diz o seguinte:

“Ao grande amigo e grande médico da Serra, Dr. Manuel Ferreira de Almeida Manso.

Grande no carácter - grande no saber - na bondade grande.

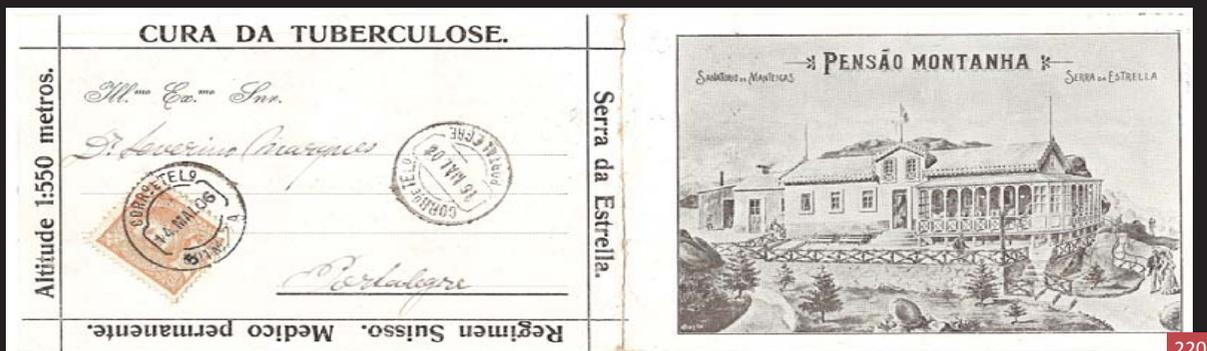
Mestre entre os mestres da Tuberculologia portuguesa.

Devotado apóstolo dos Hermínios.

Almejado paladino da luta contra a tuberculose.

Rápido de princípios, austero de modéstia, sereno de alma, português de coração, que na Serra se curou, e na Serra tem curado centenas de enfermos, do dia do seu 64º aniversário natalício e comemorando os seus 27 anos de Serra.

Aos 2 de Setembro 1930. Consagram esta lápide os seus doentes, os seus amigos, os seus admiradores.”



220



226



221



227



228



222



229



230



223



231

EXTERIOR:

FIGURA 220: Desdobrável publicitário ao Sanatório.

FIGURAS 221, 222 E 223: Postais com aspectos do edifício, ainda com a galeria de cura.

FIGURA 224: A *Cabeça do Preto*, junto ao edifício.

FIGURA 225: Postal com aspecto do *Hotel* já sem a galeria.

FIGURAS 225, 227, 228, 229 E 230: Vistas gerais do *Hotel*.

FIGURA 231: Penedia com a inscrição de homenagem ao Dr. Almeida Manso.



232



233



234



235



236



237



238



239



240

INTERIOR:

FIGURAS 232 E 234: Sala Principal.

FIGURAS 233 E 236: Corredor de distribuição.

FIGURA 235: Cozinha.

FIGURAS 237, 238 E 240: Aspectos do piso de águas-furtadas, ondem eram alojadas as classes mais pobres.

FIGURA 239: Quarto do piso principal.



FIGURA 241: Outros chalés existentes na estância de férias das Penhas Douradas.

2.6 - CASA TRADICIONAL / CASA INDUSTRIAL – INTERIOR / EXTERIOR

O traçado destas novas “cidades-sanatório” explorou o discurso higienista das entidades médicas para a sua caracterização física, adaptando os seus modelos à geografia e topografia dos lugares recomendados e escolhendo materiais de construção que não só se adequassem às características locais, mas que também configurassem espaços de habitar assentes na permeabilidade interior/exterior.

O chalé surge como um refúgio, num ponto de grande isolamento face aos aglomerados urbanos circundantes, representando o reencontro digno entre o habitante e a natureza em estado puro, em constante relação contemplativa. Perde-se a noção de temporalidade, desprezam-se os andamentos citadinos industriais constituídos de ambientes insalubres e procura-se o elogio ao rústico e ao campestre.

No entanto, o processo que conduz a esta nova forma de habitar pitoresca tem como base os preceitos disciplinares modernistas dos avanços da nova era industrial, ou seja, todo um conjunto de infra-estruturas capazes de proporcionar o aparecimento destas novas povoações, como as novas redes de caminhos-

de-ferro e os novos materiais, ferro, vidro e cimento, bem como as novas técnicas de construção em série.

O chalé das Penhas Douradas configura um modelo caracterizado por uma dualidade entre a tradição local, e a utilização dos materiais inerentes ao território, e a configuração industrial, na aplicação de técnicas modernas de reforço e protecção da construção. Dualidade esta, ainda mais marcada pela organicidade inerente ao interior, quase na sua íntegra revestido em madeira, reforçando o seu carácter rústico e pitoresco de fusão com o exterior natural da montanha. A sua autenticidade encontra então o ponto de ancoragem nos materiais típicos da zona, mas distingue-se das construções tipo destas regiões, não só pela adopção de modelos formais importados dos países alpinos, mas também pelo recurso aos novos materiais provenientes da industrialização, bem como das novas técnicas construtivas. O modelo final representa uma ambiguidade que se divide por estes dois pólos distintos de representação arquitectónica numa fusão que procura aliar o funcional ao estético, o prático e económico ao belo e tradicional.

A vista obtida a partir de cada casa alcança sempre a contemplação panorâmica livre, uma vez que a inexistência de muros delimitadores de terrenos



entre as sucessivas construções favorece uma visualização sem obstruções. Esta característica territorial sem limites ou fronteiras permite ainda a deambulação por percursos livres, o que se reflecte num conjunto de constante permutabilidade entre o interior e o exterior, o natural e o artificial, onde não existem fronteiras físicas, mas apenas as fronteiras que a própria configuração territorial estabelece na separação entre o mundo rural romântico e natural: morada do doente que procura a cura ou tratamento para a sua enfermidade; e o mundo urbano, onde se dá corpo à evolução modernista da nova era industrial.

NOTAS

_ FONTES E CITAÇÕES:

⁰¹ _ ISABEL, João in “Importância Climática de Serra da Estrela” – da tese “Três Problemas Sanitários Urgentes”, artigo integrante do jornal *Ecos de Manteigas*, Quinzenário Regionalista, Ano I, número 2, Tipografia do “Correio da Beira” – Guarda, Manteigas, 5 de Abril de 1953, p. 2.

⁰² _ REMÉDIOS, Mendes dos, *Sousa Martins e a Serra da Estrela*, Typographia d’a Folha, Viseu, 1898, p. 34.

⁰³ _ MACEDO, M. in “As Casas de Campo em Portugal”, artigo integrante da revista *A Construção Moderna*, Nº 53, Anno III, 10 de Março de 1902, p. XI.

⁰⁴ _ MACEDO, M., “As Casas de Campo em Portugal”, artigo integrante da revista *A Construção Moderna*, Nº 53, Anno III, 10 de Março de 1902, p. XI - XII.

⁰⁵ _ DALGADO, Dr. D. G., *Notes on The Climate of Mont’Estoril and The Riviera of Portugal*, Imprensa da Academia Real de Ciências de Lisboa, Lisboa, 1908, p. 1 - 2.

⁰⁶ _ REMÉDIOS, Mendes dos in *Sousa Martins e a Serra da Estrela*, Typographia d’a Folha, Viseu, 1898, p. 34.

⁰⁷ _ DALGADO, Dr. D. G., *The Climate of Portugal and Notes on its Health Resorts*, Imprensa da Universidade

de Coimbra, Lisboa, 1914, p. 329 - 331.

⁰⁸ _ NAVARRO, Emydio, *Quatro Dias na Serra da Estrela*, Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos – Editor, Porto, 1884, p. 37.

⁰⁹ _ DALGADO, Dr. D. G., *The Climate of Portugal and Notes on its Health Resorts*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Lisboa, 1914, p. 330 - 331.

¹⁰ _ DALGADO, Dr. D. G., *Notes on The Climate of Mont’Estoril and The Riviera of Portugal*, Imprensa da Academia Real de Ciências de Lisboa, Lisboa, 1908, p. 6.

¹¹ _ DALGADO, Dr. D. G., *The Climate of Portugal and Notes on its Health Resorts*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Lisboa, 1914, p. 343 - 344.

¹² _ *Ibid.*, p. 344 - 347.

¹³ _ site: *Câmara Municipal de Sintra*,
<http://www.cm-sintra.pt/Artigo.aspx?ID=2305>,
(11.01.2009).

¹⁴ _ site: *CP.pt*,
<http://www.cp.pt/cp/displayPage.do?contentId=2d14966e64606010VgnVCM1000007b01a8c0RCRD&vgnextoid=ea2623aabd984010VgnVCM1000007b01a8c0RCRD>, (11.01.2009).

¹⁵ _ DALGADO, Dr. D. G., *Notes on The Climate of Mont’Estoril and The Riviera of Portugal*, Imprensa da

Academia Real de Ciências de Lisboa, Lisboa, 1908, p. 28.

¹⁶_ forum: *Skyscrapercity*,
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=424800>, (11.01.2009).

¹⁷_ blogue: *Expresso da Linha*,
<http://expressodalinha.blogspot.com/2008/04/monte-estoril.html>, (11.01.2009).

¹⁸_ DALGADO, Dr. D. G., *The Climate of Portugal and Notes on its Health Resorts*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Lisboa, 1914, p. 347 - 354.

¹⁹_ MOURA, Maria da Paz Brojo Correia in *Diacronia e Memória de uma Paisagem: Análise Visual da Paisagem do Planalto Superior da Serra da Estrela*, Dissertação de Mestrado em Educação Ambiental apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2006, p. 17.

²⁰_ ABREU, Adelino de, *Serra da Estrella (Guia do Touriste)*, 2ªEdição, Livraria Ferreira & Oliveira, Lda., Lisboa, 1905, p. 6 - 10.

²¹_ LACERDA, Antonio do Prado de Souza, *Viagem á Serra da Estrella – Guia do Excursionista, do Alpinista e do Tuberculoso*, Livraria Central, Lisboa, 1908, p. 10.

²²_ ABREU, Adelino de, *Serra da Estrella (Guia do*

Touriste), 2ªEdição, Livraria Ferreira & Oliveira, Lda., Lisboa, 1905, p. 5.

²³_ BARBOSA, Angelina e HENRIQUES, Pedro Castro, *Parque Natural da Serra da Estrela*, Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza, 2001, p. 4.

²⁴_ TELLES, Prof. Silva, “Portugal: Aspectos Geográficos e Climáticos”, in *Exposição Portuguesa em Sevilha*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1929, p. 30.

²⁵_ MOURA, Maria da Paz Brojo Correia, *Diacronia e Memória de uma Paisagem: Análise Visual da Paisagem do Planalto Superior da Serra da Estrela*, Dissertação de Mestrado em Educação Ambiental apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2006, p. 54.

²⁶_ HENRIQUES, Pedro Castro, *Serra Acima: A Montanha nas Áreas Protegidas de Portugal*, Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa, 2003, p. 77.

²⁷_ MARQUES, Carlos Alberto, *A Serra da Estrela: estudo geográfico*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1995, p. 13.

²⁸_ forum: *Montanha*,
<http://covilha.blogspot.com/2006/07/geologia-serra-da-estrela.html>, (05.11.2008).

²⁹_ FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, *Guia de Portugal - Vol.III, Tomo II*, Gráfica de Coimbra, Lda., 1994, p.

883.

³⁰_ MOURA, Maria da Paz Brojo Correia, *Diacronia e Memória de uma Paisagem: Análise Visual da Paisagem do Planalto Superior da Serra da Estrela*, Dissertação de Mestrado em Educação Ambiental apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2006, p. 51.

³¹_ FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, *Guia de Portugal* - Vol.III, Tomo II, Gráfica de Coimbra, Lda., 1994, p. 883.

³²_ MOURA, Maria da Paz Brojo Correia, *Diacronia e Memória de uma Paisagem: Análise Visual da Paisagem do Planalto Superior da Serra da Estrela*, Dissertação de Mestrado em Educação Ambiental apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2006, p. 58 - 62.

³³_ ABREU, Adelino de in *Serra da Estrela (Guia do Touriste)*, 2ª Edição, Livraria Ferreira & Oliveira, Lda., Lisboa, 1905, p. 97.

³⁴_ LACERDA, Antonio do Prado de Souza, *Viagem á Serra da Estrela – Guia do Excursionista, do Alpinista e do Tuberculoso*, Livraria Central, Lisboa, 1908, p. 80.

³⁵_ MARQUES, Carlos Alberto, *A Serra da Estrela: es-*

tudo geográfico, Assírio & Alvim, Lisboa, 1995, p, 71 - 72.

³⁶_ *Ibid.*, p. 76 - 78.

³⁷_ MOURA, Maria da Paz Brojo Correia, *Diacronia e Memória de uma Paisagem: Análise Visual da Paisagem do Planalto Superior da Serra da Estrela*, Dissertação de Mestrado em Educação Ambiental apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2006, p. 46.

³⁸_ REMÉDIOS, Mendes dos in *Sousa Martins e a Serra da Estrela*, Typographia d'a Folha, Viseu, 1898, p. 14.

³⁹_ CONGRESSO DOS NUCLEOS DA LIGA NACIONAL CONTRA A TUBERCULOSE, *Congresso contra a Tuberculose: Actas e Documentos do 1º Congresso dos Nucleos da Liga Nacional contra a Tuberculose*, Lisboa, Abril 1901, p. XVI - XIX.

⁴⁰_ *Ibid.*, p. 1 - 2.

⁴¹_ REFOIOS, Prof. Sousa in CONGRESSO DOS NUCLEOS DA LIGA NACIONAL CONTRA A TUBERCULOSE, *Congresso contra a Tuberculose: Actas e Documentos do 1º Congresso dos Nucleos da Liga Nacional contra a Tuberculose*, Lisboa, Abril 1901, p. 17.

⁴²_ FERREIRA, H. Amorim, "Climatologia física e climatologia médica", Separata da Revista *Clinica Higiene e*

Hidrologia, Lisboa, Abril de 1952, p. 4 - 5.

⁴³ _ PATRÍCIO, Ladislau, *Altitude – O espírito na Medicina*, Edições Europa, Lisboa, 1938, p. 48.

⁴⁴ _ *Ibid.*, p. 75 - 76.

⁴⁵ _ *Ibid.*, p. 49.

⁴⁶ _ Sociedade de Geografia de Lisboa, *Expedição Científica á Serra da Estrella em 1881*, Diversos Relatórios, Imprensa Nacional, Lisboa, 1883.

⁴⁷ _ NAVARRO, Emygdio, *Quatro Dias na Serra da Estrella*, Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos – Editor, Porto, 1884, p. 61.

⁴⁸ _ *Ibid.*, p. 121.

⁴⁹ _ ABREU, Adelino de, *Serra da Estrella (Guia do Touriste)*, 2ªEdição, Livraria Ferreira & Oliveira, Lda., Lisboa, 1905, p. 146 - 147.

⁵⁰ _ NAVARRO, Emygdio, *Quatro Dias na Serra da Estrella*, Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos – Editor, Porto, 1884, p. 78.

⁵¹ _ REMÉDIOS, Mendes dos in *Sousa Martins e a Serra da Estrella*, Typographia d’a Folha, Viseu, 1898, p. 47.

⁵² _ ABREU, Adelino de, *Serra da Estrella (Guia do Touriste)*, 2ªEdição, Livraria Ferreira & Oliveira, Lda., Lisboa, 1905, p. 122.

⁵³ _ NAVARRO, Emygdio, *Quatro Dias na Serra da Estrella*, Livraria Civilização de Eduardo da Costa

Santos – Editor, Porto, 1884, p. 61 - 63.

⁵⁴ _ REMÉDIOS, Mendes dos, *Sousa Martins e a Serra da Estrella*, Typographia d’a Folha, Viseu, 1898, p. 28.

⁵⁵ _ NAVARRO, Emygdio, *Quatro Dias na Serra da Estrella*, Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos – Editor, Porto, 1884.

⁵⁶ _ MOURA, Álvaro de, “Turismo e Desportos de Inverno na Serra da Estrela”, artigo do *I Congresso Nacional de Turismo, V Secção*, Lisboa, 1936, p. 3.

⁵⁷ _ ABREU, Adelino de, *Serra da Estrella (Guia do Touriste)*, 2ªEdição, Livraria Ferreira & Oliveira, Lda., Lisboa, 1905, p. 168.

⁵⁸ _ NAVARRO, Emygdio in *Quatro Dias na Serra da Estrella*, Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos – Editor, Porto, 1884, p. 81.

⁵⁹ _ ABREU, Adelino de, *Serra da Estrella (Guia do Touriste)*, 2ªEdição, Livraria Ferreira & Oliveira, Lda., Lisboa, 1905, p. 168.

⁶⁰ _ ABREU, Adelino de in *Serra da Estrella (Guia do Touriste)*, 2ªEdição, Livraria Ferreira & Oliveira, Lda., Lisboa, 1905, p. 169.

⁶¹ _ PIMENTA, J. A. Santos in *A Phtisica: A Serra da Estrella e o Especifico do Dr. Koch*, Typographia de Arthur José de Sousa & Irmão; Porto, 1890, p. 14.

⁶² _ ABREU, Adelino de, *Serra da Estrella (Guia do*

Touriste), 2ª Edição, Livraria Ferreira & Oliveira, Lda., Lisboa, 1905, p. 128.

⁶³ _ PATRÍCIO, Ladislau, *Altitude – O espírito na Medicina*, Edições Europa, Lisboa, 1938, p. 58.

⁶⁴ _ PATRÍCIO, Ladislau in *Altitude – O espírito na Medicina*, Edições Europa, Lisboa, 1938, p. 58.

⁶⁵ _ ABREU, Adelino de, *Serra da Estrella (Guia do Touriste)*, 2ª Edição, Livraria Ferreira & Oliveira, Lda., Lisboa, 1905, p. 170.

⁶⁶ _ PATRÍCIO, Ladislau, *Altitude – O espírito na Medicina*, Edições Europa, Lisboa, 1938, p. 50.

⁶⁷ _ SILVA, João Serras e, *O Clima d'Altitude e a Tuberculose Pulmonar: Estudo Climatérico da Serra da Estrella*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1898, p. 29.

⁶⁸ _ *Ibid.*, p. 31 - 32.

⁶⁹ _ DALGADO, Dr. D. G., *The Climate of Portugal and Notes on its Health Resorts*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Lisboa, 1914, p. 367.

⁷⁰ _ SILVA, João Serras e in *O Clima d'Altitude e a Tuberculose Pulmonar: Estudo Climatérico da Serra da Estrella*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1898, p. 29.

⁷¹ _ PATRÍCIO, Ladislau in *Altitude – O espírito na Medicina*, Edições Europa, Lisboa, 1938, p. 78.

⁷² _ CONGRESSO DOS NUCLEOS DA LIGA NACIONAL CONTRA A TUBERCULOSE, *Congresso contra a Tuberculose: Actas e Documentos do 1º Congresso dos Nucleos da Liga Nacional contra a Tuberculose*, Lisboa, Abril 1901, p. 2 - 3.

⁷³ _ PATRÍCIO, Ladislau, *Altitude – O espírito na Medicina*, Edições Europa, Lisboa, 1938, p. 50.

⁷⁴ _ ISABEL, João in “Importância Climática de Serra da Estrella” – da tese “Três Problemas Sanitários Urgentes”, artigo do jornal *Ecos de Manteigas*, Quinzenário Regionalista, Ano I, número 2, Tipografia do “Correio da Beira” – Guarda, Manteigas, 5 de Abril de 1953, p. 2.

⁷⁵ _ SILVA, João Serras e in *O Clima d'Altitude e a Tuberculose Pulmonar: Estudo Climatérico da Serra da Estrella*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1898, p. 136.

⁷⁶ _ CONGRESSO DOS NUCLEOS DA LIGA NACIONAL CONTRA A TUBERCULOSE, *Congresso contra a Tuberculose: Actas e Documentos do 1º Congresso dos Nucleos da Liga Nacional contra a Tuberculose*, Lisboa, Abril 1901, p. 72 - 74.

⁷⁷ _ FREIRE, Basílio in CONGRESSO DOS NUCLEOS DA LIGA NACIONAL CONTRA A TUBERCULOSE, *Congresso contra a Tuberculose: Actas e Documentos do 1º Congresso dos*

Nucleos da Liga Nacional contra a Tuberculose, Lisboa, Abril 1901, p. 167.

⁷⁸_ ABREU, Adelino de, *Serra da Estrella (Guia do Touriste)*, 2ªEdição, Livraria Ferreira & Oliveira, Lda., Lisboa, 1905, p. 146 - 149.

⁷⁹_ *Ibid.*, p. 137.

⁸⁰_ artigo em: *Terras da Beira*,

<http://www.freipedro.pt/tb/261198/guarda4.htm>, (05.11.2008).

⁸¹_ MOURA, Álvaro de in “Turismo e Desportos de Inverno na Serra da Estrela”, artigo de *I Congresso Nacional de Turismo, V Secção*, Lisboa, 1936, p. 3.

⁸²_ FERNANDES, José Manuel, *Português Suave – Arquitecturas do Estado Novo*, Departamento de Estudos – IPPAR, Lisboa, 2003, p. 19 - 20, 29 - 30.

⁸³_ SILVA, João Serras e, *O Clima d’Altitude e a Tuberculose Pulmonar: Estudo Climatérico da Serra da Estrella*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1898, p. 33.

⁸⁴_ forum: *Montanha*,

<http://covilha.blogspot.com/2006/07/geologia-serra-da-estrela.html>, (05.11.2008).

⁸⁵_ MARQUES, Carlos Alberto, *A Serra da Estrela: estudo geográfico*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1995, p. 27.

⁸⁶_ ABREU, Adelino de, *Serra da Estrella (Guia do*

Touriste), 2ªEdição, Livraria Ferreira & Oliveira, Lda., Lisboa, 1905, p. 90.

⁸⁷_ MARQUES, Carlos Alberto, *A Serra da Estrela: estudo geográfico*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1995, p. 27.

⁸⁸_ ABREU, Adelino de, *Serra da Estrella (Guia do Touriste)*, 2ªEdição, Livraria Ferreira & Oliveira, Lda., Lisboa, 1905, p. 131.

⁸⁹_ WEBER, Sir Hermann and WEBER, F. Parkes in *Climatotherapy and Balneotherapy – The Climates and Mineral Water Health Resorts (Spas) of Europe and North Africa*, Edited by F. Parkes Weber, London, 1907, p. 635.

⁹⁰_ ABREU, Adelino de, *Serra da Estrella (Guia do Touriste)*, 2ªEdição, Livraria Ferreira & Oliveira, Lda., Lisboa, 1905, p. 134.

⁹¹_ NAVARRO, Emygdio in *Quatro Dias na Serra da Estrella*, Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos – Editor, Porto, 1884, p. 52.

⁹²_ *Ibid.*, p. 87.

⁹³_ NAVARRO, Emygdio, *Quatro Dias na Serra da Estrella*, Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos – Editor, Porto, 1884, p. 88.

⁹⁴_ *Ibid.*, p. 78 - 79.

⁹⁵_ *Ibid.*, p. 79.

⁹⁶_ MARQUES, A. H. de Oliveira, *Afonso Costa: A Obra e*

o Homem, Editora Arcadia, Lisboa, 1972, p. 23.

⁹⁷ _ BARROS, Júlia Leitão de, *Fotobiografias do Século XX: Afonso Costa*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002, p. 143.

⁹⁸ _ *Ibid.*, p. 150.

⁹⁹ _ ABREU, Adelino de, *Serra da Estrella (Guia do Touriste)*, 2ª Edição, Livraria Ferreira & Oliveira, Lda., Lisboa, 1905, p. 132.

¹⁰⁰ _ *Ibid.*, p. 140.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

_ LIVROS:

FIG. 62_ NAVARRO, Emygdio, *Quatro Dias na Serra da Estrella*, Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos – Editor, Porto, 1884, p. 65.

FIG. 63_ *Ibid.*, p. 81.

FIG. 64_ ABREU, Adelino de, *Serra da Estrella (Guia do Touriste)*, 2ª Edição, Livraria Ferreira & Oliveira, Lda., Lisboa, 1905, p. 143.

FIG. 100_ BARROS, Júlia Leitão de, *Fotobiografias do Século XX: Afonso Costa*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002, p. 152.

_ INTERNET:

FIG. 2 E 3_ forum: *Skyscrapercity > Arquitectura e Urbanismo*,

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=409054>, (11.01.2009).

FIG. 4_ site: *Postais Ilustrados*,

<http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais/BucacoPost01.htm>, (11.01.2009).

FIG. 5_ site: *Portugal em Postais Antigos*,

http://postaisportugal.canalblog.com/albums/region___aveiro/photos/4314028-mar28237.html, (10.01.2009).

FIG. 6 E 7_ site: *Imagem Digital – SILVA, Álbum Fotográfico Família Carneiro da*,

http://www.prof2000.pt/users/secjes-te/arkidigi/C_da_Silva/Bu%C3%A7aco05.htm, (10.01.2009).

FIG. 8 E 9_ site: *Portugal em Postais Antigos*,

http://postaisportugal.canalblog.com/albums/region___aveiro/photos/2857450-jan03966.html;

http://postaisportugal.canalblog.com/albums/region___aveiro/photos/21082273-bucaco___palacio_hotel___pormenor.html, (10.01.2009).

FIG. 10 E 11_ site: *Imagem Digital – SILVA, Álbum Fotográfico Família Carneiro da*,

<http://www.prof2000.pt/users/secjes->

te/arkidigi/C_da_Silva/Bu%C3%A7aco04.htm,
(10.01.2009).

FIG. 12 E 14_ blogue: *Blog da Rua Nove*,
<http://blogdaruanove.blogs.sapo.pt/55807.html>, (11.01.2009).

FIG. 13_ blogue: *Olhares - Fotografia Online*,
http://olhares.aeiou.pt/palacio_da_pena___sintra_foto1975044.html, (11.01.2009).

FIG. 15_ blogue: *Serra de Sintra*,
<http://serradesintra.blogspot.com/2007/12/algures-na-serra-de-sintra.html>, (11.01.2009).

FIG. 16_ site: *Flickr*,
<http://flickr.com/photos/rolhas/510063224/>,
(11.01.2009).

FIG. 17_ site: *Escapadelas.com*,
<http://escapadelas.com/en/node/165>,
(11.01.2009)

FIG. 18_ Imagem e texto de:
forum: *Skyscrapercity > Arquitectura e Urbanismo*,
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=441221>;
blogue: *Lesma Morta*,
<http://lesmamorta.blogspot.com/>,
(11.01.2009).

FIG. 19_ blogue: *Gregarius > Para os lados de Sintra > Outubro 2007*,

http://www.alagamares.net/noticias/Para_os_lados_de_Sintra/2007/10/, (11.01.2009).

FIG. 20, 21, 22 E 23_ site: *Otitserip - Selos Postais*,
http://otitserip.freeweb7.com/newweb/postais_monteestoril.php, (11.01.2009).

FIG. 24_ forum: *Skyscrapercity > Arquitectura e Urbanismo*,
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=409054>, (11.01.2009).

FIG. 25 E 26_ site: *Otitserip - Selos Postais*,
http://otitserip.freeweb7.com/newweb/postais_monteestoril.php, (11.01.2009).

FIG. 27_ forum: *Skyscrapercity > Arquitectura e Urbanismo*,
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=409054>, (11.01.2009).

FIG. 28_ site: *Otitserip - Selos Postais*,
http://otitserip.freeweb7.com/newweb/postais_monteestoril.php, (11.01.2009).

FIG. 29_ forum: *Skyscrapercity > Arquitectura e Urbanismo*,
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=409054>, (11.01.2009).

FIG. 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38 E 39_ site: *Otitserip - Selos Postais*,

http://otitserip.freeweb7.com/newweb/postais_monteestoril.php, (11.01.2009).

FIG. 36_ Imagem e Texto do blogue: *Cidadania Cascais*,

http://cidadaniacsc.blogspot.com/2007_10_01_archive.html, (11.01.2009).

FIG. 41 e 42_ blogue: *Tendências Fotográficas*,

http://tendenciasfotograficas.blogspot.com/2007/06/fotos-da-serra-da-estrela-paisagens-com_21.html, (11.01.2009).

FIG. 43_ site: *Sabugueiro*,

<http://www.sabugueiro.pt/galeria.php>, (11.01.2009).

FIG. 47, 48, 49, 50, 51 E 52_ site: *Portugal em Postais Antigos*,

http://postaisportugal.canalblog.com/albums/region__guarda/index.html, (12.01.2009).

FIG. 72_ site: *Imagem Digital – SILVA, Álbum Fotográfico Família Carneiro da*,

http://www.prof2000.pt/users/secjeste/Arkidigi/C_da_Silva/SerrEstrela04.htm, (12.01.2009).

_ OUTROS:

FIG. 1, 53, 54, 58, 66, 74, 76, 77, 78, 79, 83, 85, 111, 127, 132, 134, 227, 228_ SILVA, Sara, Penhas Douradas, 24.01.2008.

FIG. 44, 56, 59, 60, 80, 81, 82, 84, 86, 87, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183_ SILVA, Sara, Penhas Douradas, 01.05.2008.

FIG. 55_ SILVA, Sara, Penhas Douradas, 04.06.2008.

FIG. 128, 145, 146, 149, 153, 155, 156, 202, 203, 204, 205, 226_ SILVA, Sara, Penhas Douradas, 17.07.2008.

FIG. 57, 67, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152, 154, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240_ SILVA, Sara, Penhas Douradas, 13.08.2008.

FIG. 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 219_ SILVA, Sara, Penhas Douradas, 30.08.2008.

FIG. 175, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198_ SILVA, Sara, Penhas Douradas, 01.09.2008.

FIG. 40_ Fotografia de 05.03.2005, cedida pela Câmara Municipal de Manteigas, por requerimento feito em

24.01.2008.

FIG. 45, 46, 68, 69, 70, 71, 73, 98, 99, 224_ Postais cedidos pela Câmara Municipal de Manteigas, por requerimento feito em 24.01.2008.

FIG. 61, 96, 97, 126, 220, 221, 222, 223_ Postais cedidos por Dr. João Tomás, gerente do hotel de Turismo da Natureza, *Casa das Penhas Douradas*.

FIG. 65_ SILVA, Sara, Penhas Douradas, respectivamente, 13.08.2008, 24.01.2008, 13.08.2008.

FIG. 199, 200, 201, 206, 218_ Postais cedidos por Dr. Rui Vaz Osório, proprietário da *Casa do Seixo*.

FIG. 241_ SILVA, Sara, Penhas Douradas, respectivamente, 01.05.2008, 24.01.2008, 24.01.2008 e 01.05.2008.



| Caminho da Serra da Estrela

“Ao visitar casas o arquiteto torna-se usuário, passa a olhar através dos olhos do habitante, e assim adota uma atitude mais próxima à de uma pessoa qualquer, perdendo essa couraça que o domínio de uma disciplina cria, vencido pela força mesma da experiência real da casa, da domesticidade e da vida que ela contém.”⁵⁸

III

CONSIDERAÇÕES FINAIS

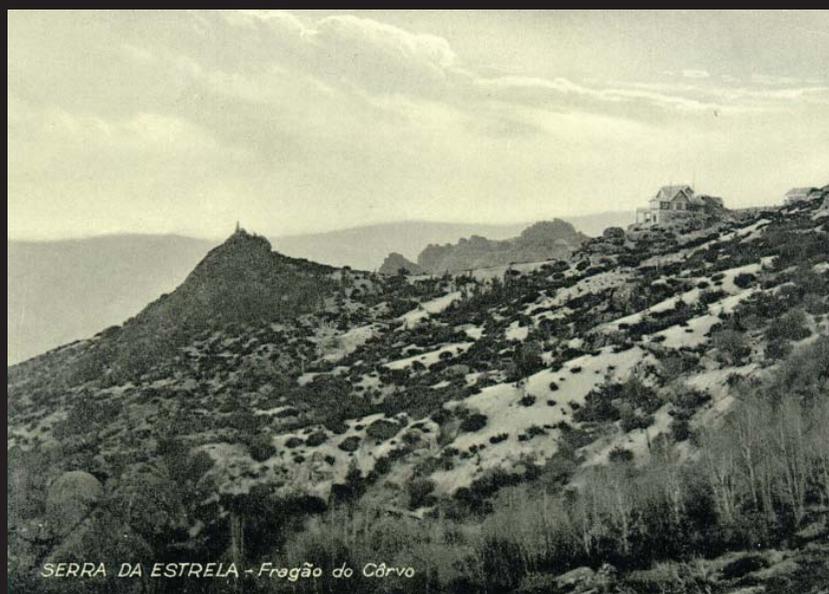


FIGURA 2: Postal com vista sobre o *Fragão do Corvo*.

As minhas visitas a estas casas revelaram-se determinantes durante a realização desta prova final, não só para uma melhor compreensão relativamente ao tema em que se desenvolveram, mas também por toda a sua configuração e relação entre os espaços tanto de exterior como de interior, na percepção de como se desenvolveu cada uma delas, desde a sua implantação, orientação solar, distribuição e organização espacial, quase como pequenas células dispostas sobre um núcleo social, de dimensões sempre diminutas.

O factor-chave deste modelo centra-se na contemplação, havendo sempre pontos de situação privilegiada para repouso, como as marquises envidraçadas e as varandas ou galerias de cura. Não existe espaço ajardinado, horta, cultivo, piscinas, ou qualquer outro tipo de usos com que a família-tipo moderna normalmente se identifica aquando do contacto com o meio natural, apenas o chalé e a sua varanda num terreno onde os percursos surgem de forma orgânica, esculpindo os seus trajectos através da montanha.

BIBLIOGRAFIA

_ÁBALOS, Iñaki, *A Boa-Vida: Visita Guiada às Casas da Modernidade*, Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona, 2003.

_ÁBALOS, Iñaki, *Atlas Pintoresco – Vol.1: El Observatório*, Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona, 2005.

_ABREU, Adelino de; *Serra da Estrella (Guia do Touriste)*, 2ªEdição corrigida e muito melhorada, Livraria Ferreira & Oliveira, Lda., Lisboa, 1905.

_BARBOSA, Angelina e CORREIA, António, *À Descoberta da Estrela – Rede de Percursos Pedestres de Grande Rota, no Parque Natural da Serra da Estrela*, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Parque Natural da Serra da Estrela, Manteigas, 1990.

_BARBOSA, Angelina e HENRIQUES, Pedro Castro, *Parque Natural da Serra da Estrela*, Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza, 2001.

_BARROS, Júlia Leitão de, *Fotobiografias do Século XX: Afonso Costa*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002.

_BELO, Duarte, *Orlando Ribeiro seguido de uma viagem breve à Serra da Estrela*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1999.

_BIRKSTED, Jan, editor literário, *Landscapes of Memory and Experience*, London: Spon Press, 2000.

_CADILHE, Gonçalo, *Catedrais da Terra – As Mais Belas Montanhas do Mundo*, Coleções Unibanco, Amadora, 2002.

_CONGRESSO DOS NUCLEOS DA LIGA NACIONAL CONTRA A TUBERCULOSE, *Congresso contra a Tuberculose: Actas e Documentos do 1ºCongresso dos Nucleos da Liga Nacional contra a Tuberculose*, Lisboa, Abril 1901.

_CORBIN, Alain, *História dos Tempos Livres*, Editorial Teorema, Lisboa, 2001.

_CZUPRYN, Adriana, OMILANOWSKA, Malgorzata e SCHWENDIMANN, Ulrich, *Guia American Express: Suíça*, Hachette Livre Polska sp. z.o.o., Varsóvia, Polónia, Dorling Kindersley – Civilização, Editores, Lda., Porto, 2008.

_DALGADO, Dr. D. G., *Notes on The Climate of Mont'Estoril and The Riviera of Portugal*, Imprensa da Academia Real de Ciências de Lisboa, Lisboa, 1908.

_DALGADO, Dr. D. G., *The Climate of Portugal and Notes on its Health Resorts*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Lisboa, 1914.

_FERNANDES, José Manuel, *Português Suave – Architecturas do Estado Novo*, Departamento de Estudos – IPPAR, Lisboa, 2003.

_FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, *Guia de Portugal* - Vol.III, Tomo II, Gráfica de Coimbra, Lda., 1994.

_HENRIQUES, Pedro Castro, *Serra Acima: A Montanha nas Áreas Protegidas de Portugal*, Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa, 2003.

_LACERDA, Antonio do Prado de Souza, *Viagem á Serra da Estrella – Guia do Excursionista, do Alpinista e do Tuberculoso*, Livraria Central, Lisboa, 1908.

_MAGNANI, Franco, *Chalets Suisses*, Fribourg: Office du Livre, Cop., 1969.

_MANN, Thomas, *A MONTANHA MÁGICA*, Edição «Livros do Brasil», Lisboa.

_MARQUES, A. H. de Oliveira, *Afonso Costa: A Obra e o Homem*, Editora Arcadia, Lisboa, 1972.

_MARQUES, Carlos Alberto, *A Serra da Estrela: estudo geográfico*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1995.

_MIRANDA, Vasco, *Antologia da Terra Portuguesa – Beira Alta*, Vol.9, Livraria Bertrand, Lisboa.

_I Congresso Nacional de Turismo, V Secção, Teses, Lisboa, 1936.

_MOURA, Maria da Paz Brojo Correia, *Diacronia e Memória de uma Paisagem: Análise Visual da Paisagem do Planalto Superior da Serra da Estrela*, Dissertação de Mestrado em Educação Ambiental apresentada à Faculdade de Letras da Universidade

de Coimbra, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2006.

_NAVARRO, Emygdio, *Quatro Dias na Serra da Estrella*, Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos – Editor, Porto, 1884.

_NEVES, Mário, *A Vida de Affonso Costa: O Propagandista*, Editora Typographia Luzitania, Porto, 1915.

_PASSINHO, Cristiane Domingues, *Estância Sanatorial do Caramulo: a Aculturação Experimental da Expressão Moderna*, Prova Final de Licenciatura, FCTUC-Darq, 2005.

_PATRÍCIO, Ladislau, *Altitude – O espírito na Medicina*, Edições Europa, Lisboa, 1938.

_PIMENTA, J. A. Santos, *A Phtisica: A Serra da Estrella e o Especifico do Dr. Koch*, Typographia de Arthur José de Sousa & Irmão; Porto, 1890.

_REMÉDIOS, Mendes dos, *Sousa Martins e a Serra da Estrella*, Typographia d'a Folha, Viseu, 1898.

_SCHNEIDER, Dr. E., *A Saúde pelos tratamentos naturais*, Publicadora Atlântico, S. A. R. L., Sacavém, 1977.

_SILVA, João Serras e, *O Clima d'Altitude e a Tuberculose Pulmonar: Estudo Climatérico da Serra da Estrella*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1898.

_SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA, *Expedição*

Scientífica á Serra da Estrella em 1881, Imprensa Nacional, Lisboa, 1883.

_TAUT, Bruno, *Escritos: 1919-1920*, Biblioteca de Arquitectura, El Croquis Editoria, Madrid, 1997.

_TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose – Trocas e Tráficos na Construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Série 2 - Argumentos 24, Porto, 2005.

_TEIXEIRA, Francisco Gomes, *Santuários de Montanha: Impressões de Viagens*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1926.

_TELLES, Prof. Silva, “Portugal: Aspectos Geográficos e Climáticos”, in *Exposição Portuguesa em Sevilha*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1929.

_WEBER, Sir Hermann and Weber, F. Parkes, *Climatotherapy and Balneotherapy – The Climates and Mineral Water Health Resorts (Spas) of Europe and North Africa*, Edited by F. Parkes Weber, London, 1907.

_ PERIÓDICOS:

_REVISTA *Clinica Higiene e Hidrologia*, Lisboa, Abril de 1952.

_JORNAL *Ecos de Manteigas*, Quinzenário Regionalista, Tipografia do “Correio da Beira” – Guarda, Manteigas, números publicados entre 1953 - 1954.

_REVISTA *A Construção Moderna*, revista quinzenal ilustrada, Lisboa : Imprensa Lucas, números publicados entre 1900 - 1903.

_REVISTA *Arquitectura*, revista mensal, Grupo Editor de Arquitectura, Lisboa : Imp. Libânio da Silva, números publicados entre 1927 - 1939.

INTERNET

Artigos de sites:

_Alpinismo,

<http://www.coladaweb.com/edfisica/alpinismo.htm>, (12.01.2009).

_A Nossa Região... - Sanatório Sousa Martins,

<http://www.eb1-augusto-gil.rcts.pt/regiao.htm>, (18.03.2008).

_Bibliographie du bassin d’Arcachon,

<http://htba.free.fr/pages/medtuber.php>,(12.01.2009).

_Cascais?,

<http://users.prof2000.pt/ano/alvide/animas/CASCAIS.htm#cascais>, (12.01.2009)

_Centenário do Sanatório Sousa Martins,

<http://felino.felisberto.net/index.php?s=%C3%A0reas>, (18.03.2008).

_Davos as a Health Station - The New York Times,

http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?_r=1&res=9501E7DA143EE63BBC4952DFBE668383669FDE, (12.01.2009).

_Guarda - Uma cidade dentro da cidade,

<http://www.freipedro.pt/tb/261198/guarda4.htm>, (12.01.2009).

_Mont Blanc - História da Escalada,

http://www.marski.org/index.php?option=com_content&task=view&id=51&Itemid=16, (12.01.2009).

_Nova silhueta da montanha,

http://dn.sapo.pt/2008/02/23/dngente/nova_silhueta_montanha.html, (18.03.2008).

_Treino e Montanha,

<http://treino.desnivel.pt/altitude.htm>, (10.04.2008).

Sites:

_Alma de Viajante - Jornalismo em viagens,

<http://www.almadeviajante.com/viagens/grecia/monte-athos.php>, (12.01.2009).

_Arcachon Nostalgie,

<http://www.arcachon-nostalgie.com/villas.htm>, (12.01.2009).

_Bassin d’Arcachon.com,

http://www.bassindarcachon.com/histoire_locale.aspx?id=100, (12.01.2009).

_Câmara Municipal de Cascais,

<http://www.cm-cascais.pt/Cascais/Cascais/Historia/>, (12.01.2009).

_Câmara Municipal de Sintra,

<http://www.cm-sintra.pt/Artigo.aspx?ID=2305>, (12.01.2009).

_Escrita com Luz,

<http://galerias.escritacomluz.com/xicoxico/album03/aaa>, (12.01.2009).

_Greco Tour,

<http://www.grecotour.com/grecia-peninsular/monasterios-meteora-kalambaka.htm>, (12.01.2009).

_Guia da Cidade,

<http://www.guiadacidade.pt/portugal/?G=monumentos.ver&artid=16772&distritoid=11>, (12.01.2009).

_Lifecooler,

<http://www.lifecooler.com/edicoes/lifecooler/desenvRegArtigo.asp?art=3140&rev=2>, (12.01.2009).

_Tyndall Centre,

http://www.tyndall.ac.uk/general/history/john_tyndall_biography.shtml, (12.01.2009).

_UNESCO.org,

<http://whc.unesco.org/en/list/454/gallery/>,
(12.01.2009).

_Wikipedia - A Enciclopedia Livre,

http://pt.wikipedia.org/wiki/Serra_da_Estrela,
(28.11.2007).

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tuberculose>,
(12.01.2009).

<http://en.wikipedia.org/wiki/Ch%C3%A2teau-d%27%C5%92x>, (12.01.2009).

http://pt.wikipedia.org/wiki/Monte_Atos,
(12.01.2009).

http://pt.wikipedia.org/wiki/John_Tyndall,
(12.01.2009).

http://pt.wikipedia.org/wiki/Serra_do_Bu%C3%A7aco, (12.01.2009).

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Matterhorn>,
(12.01.2009).

http://pt.wikipedia.org/wiki/Horace-B%C3%A9n%C3%A9dict_de_Saussure, (12.01.2009).

Blogues:

_A Vila,

<http://a-vila.blogspot.com/2006/10/afonso-costa-o-pai-do-estado-laico.html>, (09.01.2008).

_Blog da Rua Nove,

<http://blogdaruanove.blogs.sapo.pt/tag/sintra>,
(12.01.2009).

<http://blogdaruanove.blogs.sapo.pt/2007/12/>,
(12.01.2009).

_Expresso da Linha,

<http://expressodalinha.blogspot.com/2008/04/monte-estoril.html>, (12.01.2009).

_Gregarius » Para os lados de Sintra » Outubro 2007,

http://www.alagamares.net/noticias/Para_os_lados_de_Sintra/2007/10/, (12.01.2009).

_Histórias da Geologia,

<http://historiadageologia.blogspot.com/2006/04/os-alpes-de-saussure.html>,
(12.01.2009).

_Montanha,

<http://covilha.blogspot.com/2006/07/geologia-serra-da-estrela.html>, (12.01.2009).

_Para o Lados de Sintra,

http://parasintra.blogspot.com/2007/04/efemrides-de-hoje_15.html, (12.01.2009).

_Projecto Cascais,

<http://projectocascais.blogs.sapo.pt/1578.html>, (12.01.2009).

_Stre'SsNet,

<http://km-stressnet.blogspot.com/2007/09/>

costa-do-estoril-cascais-sintra-potugal.html,
(12.01.2009).

Foruns:

_Skyscrapercity,

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=424800>, (12.01.2009).

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=441221>, (12.01.2009).

CRÉDITOS DAS IMAGENS:

CAPA_ SILVA, Sara, Penhas Douradas, 01.05.2008.

FIG. I E II_ Postais cedidos pela Câmara Municipal de Manteigas, por requerimento feito em 24.01.2008.

FIM.